Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 474
Junho 1984
Segunda-feira

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

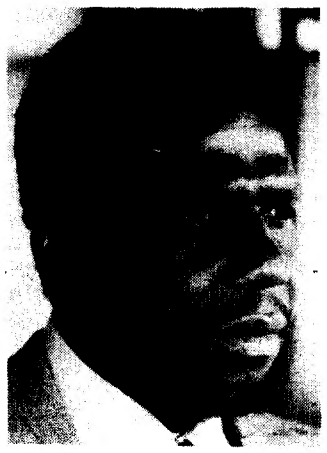
Nino Vieira em Lisboa

O presidente da República da Guiné-Bissau está hoje em Lisboa para uma visita oficial de cinco dias ao nosso País, a convite do Chefe do Estado português, António Ramalho Eanes.

João Bernardo Vieira tinha a sua chegada prevista para as 14 e 30, no aeroporto militar da Portela. Após a chegada, estava prevista a partida em helicóptero para o Mosteiro dos Jerónimos, em cujo túmulo de Camões depositará uma coroa de flores.

Às 17 horas, o presidente do Conselho de Estado guineense tem o seu primeiro encontro, no Palácio de Belém, com o Presidente Eanes. À noite, na Ajuda, será oferecido um banquete em

Continua na pág. 20



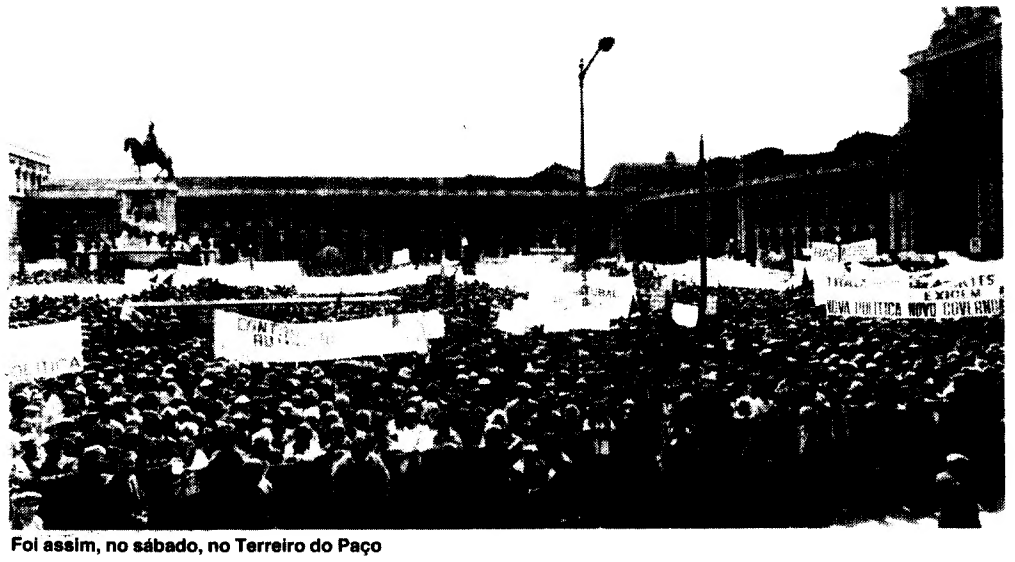
João Bernardo Vieira

Quem cumpriu a Lei dos Rendimentos?

Presidente do TC diz que é segredo...

Pág. 7

Política "quente" em fim-de-semana chuvoso



Foi assim, no sábado, no Terreiro do Paço

CGTP: resposta a Soares encheu Terreiro do Paço

Vindos dos mais diversos pontos do País, muitas dezenas de milhares de trabalhadores encheram o Terreiro do Paço no sábado à tarde, para protestarem contra os últimos aumentos de preços e exigirem um novo governo e uma nova política. Na moção de desconfiança ao Executivo aprovada pelos manifestantes (que por várias vezes vaiaram o nome de Mário Soares), salienta-se que «nunca, depois do 25 de Abril, a situação foi tão grave para os portugueses». Para além de reclamar a anulação dos aumentos de preços dos bens essenciais e a retirada do projecto de lei das rendas de casa, o documento exige também «a retirada da lei dos serviços de informação e do projecto de lei de segurança interna». No discurso de fundo, proferido por Armando Teixeira da Silva, do Executivo da CGTP-IN, o Primeiro-Ministro foi particularmente visado. O dirigente sindical apelou para a união de esforços «de todos os democratas» para tornar viável uma solução «alternativa a este Governo e a esta política».

Pág. 4

Capucho demite-se

O ministro da Qualidade de Vida, António Capucho, deverá entregar, ainda hoje, a sua carta de demissão ao Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares. Todavia, e no sentido de evitar especulações quanto à sua atitude, Capucho terá aceitado que a demissão apenas seja formalizada na próxima quinta-feira, imediatamente após a votação, no Parlamento, da moção de confiança apresentada pelo Governo.

Na sua intervenção de ontem, o Conselho Nacional do PSD, o antigo secretário-geral deste partido considerou «não estar galvanizado», ou não ter «força anímica» para continuar num Executivo de cuja eficácia e durabilidade duvida. Aí mesmo, Capucho admitiu que irá demitir-se no momento que entender «conveniente».

Sabe-se, entretanto, que numa reunião, quinta-feira passada, entre Mota Pinto e os restantes ministros do PSD, António Capucho adiantou logo não estar motivado para continuar no Go-

Continua na pág. 5

António Capucho

José Manuel Tengarrinha

MDP/CDE disposto a alargar alianças

Sem rejeitar as alianças que visem o alargamento do campo democrático e que a conjuntura do momento aconselharem, o MDP/CDE poderá concorrer autonomamente às eleições legislativas. Esta era talvez a questão mais polémica que o V Congresso daquele partido reunido neste fim-de-semana na Voz do Operário decidiu. Uma corrente que se concluiu ser minoritária, mas com significado como expressão de tendências, e que tinha o seu mais forte apoio na base de Évora, preconizava pura e simplesmente que o MDP/CDE tomasse desde já a decisão de concorrer separadamente às legislativas.

No mesmo sentido se exprimiu Romeu de Sousa, de Viana do Castelo, autor das intervenções mais críticas em relação ao Secretariado e àquilo que classificou como «falta de coragem» para levar o partido a afirmar-se como autónomo.

Durante a manhã de ontem uma comissão trabalhou no sentido de harmonizar tanto quanto possível as várias posições em confronto. Quanto às legislativas acabaram por ser apresentadas duas propostas: a do Secretariado e a de Évora. A primeira foi também subscrita pela executiva de Lisboa, que tinha também uma proposta própria. Porém o Secretariado aceitou acolher os pontos mais importantes. Por sua vez a proposta de Romeu de Sousa foi retirada, em benefício da de Évora.

Continua na pág. 5

Com Nancy, em Ballyporen, durante um «festival» de folclore

Reagan na Europa: o folclore antes do "Dia D"

O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, em plena campanha eleitoral para a reeleição, prepara-se para amanhã estar nas brumosas praias da Normandia a celebrar o desembarque dos «aliados». Reagan, seguindo, eventualmente, a esteira dos Kennedy, foi à aldeia irlandesa onde terão nascido os seus avós. A aldeia tem uma igreja e seis bares. Que nos conste ninguém lá deu pela visita de Ronald.. Pelo contrário.

Págs. Centrais

Hoje Sete Ponto Sete

FNAC
Somos o ar condicionado

Concurso Dez Anos Depois

Tão perto ainda

Ana Paula Neves Piçarra Bravo

É tão estranho sentir que estamos tão longe e que estamos tão perto, daquela maneira quente e carente que só vivem aqueles que estão longe das raízes mais profundas e intemporais, da casa, da família, dos amigos, de uma língua conhecida, onde as metáforas são simples desejos de se falar como se sente, como se é.

Como é estranho o sentimento de proximidade que nos dá o longínquo estar, 3000 km, dizem-nos os mapas. Números gordos, respeitáveis. Irrefutáveis. Alargo-me. Quantos palmos seriam necessários (palmos largos das minhas mãos, sempre pequenas, sempre pequenas), quantos palmos para medir uma tal distância? E se às vezes em que sonho estar aí, se pudessem medir, quantos sonhos teria que sonhar, embalar, acarinhar? Quanto pesaria na balança do medir, o enorme sonho-vontade, que tenho de estar aí, em multidão, punho e coração cerrados?

Interrompo-me. Será que tu, pai, poderás compreender o que te escrevo? Às vezes, penso que não é só uma questão de idades, connosco o problema é mesmo de gerações diferentes. A do futuro. Abril. A minha, impulsiva, generosa, louca como nenhuma outra antes e a tua, pai, atormentada entre o saldo do banco, as necessidades dos filhos e a consciência ou, simplesmente, aquela vontade terrível que nos sacode por vezes, vontade de gritar, de escrever as paredes a vermelho, por dentro dos olhos espalhar manifestos clandestinos, que vontade, que vontade — de escrever ou de gritar as palavras necessárias, as palavras sufocadas de urgência.

A tua geração, pai. A saber que depois das palavras, ainda está (estava) tudo por fazer. Uma geração sobrevivente, vinda de um passado falsificado, dividida entre o sonho e o medo, entre a vontade e o comodismo e o medo, mais uma vez a conquistar espaços. No entanto, é verdade o que rezam as novas crónicas, são verdadeiras as novas lendas, nem todos calaram o sonho maior. E correu sangue. Vermelho. Que em dia de Abril desfraldámos nas ruas, em homenagem a esses que para mim, representam a coragem, da tua geração e muito, muito mais do que isso, povo. É a pessoas como todos nós, mas que não calaram que devo este momento único que se tem quando não se é nada mais dos que uma parcela minúscula de um imenso colectivo, a pulsar ao ritmo da construção — do nosso futuro.

Como não me lembrar? Criança ainda, gritei na rua, liberdade, paz, pão, liberdade, liberdade! Ante os meus olhos emocionados, por adivinharem uma tragédia antes não suspeitada e que em ti já te doía (tanto antes) vimo-los sair das prisões, aos presos políticos. E gritei, com dez anos e o sorriso mais aberto que guardo na memória, «abaixo a Pide, abaixo a Pide», enquanto o Vicente que não tinha percebido bem o que se passava, dizia «abaixo a pive» como nos rimos disso uns anos mais tarde, rimo-nos da nossa pouca idade, da nossa ignorância, ingenuidade. Mas, ao mesmo tempo e estranhamente, compreendêramos o mais importante, que tudo estava a começar e que nada daí em diante seria igual ao passado. A responsabilidade do futuro avizinhava-se a passos largos das nossas mãos, pequenas, sempre tão pequenas.

Logo a seguir o Primeiro de Maio a acontecer. Toda a agente dizia, agora é que é, agora é que é. No rosto daquele moço que voltou do exílio nesse dia, no abraçao público de pai e filho, naquele abraço apertado e sem fim, ensinaste-me, pai, que a liberdade pode ter um preço caro. Um preço demasiado caro, quando se trata da própria vida.

Acho que cresci muito rapidamente, então. Os acontecimentos sucediam-se e eu afadigava-me a tentar compreender, a querer saber mais, sempre mais, uma paixão me agarrava aos livros e às pessoas que sabiam falar. O mundo era uma imensa incógnita que eu ia apalpando, pergunta atrás de pergunta e a geografia aprendia-a nos jornais diários, que se tornaram nessa altura a minha bíblia pessoal, já que outra seria incapaz de compreender. A minha confiança no homem, nos povos, substituia a fé no poder de um Deus que só conhecia de estátuas impressionantes, derrubava as minhas ideias místicas onde eu e Deus éramos o centro do mundo alternadamente. Perdi também (e sem me atormentar) o desejo de me tornar missionária, profissão para a qual me arrastavam as aventuras que lia nos almanaques religiosos.

Doloroso tinha sido para mim, esse sim, o sonho perdido de ser uma grande e graciosa bailarina de ballet. Eh, pai, mas na nossa terreola, quem é que se iria lembrar que existiam crianças pequenas com sonhos grandes? O ballet, o desporto, o teatro, são sonhos permitidos depois do 25 de Abril, permitidos e concretizados, mesmo contra muitos e com a ajuda de poucos. Ainda não demasiado tarde, para mim, mas...

Entretanto crescera. Muito timidamente para os lados, mais arrojadamente para cima. Fazia-me mulher, na azáfama cansativa das sucessivas batalhas eleitorais, enrouquecia a voz nas RGAs, nos comícios e discussões de café.

Tudo o que de novo Abril nos trouxe, recebi-o avidamente. Vivi tudo. Intensamente. Com a consciência de estar dentro de um tempo único.

Num tempo de mudança como aquele, o ensino teria necessariamente que ser diferente. Com os primeiros anos do Unificado, viajámos até às fábricas. Da mesma maneira tímida, apresentaram-nos o trabalho. E disseram-nos. Isto é uma fábrica. Aquilo que estão a ver ali mais adiante é uma máquina, tão útil como todas as máquinas, pois é certo e sabido que sem as máquinas inventadas pelo homem, o homem não seria nada. E tenham cuidado onde tocam e para onde vão, porque se podem sujar e isso não será de maneira alguma agradável.

Quando chegámos à altura de sabermos o que era um trabalhador e o que sentia ele, oito horas naquela fábrica, o que sabia ele da força da sua própria mão, nunca mais nos levaram às fábricas. Chamaram a isso reformas de ensino. Nós, apenas pensamos. Tiveram medo. Das nossas perguntas? Ou das respostas de quem trabalha?

Medo. Aqui está ele novamente. E no entanto também eu tive medo, pai. Tive medo por ti e por outros que contigo estavam, nas barragens de estradas do 11 de Março e 28 de Setembro, tinha sempre medo nas noites em que chegavas de madrugada a casa. Medo das sombras que cresciam ao lado, a traição a fermentar, a injustiça começava já a reinar, contra as nossas mãos não suficientes. Fonte da nossa força, do nosso não desistir, a erguernos, foi apenas a confiança que temos nas nossas próprias ideias, o rumor fundo e largo que se pressentia por detrás dos nossos passos.

Tempos difíceis — dizíamos. Mas antes desses, também os outros tinham sido difíceis. O importante é não desistir, dizias-me tu, pai, da mesma maneira que o escreves agora nas cartas que me envias, quando pressentes... o que pressentes tu, pai, quando me envias coragem?

Uma pequena pausa nesta tão longa e desconexa carta. É que de repente me senti muito triste, pai. Ao meu lado também crescem as sombras. Entrei no reino da desolação. Senti-me longe. E só. Desoladamente só. Uma vez escrevi em qualquer sítio que solidão também se aprende. Duramente. Surdamente. De dentes cerrados. Ao princípio doía-me mais. Já te contei que houve dias que não falei com ninguém dos meus fantasmas particulares? E eles, se soubesses como se calam quando lhes pergunto onde estão, o que fazem, em que é que se transformaram enquanto não os vejo, o que serão quando nos encontramos, que língua falarão as nossas vidas (talvez) irremediavelmente desencontradas.

Uma vez por ano, aqui neste país estranho, interrogo-me, mas hoje não é Abril?

E dizia Abril, pai, e as gaivotas em pânico suicidavam-se.

As palavras sangravam, sangravam, nos meus cadernos, até eu própria me esvair em sangue.

Abril, pai, e as ruas não cheiram a cravos, os nossos olhos não são vermelhos (reflexos das bandeiras quando descem aos nossos olhos para serem mais verdadeiras).

Abril, pai, e em todo o lado o dia é igual, a mesma calma aprendida à força do hábito ou da bastonada certeira.

Abril, Abril e passo para o outro lado da rua para não encontrar o amigo(?) chato, resmungo porque no sexto andar não há água ou porque o café não estava suficientemente quente.

Estou-te a chocar, pai? Mas sabes, é verdade. E à noite, vou para a festa, de pedras na mão.

ABRIL, pensava eu e a loucura, a única loucura consentida, luzia no fundo da garrafa de cerveja. Até as lágrimas foram proibidas. Para não aborrecer ninguém, para não estragar a festa aos outros, áqueles que só conhecem a loucura permitida.

No entanto, ao fim da noite, ruiu a ordem estabelecida. Ofereceram-me um cravo vermelho, nem muito grande, nem belo, nem tão pouco bem cheiroso, um cravo vermelho nascido numa estufa, que provavelmente nunca vira a luz do Sol e por isso cresceram já assim triste. Mas era um cravo vermelho e ao apertá-lo com ambas as mãos (de onde tinham caído as pedras) eu sentia-o a pulsar, a pulsar, tão descontroladamente como eu. Por entre as lágrimas, finalmente a viagem começava, cravo vermelho como passaporte. A viagem até Abril, mas aí.

Em Portugal, pelas ruas, hoje mais calmas (mais esgoístas?). Abril está morto, ou então, murcharam os cravos de uma vez por todas, escreviam alguns, diziam outros. Foi uma coisa que aconteceu e que já passou.

Assim, tão simplesmente com se nada tivesse acontecido na realidade.

Como se fosse tudo um sonho dos homens que não quiseram um dia que tudo continuasse igual no outro.

Confesso. A verdade é algo, demasiado para além de nós. tão dentro do nosso interior que é difícil de provar. Mas não posso duvidar desta voz que saindo de mim, deixa de ser minha e é de toda esta multidão que grita «Viva o 25 de Abril». É como se disessem, enquanto nós...

Pai, tu também sabes, Abril está vivo. Na imensa memória colectiva do meu povo. Em tudo aquilo que se levantou, árvores, que se plantaram, poemas que se escreveram. Como é possível morrer Abril, o maior e o mais belo sentimento que nos une, a todos?

Dói-me o não estar aí, porque sou de Abril, tão sem necessidade de explicações... Abril — sem esse dia, sem esse gesto de alguns considerados loucos mas a quem o povo apelidou de heróis, eu não seria este eu, a olhar para o mundo com as mãos cheias de projectos de justiça. Não seria este incessante desejo de avançar, não seria este amor, nunca mais envergonhado, por um povo a que pertenço, por uma terra que me corre nas veias, por um mar que se me espelha nos olhos. Sem Abril, a minha escrita, estas palavras timidamente alinhadas, dificilmente transportariam algo mais do que um conjunto vago de sensações, ao gosto de censura e censores, ao jeito de mentalidades estreitas e preconceitos absurdos.

Não, pai, Abril, eu sei bem, são dez anos, eu sei bem o que são dez anos, metade da minha vida, dez anos, eu sei, eu sei bem as esperanças que deixámos caídas, atrás, mas que importa, pai, não é da luta que o mundo se constrói? Não quero ser nem romântica, nem utopista, nem conformada. Há os avanços, as esperas, os recuos, o gosto amargo na boca e a desistência ao mesmo tempo da vontade férrea de continuar até à exaustão, há também a procura constante de verdade e do aperfeiçoamento (à procura dos caminhos que a ela conduzem) que é por isso que estou aqui longe, depois de ter atravessado fronteiras e preconceitos.

Abril não é só uma data. É um grande sonho. Acarinhado por muitos. Tantos que nem imaginaríamos possível, nos mais variados lugares do mundo. Há no vocabulário humano uma palavra maravilhosa, solidariedade. Não estamos sós.

Não desistiremos, pai. É uma afirmação, poderia chamá-la de promessa, é um hino se a cantarmos, uma vontade, de estar de pé. A assumir o futuro.

Imagino-te, comovido perante as minhas palavras e a pensar, é que sabes, ainda está tanto por fazer, nas ruas das nossas cidades, nos pensamentos das nossas gentes. Tanto por fazer...

Não te respondo (estaremos aí, bem o sabes).

Tenho que voltar, aqui. A este país onde em Abril te escrevo. Dolorosamente. Muitos quilómetros distantes (quantos palmos seriam, medidos pela minha mão larga, mas tão pequena, sempre tão pequena?). Regressei.

A dor comigo. Ao meu lado. Aqui ao meu lado, pai, como quase sempre, à espera. Estendi-lhe a mão e agarrei a dela, fortemente. Pela primeira vez sinto-a solidária, quente, fraterna. Porque é Abril, pai. Porque é Abril.

Congresso de Doença do Tórax em Lisboa até quinta-feira

O Quinto Congresso de Doenças do Tórax, que ontem se iniciou em Lisboa, «corresponde a um dos principais objectivos da Academia Internacional dos Médicos e Cirurgiões Toráxicos», afirmou o professor Ramiro Ávila, presidente do Conselho da Europa daquela sociedade científica, na sessão inaugural do Congresso, presidida pelo Chefe do Estado.

Apoiado pela citada Academia, com sede nos Estados Unidos e mais de cinco mil associados em 92 países, o Congresso é organizado pelo capítulo português da Academia, agrupando até à próxima quinta-feira 600 médicos especialistas de 40 países em pneumologia, cardiologia e cirurgia toráxica, dos quais 220 são portugueses.

Depois de saudar o Presidente da República e as restantes individualidades, Ramiro Ávila disse que aquela «Academia Internacional tem a finalidade de manter uma sociedade internacional de especialistas altamente qualificados em medicina cardiopulmonar, assim como em disciplinas afins».

«Por outro lado – afirmou – procura ainda promover altos níveis de prática clínica, programas de educação e investigação, cooperar com as faculdades de medicina e outras organizações e sociedades científicas, no sentido de valorizar o ensino e formação pós-graduada dentro destes ramos das ciências médicas».

«Foi há três anos, em Tessalónica, que aceitámos a honra que nos foi concedida pela International Academy of Chest Physicians and Surgeons de organizar, em Lisboa, o quinto congresso europeu de doenças do tórax» – recordou, seguidamente, o professor Freitas e Costa, presidente do comité executivo da reunião.

Freitas e Costa salientou ainda que a comissão a que preside se esforçou por «conseguir um programa científico actual e diversificado e que pudesse congregar os mais prestigiados pneumologistas, cardiologistas e cirurgiões toráxicos não só da Europa como do resto do mundo».

Mais de 250 comunicações, sete conferências plenárias e exposições científicas, educacionais e industriais decorrerão neste Quinto Congresso Europeu de Doenças do Tórax.

Os docentes universitários portugueses Cortês Pimentel e Robalo Cordeiro, respectivamente das Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra, estão entre os únicos sete especialistas de renome internacional que intervirão em sessões plenárias do Congresso.

Entre os temas principais que constituem o fulcro da análise, debate e intercâmbio de experiências do Congresso, estão as doenças pulmonares profissionais, tuberculose, circulação pulmonar, metabolismo pulmonar, emergências toráxicas, cirurgia da traqueia e brônquicas, doenças pericárdicas, cardiomiopatia, tratamento eléctrico e cirúrgico da arritmia e morte súbita.

política de A a Z

As estruturas sindicais e as "reformas estruturais"

*«Quando se fala de política, toma-se o papel do cidadão.» (**Seara Nova**, 8 de Junho de 1926).*

António Sérgio

QUANDO o «discurso-do-poder» assume o tom, a forma e o conteúdo da comunicação do Primeiro-Ministro ao País, ninguém se deverá admirar – e muito menos aqueles que o ouviram e viram no pequeno écran – de os comentários lhe serem abertamente desfavoráveis, ou de, embora contidamente, manifestarem o espanto e a reprovação. À consciência dos cidadãos atentos, à sensibilidade dos democratas, à militância dos socialistas, coloca-se, inevitavelmente, a interrogação: Como é possível ir tão longe e ficar tão perto?

Que as arrastadas e propaladas conversações para a «remodelação ministerial» tenham conduzido os dirigentes do PS e do PSD a um ponto morto, é coisa que se compreende. Já não se compreende que se pretenda transformar o «agravamento» da crise das relações entre os dois partidos coligados em «ultrapassagem» dessa crise, que se converta a incapacidade de chegar a acordo na supressão e/ou redistribuição das pastas ministeriais em acordo conclusivo sobre a desnecessidade da anunciada «remodelação», que se apresente o insucesso negocial como sucesso político.

Na realidade, o Primeiro-Ministro cedeu a Mota Pinto e aceitou o «facto consumado». Foi Mota Pinto que, em primeira «mão», tornou pública a vontade política de não efectuar a «remodelação». Comunicou esta vontade ao Primeiro-Ministro depois de a ter revelado publicamente, e este, na sua comunicação ao País, lançou-se numa «fuga para a frente»: o anúncio de «reformas estruturais».

Importa sublinhar, a respeito destas «reformas estruturais», que elas deverão ser realizadas, segundo afirmações de Mota Pinto corroboradas pelo Conselho Nacional do PSD, no curto prazo de 60 dias, que deverão ser levadas a cabo por uma equipa governativa que carecia de «remodelação». As clivagens entre ministérios, os atritos entre ministros e secretários de Estado do mesmo ministério, entre governantes «socialistas» e governantes «sociais-democratas» são conhecidas e o próprio Primeiro-Ministro, na sua comunicação, não deixou de fazer uma referência às dificuldades de **um** *«Governo de coligação».*

O novo «facto político» – a promessa de «reformas estruturais» para insuflar um frouxo alento à «coligação» – surge, com o reconhecimento público das dificuldades da «remodelação» e com a cedência do Primeiro-Ministro a uma exigência do vice-primeiro-ministro. Mais uma vez, na história da política de «coligação» do PS e do PSD, é Mário Soares que faz as despesas da «estabilidade» de Mota Pinto. Não se tratou de assegurar a «estabilidade governativa» – para essa apresentar-se-iam outras saídas mesmo com «coligação» –, mas da «estabilidade de liderança». Do PSD, em primeiro lugar, talvez, também, do PS.

Para o Partido Socialista o preço da política de «bloco central» está a ficar muito alto. Não será indiferente para os militantes e eleitores socialistas que a imagem pública de Mário Soares se desgaste o que poderá ser explicado por circunstâncias conjunturais e pelos custos da governação em tempos magros, e se comprometa – o que é muito mais grave – com um figurino autoritário que levará a um choque com a globalidade do mundo laboral.

Confundindo os desejos seus com a realidade política e sindical do País, o Primeiro-Ministro falou do retraimento dos trabalhadores às chamadas da CGTP-Intersindical. Fê-lo depois da manifestação do 1.º de Maio deste ano e fê-lo antes da concentração de sábado, dia 2 de Junho, no Terreiro do Paço. Se a realidade do 1.º de Maio de 1984 desaconselhava o irrealismo do Primeiro-Ministro, a concentração de 2 de Junho confirmou quanto é perigoso para um homem político obstinar-se na confusão entre os seus sentimentos pessoais e os sentimentos profundos (que não só políticos, que não exclusivamente ideológicos) das classes trabalhadoras.

A força da CGTP, o prestígio da ideia unitária, a serena mas firme condenação de uma política que não é popular e que atinge aspectos de desafio ao povo e um carácter político antipopular voluntário foram as notas dominantes de uma manifestação largamente participada pelos trabalhadores dos campos, das fábricas, dos serviços, das actividades culturais.

Em vão se procurará reduzir o volume e o significado das manifestações do 1.º de Maio e de 2 de Junho. Em vão se procurará explicá-las como «manobras» políticas concebidas por um grupo de conjurados contrários à «ordem» e à «estabilidade». É, justamente, a instabilidade social – o desemprego, os salários em atraso, a alta vertiginosa do custo de vida, a miséria do quotidiano, o futuro incerto – e a desconfiança que despertam os apóstolos de «reformas estruturais» que ameaçam regressos ao tempo antigo, que levam o povo a corresponder a apelos cujo sentido compreende, a cujo objectivo adere.

Contra os vaticínios do Primeiro-Ministro – mal informado que parece estar, mal aconselhado que parece ser – a CGTP mantém posições e à vista do número de jovens que têm acorrido aos seus apelos recentes, dá mesmo a impressão de alargar a sua influência. Mas para Mário Soares – não se esqueça que é o secretário-geral de um partido com implantação no meio social operário e nas camadas dos trabalhadores dos serviços – o problema da desmesura do «discurso-do-poder» e do irrealismo das «reformas estruturais» – apresenta uma redobrada dificuldade: o confronto com a UGT, vindo juntar-se à firme oposição da CGTP.

As cedências a Mota Pinto são irrealistas e caras. Podem vir a unir o campo dos trabalhadores contra as «reformas estruturais».

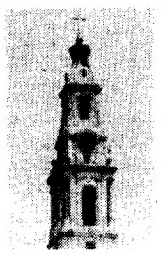
ponto a ponto

ESTA tarde, pelas 18 horas, realiza-se na Casa do Alentejo, um encontro de individualidades que estiveram ligadas ao projecto político de Abril e às actividades que foram cometidas à 5.ª Divisão do EMGFA. Será apresentado pelo colectivo que o organizou o «LIVRO BRANCO DA 5.ª DIVISÃO» e serão recordadas as diversas actividades de dinamização cultural. A entrada é livre.

O **Movimento Democrático das Mulheres** dirigiu ao Primeiro-Ministro um documento no qual afirma que a criança em Portugal é castigada por razões sociais cuja responsabilidade é de gestão estatal. Diz o MDM que as crianças portuguesas «têm hoje uma vida com pouca esperança».

«O desemprego, não-pagamento de salários, o aumento vertiginoso dos preços, a assistência médica inacessível, trouxe a degradação das condições de vida, trouxe a toda a sociedade portuguesa problemas graves a que urge pôr fim» — acrescenta o MDM.

A **União de Resistentes Antifascistas** (URAP) enviou um telegrama ao Primeiro-Ministro manifestando «indignação e surpresa» pelo conteúdo da proposta de lei sobre segurança interna elaborada pelo Governo. A URAP refere no telegrama que aquele projecto de diploma ameaça gravemente a liberdade dos cidadãos «que, além do mais, viola a Constituição da República». Reclamando que o Governo retire aquele projecto, a URAP recorda os métodos utilizados pela PIDE-DGS que provocaram «profundas feridas ainda não saradas».

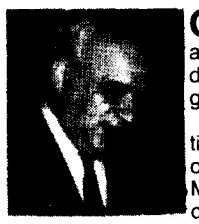


O bispo de Aveiro e presidente da Conferência Episcopal presidiu, em **Fátima,** ao encerramento das jornadas sociais da acção católica rural.

Participaram nos trabalhos, que decorriam desde sexta-feira no Centro Paulo VI, 500 delegados de todas as dioceses do continente e ilhas.

Os debates giraram em torno das transformações registadas no mundo rural nos anos oitenta.

UMA delegação do Partido Comunista Português, liderada por Álvaro Cunhal, parte amanhã para a Síria, país que visita a convite da direcção nacional do Partido Baas Árabe Socialista.



O ministro da Indústria e Energia, **Veiga Simão,** afirmou à ANOP que vai encetar um programa junto de empresas para promover a poupança de energia.

Esse programa consta da concessão de incentivos financeiros para instalação de equipamento com vista à poupança de energia, proporcionando o Ministério da Indústria a concessão de 30 por cento da verba necessária no âmbito deste programa a fundo perdido.

Veiga Simão, que visitou oficialmente a Guarda, referiu ainda um programa de apoio ao desenvolvimento industrial do interior.

Somos capitães, não somos animais para abate

— *Carta dirigida ao sr. ministro da Defesa Nacional por ex-oficial miliciano*

Manuel Pinto dos Santos

Permita-nos, senhor ministro, que nos apresentemos: somos capitães do Exército e do Corpo de Tropas Pára-Quedistas da Força Aérea, parte integrante de uma vasta problemática conhecida pela questão dos oficiais provenientes da Academia Militar e oriundos do Quadro de Complemento.

Questão pejada de injustiças que nenhum conformismo ou resignação poderão colmatar. Fomos milicianos e nessa qualidade combatemos no Ultramar, comandando tropas debaixo de todos os riscos. Na dureza da guerra e na condução dos homens que nos foram confiados, soubemos adquirir a mística inigualável do militar que caldeia o espírito e o carácter diante do perigo permanente e das situações mais atrozes e absurdas; afirmamo-nos no convívio da morte de camaradas que nos eram queridos e da nossa própria morte, tantas vezes a roçar-nos a pele. A comandar homens e a obedecer a chefes, compreendemos a complexidade da disciplina, o respeito dos outros, o amor da camaradagem, o valor da coragem e as razões da covardia. Aprendemos, pelo estudo e pela prática diária das operações, a técnica e a táctica do combatente, a cumprir e a obedecer, a dar tudo de nós próprios na defesa dos altos valores morais e históricos do Exército e das Forças Armadas. Participámos, nesse tempo de guerra, de toda a sua grandeza. Em nome de tudo isso, senhor ministro, e em resposta a uma vocação desperta debaixo do fogo do combate, e não nas carteiras do liceu, decidimos não despir mais a farda e prosseguir os estudos da Academia Militar, única via justa para a profissionalização adequada dos oficiais do Exército. Evitámos rumos ínvios, carreiras duvidosas, acessos fáceis, toda essa trama legislativa aliciadora de milicianos, sem cursos nem concursos, para uma carreira condicionada então pelo fenómeno imediato da necessidade de ganhar quadros para a guerra. Referimo-nos, senhor ministro, como já deve ter calculado, ao Quadro Especial de Oficiais (QEO). Para aí entraram outros milicianos, alguns anos mais modernos que nós, sem frequência de qualquer curso formativo, sem o sacrifício da passagem pelas carteiras da Academia Militar, sem tudo quanto essa passagem significa de valorização técnico-cultural para o desempenho da função militar.

Somos hoje, nós, os que escolhemos essa via de qualificação, ainda capitães, alguns com **catorze anos** de posto. Os outros, senhor ministro, cinco, seis, sete anos mais modernos do que nós, foram já, no QEO, promovidos a majores... e exercem a sua antiguidade sobre nós, nos mesmos quartéis!

Estamos integrados nos respectivos cursos de saída da Academia Militar, aguardando que a esses cursos sejam abertas vagas para a promoção ao posto imediato. Quando a alguns isso acontecer, será tarde demais, pois terão já, porventura, sido atingidos pelo limite de idade imposto pelo Decreto-Lei n.º 176/71 de 30 de Abril, com a redacção que lhe foi dado pela Portaria 524/75 de 28 de Agosto, e ficarão — e alguns já ficaram — de pernas quebradas, eternamente em capitães ou misericordiosamente promovidos a majores e atirados compulsivamente para a Reserva pelo Decreto-Lei n.º 239/77 de 8 de Junho... Como trapos velhos, aos 48 anos de idade!

Mas se para isso ainda pudéssemos encontrar uma certa reserva moral que nos sossegasse do desencanto e da mágoa, dando-nos forças para o conformismo, já o mesmo não é possível, nem é humanamente admissível que se nos exija, quando vemos, perplexos e revoltados, que os tais milicianos, efectivamente ainda milicianos e bem mais modernos que nós — subalternos eram eles e nós já capitães, alguns curiosamente sob o nosso comando — sem os graus académicos próprios da profissionalização que deveriam ser só e apenas os outorgados pela AM e pelo Instituto Superior Militar, estejam a ser promovidos a majores no QEO. Vimo-lo sempre, a esse Quadro, com uma expressa vocação para a extinção — sem que nisto punhamos qualquer juízo de valor em relação aos camaradas que nele ingressaram — mas tal não aconteceu. O que se vê, é o seu incondicional proteccionismo, a resposta pronta às suas reivindicações. E em nome de quê, afinal? Em, nome e em resposta, afirmamos nós, a uma estrutura legal de cariz meramente circunstancial e obedecendo a uma conjuntura bem específica e já ultrapassada. Mas isso não perturba a consciência, nem tira o sono de quem está hoje nas primeiras linhas da Administração das Forças Armadas. Como se as leis estivessem acima dos homens e estes nada pudessem contra elas. Querem reduzir-nos, assim, a uma espécie de vítimas de um equívoco histórico e, como tal, a um inilutável fatalismo. Incapazes que são de alterar as chamadas leis que nos impõem a humilhação e o silêncio, mais parecem apostados numa solução biológica do nosso problema, isto é, que morramos pura e simplesmente para que então, após a morte natural, se extinga tão anómala situação.

Eis, senhor ministro, o que não aceitamos: sermos membros de uma instituição militar que se preocupa mais com verbas e canhões do que com os homens que a formam. Não nos ouvem e se nos ouvem, não nos tomam a sério. Querem fazer-nos crer que a nossa promoção, ultrapassando alguns capitães, do QP, como nós, geraria uma situação de mal-estar entre esses oficiais e criaria condições para uma indesejável «desestabilização» (o fantasma maior dos tempos modernos!). E nós perguntamos: onde estavam esses capitães do QP, quando nós já o éramos, nas décadas de sessenta e setenta, em plena campanha da guerra de Africa? E que sentido de «casta» possuirão esses mesmos capitães quando aceitam a seu lado majores de QEO mais modernos do que eles no posto de capitão e pretendem rejeitar a nossa promoção?

Quererá isto dizer que não temem a desestabilização pelo tratamento que nos dão? Se assim é, não estarão a jogar vergonhosamente no nosso alto sentido da ética, e do respeito pelas leis que nos regem?

O que queremos, senhor Ministro, é simples. Sabemos que o General CEME prepara um projecto de legislação especial para dar resposta a uma velha e justa reivindicação dos oficiais afectados pela chamada problemática do QP/QC. Mau-grado nosso, o Exército, uma vez mais, marginaliza-nos, esquecendo que existimos e que a nossa situação é tanto ou mais grave e injusta que a dos majores e tenente-coronéis, a quem a nova legislação parece querer privilegiar em exclusivo. **Somos capitães, sr. Ministro, não somos animais para abate.** E se acaso o Exército assim nos quer tratar, esperamos que da sua visão política saia outra luz para a resolução do problema.

Em síntese, o que se passa e o que desejamos é isto: Após anos de controverso silêncio, o EME encontra-se em vias de desbloquear a ingrata situação de quantos entraram para a Academia Militar ao abrigo de disposições legais que lhes permitiam abertas perspectivas de uma carreira normal até aos postos de tenente-coronel e coronel, mas que, após 1975, viram drasticamente reduzidas essas perspectivas, através de novos limites de idade fixados em cada posto, como condição para transitarem para a chamada «reserva activa», onde tudo lhes é exigido e nada mais lhes é conferido em termos de avanço na carreira. Se para majores e tenentes-coronéis nos encontramos – felizmente – próximos de se superar tal injustiça, pela revogação pura e simples da legislação que lhes traiu as normais e justas aspirações de promoção, como se pode admitir que a mesma problemática, ajustada aos capitães, deixe tão indiferentes os mesmos chefes, quanto tudo, afinal, é bem mais simples no seu caso, já que nada há a revogar ou a promulgar, mas tão-somente pôr em execução a letra e o espírito de lei já existente? Referimo-nos, sr. Ministro, ao disposto no parágrafo 37 da Lei n.º 2135 de 11 de Julho de 1968, no qual se lê:

«Finda a preparação para ingresso no QP será, para todos os efeitos, contado como prestado neste QP o serviço efectivo dos oficiais do QC, prestado no comando de tropas em campanha».

Veja bem, sr. Ministro, que a simples aplicação de tal diploma legal, que nenhuma legislação posterior revogou ou alterou, em parte ou no todo, seria o sufi-

Continua na pág. 17

Vindos de todos os pontos do País

Dezenas de milhar de pessoas manifestaram em Lisboa a sua desconfiança ao Governo PS/PSD

Na primeira concentração de nível nacional que decorreu no sábado à tarde no Terreiro do Paço, em Lisboa, por iniciativa da CGTP-IN, muitas dezenas de milhares de pessoas provenientes dos mais variados pontos do País aprovaram uma moção de desconfiança e rejeição da política do Executivo de Mário Soares/Mota Pinto. Entre outros aspectos, o documento apela «aos democratas e patriotas e a todas as forças que se identificam com o 25 de Abril para unirem esforços com vista a viabilizar urgentemente uma solução democrática alternativa à actual política e a este Governo.

1 — O Terreiro do Paço foi no sábado o ponto de encontro de muitos milhares de trabalhadores que exigiram um novo governo e uma nova política

Gentes de todas as idades gritaram: «Basta de miséria e de fome»

Presentes na concentração, segundo a Intersindical, trabalhadores dos 18 distritos do continente, sendo de 1850 o total das organizações que apoiaram a jornada. A mesma fonte referiu a vinda de cem autocarros do Porto e mais 30 de Braga, além de vários comboios especiais. Mas o total dos autocarros utilizados foi superior a 800.

A manifestação, que de acordo com os organizadores «foi a maior de sempre realizada no Terreiro do Paço», foi convocada, porque, citando palavras de Álvaro Rana, «basta de miséria, basta de fome» e é necessária «uma política que corresponda às necessidades e aspirações das classes laboriosas».

«Concretizar uma verdadeira alternativa»

Antes da aprovação da moção, Armando Teixeira da Silva, do Executivo da CGTP (central que afirma representar 1,5 milhões de trabalhadores distribuídos por 210 organizações sindicais) reafirmou o «empenhamento e a determinação de prosseguir a luta contra este Governo e a sua política».

Considerou que está demonstrado «o isolamento deste Governo» e que «existem condições para se concretizar uma verdadeira alternativa democrática e patriótica» e disse ser «imperioso desenvolver todos os esforços e acções com vista ao reforço da unidade e entendimento entre os diversos sectores democráticos».

Este entendimento permitiria, segundo Teixeira da Silva, «tornar viável a concretização de uma solução governativa, alternativa a este Governo e a esta política».

De referir que o Primeiro-Ministro foi particularmente visado neste discurso (com apupos por parte dos manifestantes, cada vez que o seu nome era referido) designadamente pela sua última intervenção televisiva.

Teixeira da Silva afirmou que a intervenção de Mário Soares na RTP foi uma «conversa em família» e acusou o Primeiro-Ministro de «ameaçar e caluniar os trabalhadores e a CGTP-IN» ao «procurar ligar os atentados terroristas às acções que as massas populares desenvolvem».

Exemplos de terrorismo?

O dirigente da intersindical responsabilizou o Governo por «ineficiência no combate ao terrorismo» e deixou a interrogação – «Não será o Governo que dá exemplos de terrorismo ao mandar prender e espancar violentamente os trabalhadores, quando estes manifestam pacificamente o seu descontentamento pela sua política?»

A questão da remodelação governamental foi outro ponto em destaque no discurso de Teixeira da Silva, que também sob a forma de interrogação aludiu se a decisão de manter o actual elenco governativo não terá subjacente «sinistras jogadas de bastidores».

O orador referiu-se em concreto ao afastar de hipóteses de remodelação governamental como «moeda de troca para eventuais apoios políticos a candidaturas à Presidência da República, a destruição do sector nacionalizado, da Reforma Agrária e a liberalização dos despedimentos».

O dirigente sindical sublinhara anteriormente: «Estamos aqui com a certeza de que, tal como derrotámos os Governos da AD e o seu candidato a Presidnete da República, também este Governo e a sua política não passará».

Os participantes na concentração empunhavam vários cartazes e bandeiras vermelhas e negras e gritaram várias palavras de ordem, entre as quais, «Soares mente com a fome que a gente sente», «Não queremos aqui o FMI», «A luta continua/Governo para a rua» e «Queremos um Governo novo/Com Abril e pelo Povo».

De Norte a Sul

A concentração nacional de sábado trouxe a Lisboa muitos milhares de trabalhadores de Bragança, Vila Real, Guimarães, Braga, Porto, Viana do Castelo, Aveiro, Zona Centro, Beiras, Setúbal, Alentejo e Algarve.

A meio da tarde, com o sol quente, viam-se milhares de pessoas pelas principais artérias da cidade, encaminhando-se para o Terreiro do Paço e a Baixa estava literalmente «cheia». Os comboios da linha de Sintra e de Cascais vinham repletos. Mas para muitos a jornada começou logo de manhã, com a partida das camionetas dos locais mais distantes.

Na capital houve vários locais de confluência como o Martim Moniz, o Parque Eduardo VII, Santa Apolónia e o Largo de Santos. E dali seguiram em desfile para o Terreiro do Paço, num mar de gente de todas as idades, confiante na sua força e na vitória popular.

"Nunca a situação foi tão grave"

A opção aprovada na concentração nacional de sábado, e que esta semana vai ser entregue pelos dirigentes da central sindical aos órgãos de soberania, condena «a política social do Governo, exigindo a anulação dos aumentos dos preços dos bens essenciais a imediata criação de um **Cabaz de Compras** e a retirada do projecto de lei das rendas de casa».

Depois de considerar que «nunca depois do 25 de Abril, a situação foi tão gave para os portugueses», o documento (lido por Constantino Alves, dirigente sindical metalúrgico) exige também «a retirada da lei dos serviços de informação e do projecto de lei de segurança interna».

Entre 1975 e 1983 o custo de vida aumentou mais de 390 por cento, enquanto os salários subiram apenas 280 por cento, o número oficial de desempregados aumentou 237 por cento, a dívida externa 46 vezes, os encargos com a dívida do Estado, 48 vezes, o défice da balança comercial cresceu 620 por cento e o da balança de transacções 1191 por cento – salienta o texto da moção.

Em onze meses de Governo da coligação PS/PSD o preço da água aumentou 55 por cento em geral e 72 por cento e Lisboa, o do pão 45 por cento, o do leite 120 por cento e o dos transportes 56 por cento – acrescenta o texto depois de referir que no mesmo período as pensões aumentaram menos de 20 por cento e os salários cerca de 18 por cento.

No Congresso do SIMA

Torres Couto fez um discurso de oposição ao bloco central

«A situação é muito grave e avizinha-se um verão quente» disse à NP o secretário-geral da UGT, Torres Couto, durante o III Congresso do Sindicato das Industriais Metalúrgicas e Afins (SIMA) que se realizou este fim-de-semana em Lisboa.

Torres Couto revelou ainda que a central sindical vai solicitar esta semana uma audiência ao Primeiro-Ministro para saber quando será convocada a próxima reunião do Conselho Permanente de Concertação Social. Posteriormente, e ainda de acordo com as palavras daquele dirigente sindical, será convocado um plenário de sindicatos filiados na UGT para analise da situação.

No discurso de encerramento do III Congresso do SIMA, que fontes sindicais da UGT classificaram «de oposição ao actual Governo, Torres Couto criticou duramente a política económica e social do «bloco central».

«Num momento em que há 500 mil desempregados, 150 mil trabalhadores sem salário e em que o poder de compra já diminuiu, só este ano, em 10 por cento, o Governo está mais empenhado em lutas intestinas do que nos interesses do povo português», disse o dirigente da UGT.

«Não foi para isso que combatemos e derrotámos o Governo da AD e muitos de nós deram a vitória ao Partido Socialista», acrescentou.

Patronato continua impune

«O patronato reaccionário, que descapitaliza as empresas, que não paga salários, que sabota a economia continua impune, pois ainda nenhum foi levado à barra do tribunal», acusou Torres Couto.

«Não há o combate à corrupção, não vão para a cadeia os que cometem crimes económicos».

Sublinhando que a UGT respeitará sempre qualquer Governo legitimamente eleito, o secretário-geral da UGT afirmou: «É altura de dizer basta. A situação é grave e preocupante, mas estaremos atentos e mobilizados, e tomaremos todas as medidas que forem necessárias para que a revisão das leis laborais não vão por diante».

«Estamos nesta altura a fazer um braço de ferro com o patronato e parte deste Governo, tendo com fulcro o pacote laboral», disse o líder sindical.

«Se o Governo tentar resolver a crise através da lei dos despedimentos será claramente contra nós», acrescentou, para ameaçar: «Iremos até às últimas consequências».

«O que o patronato pretende com as novas leis é partir o movimento sindical e expulsar das empresas os activistas sindicais. Nunca o permitiremos», frisou Torres Couto.

José Simões (que foi reeleito secretário-geral do SIMA) e outros dirigentes deste sindicato paralelo criticaram a televisão por não ter dado cobertura ao Congresso, depois de ter noticiado o Encontro da Federação de Metalúrgicos da CGTP.

O SIMA reclama 30 mil sócios, é o maior sindicato operário da UGT e é o único sindicato metalúrgico português filiado na Federação de Sindicatos Europeus (FEM) e na Federação Internacional de Trabalhadores da Indústria Metalúrgica (FITIM).

Redução do desemprego passa pela semana laboral de 35 horas

- defendem Partidos Socialistas europeus

Dirigentes socialistas dos dez países do Mercado Comum e de Portugal e Espanha defenderam ontem a semana laboral de 35 horas, a antecipação da idade de reforma e períodos de férias maiores para reduzir o desemprego na Europa.

«Todos os Partidos (Socialistas) europeus concordam na necessidade de ser encontrada uma solução europeia» para a crise económica responsável por 13 milhões de desempregados na Comunidade Europeia, afirmaram os dirigentes na declaração divulgada após o encontro.

Os 14 líderes representavam todos os Partidos Socialistas dos «Dez». A Bélgica e a Itália têm dois Partidos Socialistas. Também estiveram representados os Partidos Socialistas português e espanhol.

A reunião teve lugar duas semanas antes das eleições para o Parlamento Europeu.

Além da semana laboral mais curta, da antecipação da idade de reforma e de férias mais longas, os dirigentes sugeriram que sejam feitos mais esforços para modernizar as indústrias da Europa. Também recomendaram que o Mercado Comum fortaleça os seus laços com o Terceiro Mundo e reduza a sua dependência económica e financeira dos Estados Unidos através duma maior estabilidade entre as moedas europeias.

V Congresso do MDP/CDE

Surpreendente manifestação de vitalidade política

Comissão Política de mãos livres para definir alianças

Continuação da pág. 1

Esta questão das alianças havia no entanto sido separada em duas alíneas – princípios gerais e coligações – que foram votadas separadamente. Quanto a estes princípios gerais havia apenas o texto do Secretariado, que viria a ser aprovado por maioria, com 3 votos contra 8 abstenções.

Basicamente esta parte da proposta defendia que «o MDP/CDE, sem prejuízo da sua própria afirmação e identidade e na decisão estratégica que o norteia, não abrandará nenhum esforço nem desperdiçará nenhuma oportunidade para conseguir, em cada momento, que a unidade dos democratas seja hoje, como no passado, a mais ampla possível, pelo que continua disposto a realizar as alianças políticas que melhor sirvam a democracia nas condições políticas das possibilidades concretas».

Mas, se em relação aos princípios gerais da política de alianças as divergências de fundo não eram visíveis, o mesmo já não acontecia quanto às coligações para as legislativas em que se defrontavam basicamente duas correntes. Uma encabeçada pelo Secretariado que pretendia uma larga margem de manobra futura para actuar face às condições concretas que se apresentassem e que a base dos professores de Lisboa acabaria por subscrever após o Secretariado ter aceite introduzir uma alteração na qual se afirma que a participação autónoma do MDP/CDE nas legislativas é alternativa a considerar face à situação conjuntural concreta: outra da base de Évora, apoiada por Romeu de Sousa. Esta proposta tinha porém algumas «nuances» contraditórias. Por um lado os seus defensores afirmavam não rejeitar ninguém mas, por outro, defendiam que o MDP devia «sair do Congresso como partido autónomo».

Autonomia

Questão difícil, esta de se saber se a autonomia do MDP/CDE se aferia por uma simples decisão de concorrer separadamente às eleições, não chegou a ser suficientemente aprofundada.

A votação viria a dar uma larga maioria à proposta do Secretariado, enquanto a proposta de Évora recolheu apenas 60 votos. É um resultado percentalmente baixo mas que não anula o interesse que a discussão deste problema suscitou e a dinâmica que introduziu no Congresso.

Foi um assunto discutido com calor, com exaustiva busca de razões por cada uma das partes mas que, no fundo, foi como que uma pedra de toque do espírito democrático daquele partido. De facto as divergências não provocam cisões nem fraccionamentos.

Isso levaria o presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha a sublinhar na intervenção política que fez no final do Congresso a importância que há em colocar as questões frontalmente, por vezes de uma forma mesmo emotiva, mas honesta.

«Nós aqui conseguimos a unidade porque primeiro partimos muita pedra e depois, com ela, construímos a estrada por onde caminharemos todos».

Esta imagem é talvez aquela que melhor corresponde ao espírito deste Congresso, que em certa medida terá conseguido fazer a ligação entre a herança de uma tradição de luta e resistência ao fascismo e a projecção das novas tarefas que se apresentam neste momento e no futuro.

No que diz respeito às autarquias, acabariam por ficar submetidas à votação uma proposta de Secretariado, que após algumas alterações acabou também subscrita por Évora, pela executiva de Lisboa e pela base dos professores, e uma outra de Braga que, em suma defendia que não deveriam ser privilegiada as alianças ou coligações com quaisquer partidos, que as coligações só terão efeitos eleitorais e que nunca poderão inviabilizar a possibilidade de o MDP/CDE concorrer sozinho onde não tenha sido possível concorrer coligado, não podendo os partidos, nessa circunstância apropriar-se da sigla APU.

A proposta do Secretariado foi aprovada por larga maioria, prevalecendo sobre a de Braga que recolheu 82 votos.

Presidenciais e novos partidos

Era também um ponto importante da ordem de trabalhos do Congresso e sobre eles existiam textos do Secretariado Nacional, da base dos professores e da executiva de Lisboa fundiram-se no do Secretariado. Este defendia que a intervenção do MDP nas eleições presidenciais de 1985 terá como objectivo a eleição de um Presidente da República que «se identifique com os valores do 25 de Abril – a liberdade e a democracia política, a justiça social, a independência nacional; ofereça garantias de intransigente cumprimento e defesa da legalidade, da Constituição e do equilíbrio institucional que esta consagra, assegure a independência do Presidente da república, face a arranjos ou disputas partidárias sem reflexo efectivo no progresso e desenvolvimento da sociedade portuguesa, garantindo a todos os portugueses uma referência democrática comum».

As alterações introduzidas são no sentido de que o MDP/CDE «diversificará e intensificará contactos com as forças políticas, movimentos sociais e personalidades concorrendo para a escolha de uma figura nacional cujo prestígio permita prever uma possível vitória nas eleições de 1985 e que corresponda às condições enunciadas, e para o lançamento da sua candidatura numa ampla base de unidade democrática».

Esta proposta teve apenas um voto contra e cinco abstenções.

Alteração aos estatutos

Para além da eleição de novos dirigentes, o Congresso votou importantes alterações aos estatutos que visaram aprofundar a natureza partidária do MDP/CDE, «abandonando alguns aspectos residuais movimentistas que ainda tínhamos desde 1979», segundo as próprias palavras do presidente reeleito, José Manuel Tengarrinha.

Estas alterações visaram também garantirs uma melhor eficácia e a própria imagem do MDP/CDE como partido.

A Comissão Nacional passa a designar Conselho Nacional e integra 240 membros, eleitos pela primeira vez pelo método da média mais alta de Hondt.

O antigo secretariado passa a designar-se Comissão Política e foi ligeiramente disciplinares.

Para os diversos órgãos foram apresentadas duas listas — A e B — sendo a lista A proposta pelo secretariado, e a que viria a recolher maior número de votos.

«Governo moribundo»

Falando aos órgãos de informação no final do Congresso, José Manuel Tengarrinha disse que o Governo se encontra «moribundo» e que apenas «os projectos de natureza personalista o conseguem manter».

Quanto ás reformas estruturais anunciadas em oposição à proclamada remodelação «significam que o PS cedeu ás pressões do PSD que por sua vez cede ás da CIP e da CAP».

Instado a responder sobre se a eventualidade de um apoio do MDP/CDE a Mário Soares nas presidenciais estaria definitivamente posto de parte, Tengarrinha disse que «o perfil de Mário Soares não cumpre obviamente os objectivos definidos no Congresso» e que «esse problema se põe cada vez menos porque se nos afigura cada vez mais longínqua a hipótese da candidatura de Mário Soares». E acrescentou: «sersia irrealista quando a sua imagem está tão gasta».

Augusto Vilela

Os novos dirigentes

Duas listas — A e B — concorreram às eleições para os diversos órgãos. Para o Conselho Nacional foi utilizado, como já referimos noutro local, o método mais alto do método de Hondt.

Para o Conselho Nacional a lista A teve 382 votos, elegeu 201 elementos; a lista B teve 76 votos, elegendo 39.

Para a Comissão Política a lista A elegeu a totalidade dos membros ao conseguir 381 votos contra 77 da lista B.

Para o Conselho Jurisdicional a lista A obteve 397 votos contra 61 da lista B e para a presidência a lista A foi igualmente vencedora com 379 votos e 79 da lista B.

Os novos órgãos do MDP/CDE ficaram assim constituídos:

Presidência do Conselho Nacional

Presidente: José Manuel Tengarrinha; Vice-Presidentes: António Galhordas, Fernando Silveira Ramos, Helena Cidade Moura, Luís Catarino, Mário Casquilho e Raul Castro.

Comissão Política

Amaro Espírito Santo da Silva, Amílcar Castro e Silva, Hélio Bexiga, António Galhordas, António Sousa Carvalho, António Gonçalves, António Redol, António Taborda, António Fernandes da Ponte, Artur Reininho, Artur Sá da Costa, Blasco Hugo Fernandes, Carlos Barbosa da Costa, Carlos da Silva Jerónimo, Eduardo Pedroso, Fernando Caeiros, Fernando Silveira Ramos, Gilberto Lindim Ramos, Helena Cidade Moura, Herberto Goulart, Ilídio Pereira Júnior, Francisco Pedroso, João de Brito Vargas, João Corregedor da Fonseca, João Paiva dos Santos, José Carlos Pinheiro Henriques, José Alves Madeira, Gonçalves André, José Manuel Tengarrinha, José Salvado Sampaio, Luís Catarino, Manuel Cândido Mariano, Manuel Iglésias, Marcos Antunes, Maria Alfreda Cruz, Maria Manuela Dinis de Carvalho, Mário Casquilho, Orlando de Almeida, Ramiro Alves de Freitas, Raul Castro, Rui Gregório Gonçalves e Eduardo Jesus Bento.

Conselho Jurisdicional

Presidente: Luís de Azevedo; Vogais: Armando Pimentel, Flávio F. Sardo, Levy Baptista, Manuel Deniz Jacinto, Manuel Ramires Fernandes, Mário Ângelo Moreno Sintra Taborda e Maria Justina Imperatori.

Álvaro Cunhal, em Grândola

"Já se luta para defender a própria Democracia..."

«O Povo não pode esperar que haja presidenciais para o Governo ir abaixo. A demissão do Governo não pode depender dessas eleições» — sublinhou Álvaro Cunhal no comício de encerramento da Festa da Fraternidade, em Grândola.

Insistindo neste tema, quer em Grândola, quer em Almada (onde falou também no encerramento da Festa da Amizade), o secretário-geral do PCP acentuou que a luta que se trava no sentido da demissão do Executivo PS-PSD, **«não é apenas uma luta para defender as grandes conquistas de Abril, mas a própria democracia».**

Referiu-se, a propósito, o dirigente comunista à criação dos Serviços de Informação («que têm em vista organizar a espionagem política» — disse) e a proposta do Governo de uma Lei de Segurança Interna que, a ser aprovada, permitirá «escutas telefónicas, abertura de correspondência, buscas e prisões». Este diploma — frisou Cunhal — é apoiado «pela chamada ficha do cidadão, que permitirá a devassa da vida íntima dos cidadãos».

«Não sei se repararam...»

Comentando a recente intervenção do Primeiro-Ministro na RTP, que ali foi «defender os crimes praticados contra o nosso país, para restaurar, por todos os meios, os monopólios e os latifúndios», o líder comunista disse, a dada altura:

«Não sei se repararam, os que viram, que Mário Soares levou as mãos ao nariz, ao cabelo, tirava os óculos, voltava a colocá-los e que as mãos lhe tremiam. Não eram só as mãos dele, era o próprio Governo que estava a tremer.»

Álvaro Cunhal destacou, por outro lado, a grande concentração nacional, de sábado passado, no Terreiro do Paço, promovida pela CGTP-IN, que associou às grandes jornadas do 25 de Abril e do 1.º de Maio.

E sobre as comemorações do 25 de Abril sublinhou ainda o facto de aí terem falado, «lado a lado, nos mesmos comícios, representantes de sectores tão diversos como o PCP, os membros do ex-Secretariado do PS, militantes socialistas, a Associação 25 de Abril e outros que expressaram assim a vontade de uma alternativa democrática».

A concluir, o secretário-geral do PCP — que hoje ao fim da tarde dará conta aos jornalistas dos resultados da reunião plenária do CC do PCP — salientou a actual convergência, «na luta por uma alternativa democrática, de forças que ainda há pouco estavam bem divididas».

Capucho demite-se

Continuação da pág. 1

verno, em contraste com a generalidade dos restantes presentes, particularmente José Augusto Seabra, muito entusiasmado pela possibilidade de continuar por mais algum tempo à frente do Ministério da Educação.

Fontes próximas de António Capucho salientam o facto de a desilusão do titular da Qualidade de Vida relativamente à actual solução governativa, incidir basicamente no comportamento da equipa-PSD e sobretudo na do vice-primeiro-ministro, Mota Pinto.

Capucho, que foi um dos primeiros defensores do bloco central, PS-PSD, mantém, todavia, boas relações com Mário Soares a quem terá comunicado, ainda antes da reunião do Conselho Nacional do seu partido, a decisão de se demitir.

tarom
ROMANIAN AIR TRANSPORT

LINHAS AÉREAS DA ROMÉNIA
Mar Negro Cárpatos
Bucareste Norte da Moldávia
tratamento geriátrico
informações nas agências
ABREU·HORIZONTE·CLUBE VIP
NOVAPOLO·MAPAMUNDO
ROMANIAN AIR TRANSPORT

"Governo sombra" fica na penumbra...

CDS aposta na 'nova década'

Alguns dos principais dirigentes do CDS reuniram-se, sábado e domingo, em Ofir, com técnicos não centristas, para debater a proposta de Lucas Pires de «um programa para uma nova década». Ao todo eram quatro dezenas de pessoas. Chegou-se a falar que se trataria de apresentar o programa de um «governo-sombra», mas tudo ficou na penumbra, a esse respeito.

Claro ficou, isso sim, que, em face do «patente declínio do País», o CDS aposta num «novo sistema político, económico e social».

Neste sentido o grupo convocado pelo CDS considera que «as metas principais do País devem ser, em primeiro lugar a liberdade da economia, em segundo lugar a autoridade do Estado e em terceiro lugar a mobilidade da sociedade».

No final do debate, Lucas Pires, em conversa com os jornalistas, falaria apenas nas duas primeiras, não deixando, no entanto, de referir a necessidade de uma alteração das mentalidades. Neste campo, de resto, o líder centrista que não se coibiu sequer de utilizar a linguagem dos seus antípodas políticos: falou em revolução cultural e na «grande marcha» que é preciso empreender para a mudança de mentalidades.

Apesar de não ter estado em debate a situação actual do Governo, Lucas Pires não deixou de se referir a ela. «O Governo para além de ser do bloco central está bloqueado»; «Se o Governo diz que não tem alternativas a si próprio, nem sequer em termos sectoriais, então é porque se chegou ao sistema de partido único»; «a ida de Mário Soares à TV foi um espectáculo pungente»; «O conselho de concertação social é como que uma sala de audiências do Governo» — foram estas algumas das suas expressões.

Relativamente à moção de confiança que o Governo apresentou no Parlamento, Lucas Pires disse ao «DL» que, embora a questão não tenha sido debatida ainda, o voto do CDS deverá ser contra.

De resto, o documento apresentado por Lucas Pires para debate acentua as críticas que têm sido feitas ao actual Governo. Leia-se: «o declínio do País é patente, a desmoralização é idêntica e dia a dia se evidencia mais o fracasso da mais recente tentativa de governar o sistema, nos termos em que ele funciona. A «maior maioria», com a sua natural vocação consensual e pragmática, está por terra. O maior peso dessa maioria, a sua maior identificação com o sistema económico e social pareceriam torná-la mais apta a assegurar a governalidade do sistema. O seu fracasso mostra, porém, mais nitidamente que já não há meio termo entre o declínio e a reconstrução do País em novos termos».

Uma nova ideia sobre o País, assenta na desideologização, é a alternativa proposta. Alternativa que é necessária, diz, para a modernização do País. No comunicado final distribuído à Imprensa lê-se que «O esforço, a competição e a competência requeridas pela mentalidade moderna só poderão ser conseguidas através do pluralismo e renovação cultural e ética, da educação e da informação».

Até Janeiro do próximo ano, o CDS pretende fazer seis reuniões idênticas à do fim-de-semana. «O projecto consiste em erguer uma nova democracia baseada na liberdade, na autoridade e na solidariedade, em vez de um socialismo da crise e do egoísmo». Mais: a tarefa exige uma nova força política». O partido «eanista»? Claro que não é essa a aposta de Lucas Pires para quem esse partido será um «PS suplente». A nova força será afinal velha: «uma nova AD mas com o CDS em maioria».

L.H.M.

Conselho Nacional do PSD

A moribunda (coligação) ouviu das boas....

O Conselho Nacional do PSD debruçou-se durante todo este fim-de-semana sobre o leito de um moribundo – o Bloco Central. Apenas dois conselheiros se recusaram a acompanhar os outros no diagnóstico de que a coligação no Poder *está na altura de receber a extrema-unção*. Foram eles, para que conste, Mota Pinto e Amândio de Azevedo. Para o vice-primeiro-ministro, uma dose cavalar de «medidas estruturais» pode salvar o doente, se aplicada no prazo máximo de dois meses e picos. Para o ministro do Trabalho, *qual doente, qual carapuça? Estamos quanto muito perante um desportista acamado depois de pequena lesão*. Talvez por isso, por partilharem pontos de vista tão diferentes dos outros conselheiros, Mota Pinto e Amândio de Azevedo foram alvo de um *massacre*. O primeiro, na opinião de um conselheiro, mais parecia *um alvo no campo de manobras de Santa Margarida*.

Foi completamente inconclusivo este Conselho Nacional. Poder-se-á mesmo dizer que os seus trabalhos não terminaram domingo à noite como à primeira vista parece, apenas ficaram adiados lá mais p'ró Verão.

Verão que, tal como na canção *Summertime and the livin' is easy*..., parece ser para alguns o *timing* adequado para que cessem os problemas dos portugueses.

Mota Pinto assim o pensa. Para ele, a subsistência de muita coisa, nomeadamente o Governo, depende da concretização das tão faladas medidas estruturais. São elas, doravante, a panaceia universal para os nossos males. Panaceia a ser aplicada, insista-se, no prazo de dois meses e picos...

Mota Pinto prevê «indisponibilidade»

Até lá Mota Pinto informa: «Fui reeleito, por ampla maioria, líder do PSD ainda há pouco mais de dois meses em Braga. Por isso, não vim aqui pedir nenhum voto de confiança nem, muito menos, apresentar a demissão formal dos cargos que ocupo no Governo e no partido».

Mas o espectro da demissão não está afastado: se dentro de dois meses as medidas estruturais não forem aplicadas, Mota Pinto afirma-se desde já «indisponível» para continuar a liderar o PSD. Só que, como «não confunde o Estado com o pa rtido», alerta: «Continuarei temporariamente nas minhas funções, até que surja uma alternativa, de modo a não criar um vazio de Poder».

A oposição, ou melhor, as oposições dentro do PSD respiram de alívio. Para elas ainda não chegou o momento de passarem à ofensiva. Uma guerrilha de desgaste serve.

Desgastar sim, apear não...

O Grupo «Nova Esperança», agregado à volta de Marcelo Rebelo de Sousa, utiliza essa táctica com perfeição. O grupo sabe que o tempo corre a seu favor. Momentaneamente, *desgastar sim, apear não* é a palavra de ordem de gente ciente de que o futuro escancara a sua porta aos audaciosos.

Por agora, e tal como tem vindo a acontecer *zurzem* a coligação e a actual liderança social-democrata com talento, com a-propósito.

Para além dos já habituais «pacotes» de moções apresentadas à mesa e de inúmeras perguntas-armadilhas colocadas ao líder, Marcelo Rebelo de Sousa e amigos não perdem qualquer ocasião que se lhes apresente para ridicularizarem o Governo, a coligação, a direcção do PSD.

Pedro Santana Lopes chegou ao ponto de pedir a Mota Pinto para não dar aos conselheiros um «atestado de menoridade política». «A remodelação não se fez sr. Professor, apenas porque não houve acordo sobre os quilos de ministros que deveriam sair do Governo», disse a dado passo Pedro Santana Lopes, negando a ideia de que a tão falada remodelação governamental não foi feita «porque não se pode governar num clima emocional».

Continuando a criticar o discurso motapintista (decalcado do de Mário Soares, nomeadamente no que se refere ao *frentismo político-militar* que está a minar a sociedade portuguesa...), Pedro Santana Lopes acusou ainda a direcção do PSD de ser fonte de instabilidade.

Para Pedro Santana Lopes «acusa-se tudo e todos de gerarem a instabilidade quando a verdade é esta: quem gera instabilidade é a Comissão Política Nacional do PSD, a sua Comissão Permanente, bem como o actual Governo».

E Pedro Santana Lopes, depois de Marcelo Rebelo de Sousa ter pedido para que «se comece a traçar a estratégia da ruptura PS/PSD», pediria ainda a Mota Pinto: «Por favor, tenha pena de nós todos!...».

Moção reconhece fome e miséria

Se é certo que a oposição amaralista/balsemista/capuchista também usa a táctica do desgaste — *esperar é preciso, ainda não queremos que chegue a nossa hora...* — a verdade é que o seu comportamento difere da do grupo «Nova Esperança». A ânsia de evitar ficar com a batata quente antes do «timing» adequado levá-a, como se verificou neste Conselho Nacional, a correr ao socorro de Mota Pinto. A moção «oficial» do Conselho, da lavra desse sector, manifesta a sua «solidariedade política aos sociais-democratas em funções governativas, num quadro temporal e politicamente definido...».

Solidariedade piedosa de uma oposição à espera «*que acabe o Verão, e o Outono dê os seus primeiros passos.*». Solidariedade contida numa moção onde se reconhece, preto no branco, a necessidade da «criação de um sistema de solidariedade humana generalizadoa a todo o território nacional, que socorra os casos mais dramáticos de fome e de miséria».

Para além disso, a «coligação» amaralista/balsemista/capuchista limitou-se a marcar pontos. Quem mais os marcou terá sido António Capucho. Depois de ter perdido o cargo de secretário-geral em Braga e de ter corrido o risco de ser *escorraçado* do Governo por ordem de Mota Pinto, Capucho revelou-se exímio de oportunidade. À primeira *deixa*, abandona o Governo pela porta grande em vez de o abandonar pela porta do cavalo.

Capucho já não acredita na coligação nem na sua continuação, mas acredita cada vez mais, sobretudo agora, no seu futuro político dentro das fileiras do PSD. Para já, parece ter um objectivo em vista: líder do grupo parlamentar. Depois, em Setembro/Outubro, se verá...

Ângelo Correia: o frentismo soarista...

Não faltaram *oposições* à coligação e à liderança social-democrata no Conselho Nacional do PSD. Elas surgiram não só da oposição oficial como também do núcleo que dirige o partido.

Ângelo Correia foi vedeta a esse nível. No seu entender, e durante um discurso considerado brilhante, Ângelo Correia não poupou nem estes nem aqueles. De acordo com as suas palavras «não se escolheu o «timing» adequado para certas acções; «estalaram conflitos no Governo desde os primeiros dias»; «o Governo pediu austeridade sem tornar perceptíveis as razões que conduziam à necessidade dessa austeridade»; «a coligação não tem identidade»...

Para Ângelo Correia «nunca haverá bom entendimento nesta coligação (...) os socialistas têm complexos no seu diálogo connosco».

E não se fica por aqui o ex-ministro da Administração Interna. Segundo ele, «Mário Soares invoca o frentismo político-militar para criar outro frentismo que seja ele a liderar (...) a única razão lógica que vejo para que não tenha havido remodelação é a de que Soares obteve garantias para a sua caminhada para Belém».

E à laia de remate: «tecnicamente não existem condições para levar por diante as medidas estruturais, no entanto só a necessidade dessas reformas justificam que continuemos com o PS...».

Rui Machete: o ponto mais baixo...

Rui Machete, também vice-presidente do PSD, terá pronunciado o grande discurso destes dois dias de trabalhos. Com arte e inteligência, distanciou-se em relação à prática governativa e à actividade dos partidos da coligação. Distanciou-se, igualmente, em relação ao estilo Soares/Mota Pinto que defendem a coligação pela negativa. Para ele, também não merece aplausos a imagem que o Governo dá de si próprio, a sua gritante falta de «marketing».

Embora defensor da coligação, considera que se as medidas estruturais não forem aplicadas «então sim, teremos que pensar numa alternativa».

Até lá, dá a conhecer o seu diagnóstico: «este Governo está no ponto mais baixo da curva, razões pelas quais a remodelação era difícil. Ninguém queria ir para o Governo...».

Ganhou pontos na sua caminhada para mais altos voos aquele que já é considerado como o real líder do PSD. E um líder respeitado, diga-se.

Mas Rui Machete, tal como Amândio de Azevedo — «Se isto é péssimo, se tudo vai mal, então porque não se assumem?... —, também não resiste a provocar a oposição: «preciso de apoio deste Conselho para continuar, caso contrário...».

A oposição dá-lho: a moção de Miguel Veiga fala da sua «solidariedade com os sociais-democratas empenhados em funções governativas».

Serão esses sociais-democratas os homens que irão fazer de conta que a coligação está de boa saúde, num momento em que toda a gente sabe que ela já é cadáver. Com excepção, note-se, de Amândio de Azevedo. Esse, honra lhe seja feita, ainda acredita no Pai Natal.

Manuel Anta

Mota Pinto e Amândio de Azevedo
Só eles ainda acreditam...

Perguntas que ficaram sem resposta...

Durante o Conselho Nacional do PSD, Marcelo Rebelo de Sousa dirigiu à mesa um «pacote» de 100 perguntas abrangendo diversas matérias. No final, nem uma das questões levantadas, obteve a pretendida resposta. Para os leitores do «DL» conhecerem algumas delas, que focam assuntos bastante polémicos, e para também dar uma ideia do clima que se vive entre os dirigentes do segundo maior partido português, transcrevemos algumas delas.

Ângelo Correia e o «DL»

● As declarações prestadas ao «Diário de Lisboa» por Ângelo Correia eram ou não do conhecimento prévio do professor Mota Pinto? Se não eram foi criticado por isso, ou exprimiu a opinião da Comissão Política ou teve a sua concordância?

O trigo do Canadá

● Já foi levantado no Canadá o trigo (dezenas de milhar de toneladas) oferecido pelo Governo canadiano em Fevereiro de 1984?

Remodelação e Eugénio Nobre

● É verdade que o sr. Vice-Primeiro-Ministro desistiu da remodelação por o PS exigir a cabeça do secretário de Estado Eugénio Nobre? É verdade que o PS recusou a promoção de Eugénio Nobre a ministro?

Mota Pinto e a viagem à China

● É verdade que na comitiva de Mota Pinto à China constavam mais nove elementos? É verdade que entre esses elementos se encontrava o secretário de Estado Ajunto do Vice-Primeiro-Ministro e esposa, bem como uma secretária pessoal e ainda o acessor de Imprensa do secretário de Estado da Emigração?
● É verdade que já está esgotado o orçamento do Ministério da Defesa na rubrica «despesas de deslocação»?
● Entende o senhor Vice-Primeiro-Ministro que com tão frequentes deslocações de membros do Governo ao estrangeiro é possível assegurar uma governação adequada ao tipo de problemas que se vivem no país?

Obras em Sines

● É verdade que o primeiro concurso para adjudicação do terminal de carvão do porto de Sines foi anulado por pressão de um concorrente afastado que agora foi o escolhido?

Finanças e o FMI

● É verdade que se goraram as negociações com o FMI pelo Ministério das Finanças não ter os dados preparados sobre a situação das empresas públicas?

Situação do Fundo de Desemprego

● É verdade que a situação do Fundo de Desemprego é precária em termos de orçamento, dado o montante de verbas retiradas para reforçar o OGE?
● Assim, encontrar-se-á o Fundo de Desemprego em condições de cumprir minimamente as suas finalidades, nomeadamente quanto ao Seguro de Desemprego, cujos custos se prevêem na ordem dos 8 milhões de contos na fase inicial?
● Ou, como a remodelação, a constituição de tal seguro é adiada?

Jornalista do "DL" queixa-se ao Conselho de Imprensa

Presidente do Tribunal Constitucional não quer que se saiba quem cumpriu a Lei dos Rendimentos

Um jornalista do «Diário de Lisboa» vai solicitar ao Conselho de Imprensa que se pronuncie, dentro das suas competências, sobre o despacho do presidente do Tribunal Constitucional, que recusou, ao redactor deste jornal, pela segunda vez, a divulgação dos nomes dos titulares dos cargos políticos **que declararam**, nos termos da lei, o valor dos seus rendimentos.

Tal decisão, segundo o nosso entendimento, não se coaduna com o disposto na Constituição e na Lei sobre a Liberdade de Imprensa e o direito a informar e ser informado.

No surpreendente despacho do presidente do TC, com data de 18 de Maio, não se estabelece, de resto, qualquer distinção entre oe pedidos de acesso às declarações e os pedidos que têm por fim, apenas, a obtenção de informações elementares sobre a identidade dos titulares dos cargos públicos que cumpriram um dever legalmente estabelecido. Isto é: quisesse o requerente conhecer o conteúdo de cada um dos processos arquivados no Tribunal Constitucional (o que não é o caso) ou saber simplesmente de que cor se revestem as capas dos «dossiers», que uma e outra coisa, no entendimento do juiz presidente, estariam sujeitas às disposições da lei. E, todavia, o Tribunal Constitucional, no seu acórdão 30/84, faz uma clara distinção entre os pedidos de acesso às declarações e os pedidos com vista à obtenção de elementares informações. Não se trata, pois, de uma questão de natureza reservada, essa, que deverá permitir o acesso à identidade dos cidadãos **que cumpriram** um dever legalmente estabelecido. Pelo contrário: a lei permite-o e o TC assim o entende.

De resto, seria importante, e mesmo necessário, que se facultasse à opinião pública a identidade daqueles que cumpriram a lei, de modo a evitar que recaiam (ou possam recair) suspeições ilegítimas sobre cidadãos que exercem sem infracção os seus cargos e deveres políticos.

O presidente do Tribunal Constitucional faz, desta questão, um outro juízo. No seu despacho de 18 de Maio, Marques Guedes invoca um novo argumento. afirma que a matéria requerida está sob segredo de justiça; que o Ministério Público está a preparar acções contra os faltosos. Logo, será proibido saber-se quem cumpriu a lei.

Trata-se de uma confusão de realidades distintas. O presidente do TC coloca em pé de igualdade as informações sobre os processos relativos a quem violou a lei (que estarão, esses sim, sob segredo de justiça) e as informações sobre a identidade dos cidadãos que a acataram e em relação aos quais a divulgação pública dos nomes constitui um imperativo imediato, tanto para a defesa da honorabilidade dos próprios como por exigências elementares de informação da opinião pública numa matéria tão sensível como esta. Tudo isto é ignorado no despacho do presidente do Tribunal Constitucional.

Entendemos, assim, estar perante uma violação das normas constitucionais que garantem a liberdade de Imprensa e o acesso às fontes de informação. Por isso mesmo, decidimos participar esta ocorrência ao Conselho de Imprensa, para que este órgão se pronuncie nos termos do Art.º 3.º n.º 1, alínea o) da Lei 31/78 de 20 de Junho.

Antecedentes

No dia 21 de Fevereiro de 1984, um redactor do «DL» requereu ao Tribunal Constitucional a relação dos nomes dos titulares dos cargos políticos **que entregaram** a declaração de património e rendimentos. Afirmava o requerente não pretender de tal informação «outra coisa que não fosse inseri-la num trabalho jornalístico sobre o cumprimento ou não das leis da República por parte de quem por elas está obrigado, designadamente, e no caso concreto, pelos titulares dos cargos políticos que se indicam na lei 4/83, de 2 de Abril».

Em acórdão proferido, o TC vem dizer, posteriormente, que não cabe na sua competência conceder autorização para o acesso aos dados requeridos, mas sim na do seu presidente. Se o peticionário requeresse o acesso ao conteúdo das declarações, então já seria o Tribunal a pronunciar-se, isto é, a autorizar ou a negar. Mas, como se solicitava apenas uma informação primária, como se prentendia **apenas** saber a identidade dos cidadãos **que cumpriram** a lei, coisa tão simples só poderia ser autorizada pelo presidente.

Marques Guedes deu, no entanto, uma interpretação diferente ao acórdão, e, em 5 de Abril, indeferiu o requerimento por o peticionário «não articular» nele «factos concretos que, homologamente, demonstrem interesse legítimo e relevante».

Em 17 de Abril, o mesmo jornalista insiste com um novo requerimento dirigido ao presidente do TC. Volta-se a requerer a lista com os nomes dos titulares dos cargos públicos que entregaram declaração de património e rendimentos. Na fundamentação feita, afirma-se que o acesso às informações que o presidente do TC havia já recusado fornecer, só pode encontrar-se sujeito ao regime geral constitucional e legalmente previsto para a actividade jornalística (foram invocados alguns preceitos do Estatuto do Jornalista e da Lei de Imprensa).

Considerava-se, também, que a divulgação pública do elenco de cidadãos que deram cumprimento, dentro do prazo legal, às suas obrigações, é um imperativo com vista à mais eficaz realização dos objectivos da lei, que o segredo contraria. Se a identidade dos titulares dos cargos públicos fosse tornada pública, evitar-se-ia, assim, que recaíssem suspeições ilegítimas e perniciosas sobre cidadãos que exercem sem infracção os seus cargos e deveres políticos.

Um mês e um dia depois de o requerimento dar entrada na secretaria do Tribunal Constitucional, Marques Guedes volta a considerar válido o seu primeiro argumento e junta-lhe um outro: a lista dos cidadãos **que cumpriram** a lei foi enviada pela Procuradoria Geral da República aos Juízos de Instrução Criminal, **pelo que a questão se encontra em segredo de justiça**. Por todas estas razões – conjungadas, como diz –, o presidente indeferiu o requerimento e impediu que neste País se soubesse quem cumpriu uma lei da República.

José Manuel Saraiva

Ocupa-se de nacionais e de refugiados

Director das Migrações vai amanhã a Belém

O director do Comité Intergovernamental para as Migrações (CIM) encontrar-se-á esta tarde com o secretário de Estado da Cooperação (Gaspar da Silva), depois de se ter avistado com a secretária de Estado da Emigração (Manuela Aguiar). Esta manhã era encarada a hipótese de James Carlin também se avistar com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Amanhã, o director do Comité Intergovernamental para as Migrações será recebido no Palácio de Belém pelo Presidente da República, deslocando-se na quarta-feira ao Porto, onde manterá uma reunião de trabalho com o presidente da Câmara Municipal, Paulo Valada.

Além desses encontros, estão previstas reuniões com a secretária de Estado da Segurança Social, Leonor Beleza, e com a directora do Centro Regional da Segurança Social de Lisboa, Raquel Ribeiro.

James L. Carlin é director do CIM desde Março de 1979, tendo sido anteriormente subsecretário de Estado-adjunto de questões de Refugiados e Migração no departamento dos EUA.

O CIM (Comité Intergovernamental para as Migrações) é a principal organização do género que actua no campo das migrações e movimentou, desde 1952, mais de 3,4 milhões de pessoas, entre nacionais e refugiados. Conta actualmente com 29 países membros, entre eles Portugal. Dezasseis outros países têm o estatuto de observadores junto do organismo. Várias organizações internacionais, governamentais e não governamentais também cooperam nos programas do CIM, cuja sede está em Genebra, na Suíça.

Portugal formalizou a sua adesão ao CIM em 1975. Como consequência, foi aberta uma missão do CIM em Lisboa, no princípio de 1976, tendo um acordo operacional com o Governo português sido concluído em Abril do mesmo ano.

Posteriormente, foram abertas delegações do CIM no Porto e nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Ordenar e planear a migração, de acordo com as necessidades específicas dos países de emigração e de imigração, efectuar o processamento e transporte de refugiados para países que ofereçam oportunidades de reinstalação e transferência dos recursos humanos especializados para promover o avanço económico, educativo e social, são alguns dos objectivos do CIM.

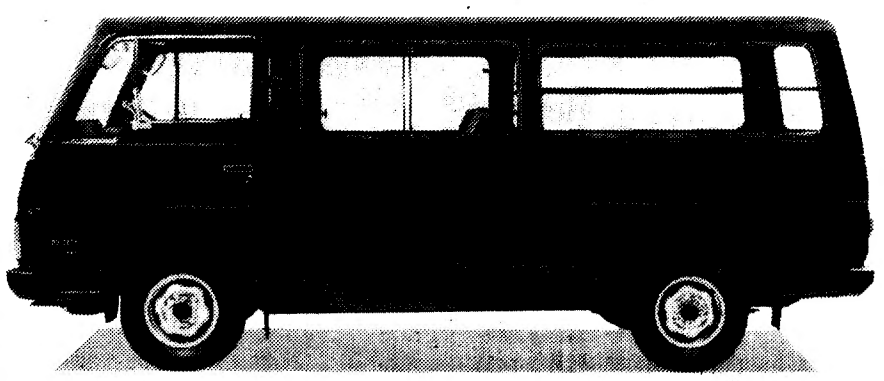
Industrial vítima de atentado protegido pela PSP em S. José

A PSP montou um dispositivo de segurança destinados a proteger, de eventual novo atentado, o industrial de cristalaria da Marinha Grande Arnaldo Freitas de Oliveira, de 57 anos, alvejado, conforme noticiámos, cerca das 17 horas da passada sexta-feira, na Rua Professor Reinaldo dos Santos, ao Calhariz de Benfica, em Lisboa.

A protecção policial foi solicitada pelos familiares de Arnaldo de Oliveira, que já se encontra livre de perigo no Hospital de S. José, para onde foi conduzido após o atentado reivindicado pelas autodenominadas «FP-25».

Segundo o panfleto distribuido pelas «FP-25», Arnaldo de Oliveira é acusado de ter desviado a seu favor 106 mil contos que tinham sido concedidos a título de empréstimo à empresa Manuel Pereira Roldão e Filhos, da qual se afastou há meses nomeando para o lugar deixado em aberto o ex-comandante da Polícia de Intervenção, tenante-coronel Almeida Coimbra.

Referem as «FP-25» que Arnaldo Oliveira, apesar de não exercer quaisquer funções na empresa, continua a receber mensalmente cem contos de ordenado e mais trinta contos como vencimento do seu filho, um deficiente mental com 22 anos, que o acompanhava na altura do atentado.



NISSAN URVAN

O COMERCIAL MAIS QUE PERFEITO DA NISSAN

Novo motor de 2.300 c.c. • Caixa de 5 velocidades

ENTREPOSTO COMERCIAL veículos e máquinas, sarl

Praça José Queirós, I Olivais Sul. 1899 LISBOA CODEX.

NISSAN NISSAN

• CONCESSIONARIOS EM TODO O PAIS

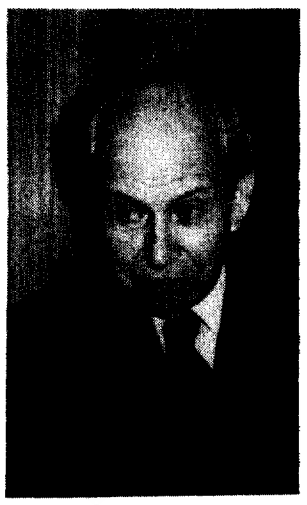
DC3 PUBLICIDADE

de ontem para hoje

Trio armado assaltou «bomba» de gasolina em Miramar

TRÊS desconhecidos assaltaram, esta madrugada, uma bomba de abastecimento de combustíveis, em Miramar, e levaram a quantia de 39 contos. O funcionário de serviço tinha já fechado o posto da Galp situado na Estrada Nacional n.º 109, quando os três assaltantes se acercaram com uma lata pedindo que a enchesse de gasolina, pois tinha faltado o combustível ao carro que se encontrava mais adiante. Quando se aprestava para satisfazer o pedido, dois dos indivíduos apontaram-lhe as pistolas e obrigaram-no a entregar todo o dinheiro em depósito. A GNR de Arcozelo foi alertada pelo empregado, mas não conseguiu localizar os assaltantes.

Estátua de Ferreira de Castro



Na próxima quarta-feira, dia 7, pelas 21 e 30, terá lugar no Clube Fenianos Portuenses mais um leilão de obras de arte, pintura portuguesa e brasileira – desenhos, aguarelas, acrílicos, óleos e serigrafias – promovido pela Associação dos Amigos de Ferreira de Castro, e a favor da estátua de bronze daquele escritor, que será doada à cidade do Porto aquando das comemorações do cinquentenário de publicação de «A Selva». Em leilão estarão cerca de oitenta trabalhos de conhecidos artistas. Ferreira de Castro morreu em Junho de 1974. O Clube Fenianos Portuenses fica localizado no n.º 29 da rua com o mesmo nome.

Queda mortal de mineiro em Aljustrel

Na mina de Alagares, em Aljustrel, um operário morreu ao cair da altura de 45 metros num poço que liga duas galerias, a 140 e 185 metros de profundidade, respectivamente. António Godinho Custódio, de 33 anos, pai de dois filhos de um e cinco anos, era dirigente sindical e delegado dos trabalhadores da empresa «Pirites Alentejanas», proprietária das minas de Aljustrel.

Apreendidas 25 toneladas de bananas

A Guarda Fiscal anunciou ontem que forças do seu Batalhão Número Três apreenderam na última quinzena, na região Norte, 25 toneladas de bananas de contrabando avaliadas em três mil contos. No mesmo período, foram apreendidas, por contrabando de importação, 336 cabeças de gado caprino e bovino e foram detectados em transgressão fiscal uma cabeça de gado azinino e 24 de gado bovino. A Guarda Fiscal apreendeu também material de som, electrodomésticos, equipamentos de fotografia e têxteis, tudo no valor de 2120 contos e dez veículos (ligeiros, pesados e motociclos), a que foi atribuído o valor de sete mil contos.

Assassinado agente reformado da PSP

Um agente reformado da PSP, Serafim Costa, de 49 anos, foi assassinado por desconhecidos quando regressava à sua casa, na Rua do Castelo, em Águas Santas, Maia. O agente, que foi atingido com duas navalhadas no coração, tinha estado a conviver com uns amigos de quem se separara alguns metros antes do local onde foi encontrado já cadáver.

Alfandegários contra «intromissões»

Os técnicos verificadores da Direcção-Geral das Alfândegas concordaram ontem, na Figueira da Foz, em não admitir que outros organismos se intrometam nas suas funções de verificação de mercadorias. Reunidas num primeiro encontro nacional, 150 desses profissionais reflectiram, durante dois dias, sobre a sua carreira e a adesão de Portugal à CEE. Várias comunicações relacionadas com aspectos técnicos da adesão foram apresentadas e debatidas. Outros problemas da classe, nomeadamente os referentes a intercomunicabilidade das carreiras foram também objecto de análise. Os técnicos verificadores aduaneiros defenderam a independência e soberania das suas funções de verificação de mercadorias, legalmente reconhecidas. «Não reconhecemos legitimidade a que outros organismos se intrometam em áreas, como a da técnica pautal, legalmente reconhecidas como sendo da responsabilidade dos serviços técnicos aduaneiros» – referiu Carlos Peixoto, porta-voz dos organizadores do encontro.

Ourives assaltado na Marinha Grande

Cinco indivíduos armados assaltaram sábado à noite em Várzea (Marinha Grande) um ourives a quem roubaram cerca de 2700 contos em ouro, prata e relógios. Virgílio da Costa, de 58 anos, tinha acabado de chegar à sua residência quando os assaltantes lhe apontaram uma espingarda caçadeira e lhe roubaram a mala que transportava na motorizada. Os assaltantes puseram-se em fuga numa viatura «Ford Cortina». Segundo a PSP da Marinha Grande, o valor do roubo não está coberto pelo seguro. A PJ de Coimbra está a proceder a investigações.

O anterior pandemónio do Campo das Cebolas foi transferido para um pouco mais ao lado

Grandes pesados de mercadorias deixarão de entrar na capital

Lisboa vai ter dois parques para transferência de cargas

A Câmara de Lisboa aprontará em breve dois locais de transferência de cargas dos grandes pesados para os médios, procurando evitar as perturbações resultantes da circulação, em plena cidade, de viaturas de grende porte.

A notícia foi dada ao «DL» pelo vereador socialista do pelouro do trânsito, arquitecto Alberto Vila Nova. Trata-se de mais uma novidade no âmbito de um conjunto de medidas avulsas respeitantes ao trânsito na capital.

O problema da circulação de pesados no coração da capital, particularmente às horas de mais intenso trânsito, tem sido abordada dos mais diversos ângulos e merece protestos do cidadão em geral. Na verdade, todos os lisboetas são efectados diariamente, ainda que circulando em transportes públicos, pelas baixas médias de velocidade em Lisboa.

O tema transportes é de tal forma quente que todas as forças políticas o abordam de forma clara, então com grandes planos, nos períodos eleitorais. Hoje há o reconhecimento quase unânime de que se trata de uma questão a ser resolvida à escala regional.

«Uma das formas imediatas de resolver o problema ou de o atenuar» – diz-nos Rui Godinho, vereador da APU na Câmara de Lisboa – é evitar que os transportes de grande volume entrem na cidade ou a atravessem».

Este vereador, no fundo, mais não faz do que dar-se eco do programa da sua força política que ajudou a divulgar dos eleitores. Só que a APU não tem, hoje, qualquer poder na Câmara, no que se refere a pelouros. Mas essa é uma outra questão...

Campo das Cebolas

O Campo das Cebolas foi palco, durante dezenas de anos, dos graves problemas que Lisboa vivia (vive) no que se refere à circulação de pesados. Ali estacionaram, em anos consecutivos, os alugadores de viaturas, ali aparcaram exursões, ali se iniciaram carreiras legais ou meramente clandestinas, incluindo os «expressos» mais diversos.

O local deixaria de ter essa utilização quando todo o espaço em frante da Casa dos Bicos foi arranjado de forma diferente, em consequência da XVII Exposição de Arte Europeia, que no ano passado se realizou na capital portuguesa.

Transplantaram-se palmeiras para o local; desenharam-se ajardinamentos; foram limitados locais de estacionamento onde dantes proliferava o «salve-se quem puder».

Aquilo que parecia ter sido uma solução mais não foi do que uma transferência. Logo ao lado, no caminho para Santa Apolónia concentrou-se o que dantes desfrutava de uma muito maior área. Os problemas originados por uma circulação inevitavelmente densa, até pela proximidade do porto, agravaram-se.

E o que já era defendido desde há anos, sempre com o reconhecimento unânime de que era necessário uma solução de fundo, impôs-se. Para o vereador do Partido Socialista é um primeiro passo. Mas «importante», no caminho que se desenhou...

«Com o fim do Campo das Cebolas na sua velha feição, puseram-se dois problemas: o do estacionamento e aparcamento; e o da transferência dos pesados para as viaturas de 3,5 toneladas que circulam mais facilmente dentro da cidade» – diz-nos Alberto Vila Nova.

O Mercado abastecedor e conjuntamente com o terminal de contentores, aparecem como pano de fundo das soluções que o vereador da APU preconiza. «Em cada um dos eixos principais de entrada na cidade pode ser seleccionado um local, mas pensando na possível localização do mercado abastecedor de Lisboa» – diz Rui Godinho.

Alcântara e Olivais

As soluções, ainda sob a forma de parque de transferências, que o vereador socialista se propõe concretizar a muito breve prazo, têm já dois locais optados, à partida: um perto do matadouro municipal aos Olivais e junto do viaduto Duarte Pacheco, ao nível da Avenida de Ceuta, num terreno municipal ali existente.

No caso do matadouro, segundo nos foi possível apurar, a solução poderá mesmo ir mais longe. Mas tal está ainda dependente de negociações em fase embrionária, com entidades diversas, em que se inclui a AGPL.

«Só isto já facilitará muito a circulação de mercadorias por toda a zona da baixa» – assegura-nos Vila Nova. «Permitirá, desde logo, disciplinar o circuito da distribuição».

Mas, completa, logo virá a Empresa Municipalizada de Transportes, e depois a definição de uma política geral de estacionamento.

Um dos pontos que hoje se põem com acuidade, disse-nos o vereador, é o da atribuição de parques privativos a empresas. «Neste momento estamos a ceder, sem contrapartidas, terrenos municipalizados, para estacionamento de viaturas.

«Veja só que um sinal desses que se põem a reservar o parque de uma empresa custa hoje 20 contos. E é a Câmara quem tem de o pagar» – diz Vila Nova. Mas o estabelecimento de critérios para a atribuição dessa prorrogativa não tem apenas o aspecto económico imediato. Pretende-se também evitar uma forma de «dar a volta» ao novo estacionamento a aplicar em toda a baixa lisboeta, de forma progressiva.

APU pensa em Beirolas

«O local que consideramos mais apropriado para este efeito – diz-nos o vereador Rui Godinho, da APU, é um terreno existente em Beirolas. Já lá está o terminal de contentores, ali se poderia juntar o que se destina à via marítima, o outro para o mercado abastecedor e o de transferência de cargas».

A solução no que se refere ao mercado abastecedor de Lisboa coincidiria com a opção que ultimamente tem sido focada como mais provável: também deverá ficar naquela zona da cidade.

A concretização deste plano, diz Rui Godinho, evitaria que os porta-contentores entrassem dentro da cidade, e o congestionamento de toda a zona ribeirinha. Mas, diz, terá tudo de ser completado com um horário de cargas e descargas: «É preciso proibi-las entre as 8 e as 10 e as 17 e as 19».

A APU considera, no entanto, uma possível alternativa a Beirolas, por consequência da via rápida que em breve ligará à Malveira. O mercado abastecedor ficaria, nesta vila, a poucos minutos da entrada da capital.

A solução teria algumas vantagens, como a de evitar penetrações dentro da cidade, mesmo quando o destino fosse o Sul. E as estatísticas dão alguma lógica a uma opção neste sentido: em 1977, chegaram a Lisboa 25 mil toneladas de produtos hortícolas, a partir de Loures; 8500 de Sintra; 100 de Vila Franca de Xira; 5000 de Almada; e 2900 da Moita.

Uma outra hipótese que chegou a ser ventilada, para ser afastada em definitivo: os terrenos do Regimento de Comandos, na Amadora.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA
Pç. José Fontana – 17-4.º 1000 Lisboa
Telef.: 53 98 21/2
LÍNGUA ALEMÃ
CURSO INTENSIVO
25 de Junho a 11 de Julho
2.ª e 6.ª-feira das 18.30 H às 20 H
Inscrições desde **11 de Junho** das 15H às 19H

BÁLTICO/7 Capitais
Copenhaga (Dinamarca) /Helsínquia (Finlândia) /Leninegrado (Rússia) /Vilnius (Lituânia) /Riga (Letónia) /Tallinn (Estónia) /Estocolmo (Suécia).
Visitas em todas as cidades/Passeio nos lagos/ Travessia no golfo da Finlândia – Programa com tudo incluído
2 únicas partidas: 18/7 e 1/8
Peça programas detalhados para estas e outras viagens
AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Feira Nacional da Agricultura

Chuva não intimidou alguns milhares

SANTARÉM, 4 – Milhares de pessoas animaram, ontem, o primeiro domingo da XXXI Feira do Ribatejo/XXI Nacional de Agricultura, apesar da chuva que, praticamente, caiu durante todo o dia e que só ao fim da tarde – na hora do regresso de quantos aqui vieram, arrostando com ela e com a forte ventania que a acompanhou – cessou. Se muitos milhares de forasteiros deram cor ao terceiro dia do certame (no «Dia da Pecuária»), muitos outros milhares se reservaram para outro dia – talvez para o último dia da feira, já no domingo. Mesmo assim vieram cá muitos milhares de pessoas», dizia ao fim da tarde o presidente Teles Botas ao «DL».

O Primeiro-Ministro deslocou-se ontem à Feira Nacional de Agricultura como è habitual da parte do chefe do Governo, todos os anos, no primeiro domingo, acompanhado do titular da Agricultura, Florestas e Aliemntação, que aqui estivera na sexta-feira (inauguração do certame) e no sábado, deixando a própria reunião do Conselho Nacional do PSD. Mário Soares, que visitou o certame acompanhado do presidente do Executivo da Feira (e da Câmara Municipal), Teles Botas, pelo vice-presidente José Manuel Casqueiro e outros elementos da organização, na Casa do Campino, afirmou que os portugueses têm que escolher entre a «autoridade consciente» do Governo e a «demagogia».

Mário Soares disse concretamente que os portugueses «terão que escolher entre a autoridade consciente do Governo, que os leva pelo caminho da recuperação, e a demagogia e a arruaça dos que, sendo responsáveis pela crise, enjeitam as suas responsabilidades procuram sistematicamente a desestabilização do poder democrático».

Ao Primeiro-Ministro e aos seus acompanhentes (entre eles, também, a secretária de Esrado da Administração Autárquica, Helena Torres Marques, o secretário de Estado dos Desportos, Júlio Miranda Calha) foi depois da visita, oferecido um almoço na Casa do Campino, como é da praxe por parte da organização relativamente às entidades oficiais.

Nem cavalos nem concursos

A Feira Nacional de Agricultura foi significativamente condicionada pela chuva torrencial e as fortes rajadas de vento que assolaram esta cidade, sem bem que a afluência de público, num dia como o de ontem, tenha surpreendido pelo seu elevado número. Mas não foi aquele dia em que as pessoas se acotovelaram, como sempre acontece no primeiro domingo (e também no último, de resto), sempre que há sol.

Faltou o sol, sobrou a chuva, decorreu normalmente o colóquio de bonivicultura (ao qual assistiram Mário Soares e Soares da Costa), cujo conferencista foi o prof. Vaz Portugal, o «veterinário do ano» (da Europa), segundo uma associação espanhola de vocação internacional, e perderam os cavalos, que são os «reis» da feira. Perderam, porque o concurso completo de equitação não se efectuou. Perderam também os ovinos e caprinos, pelas mesmas razões, e também à volta do concurso agendado. Havia ainda a tradicional corrida de toiros de abertura, que deveria apresentar, a cavalo. Mestre David e os filhos Teles (António e João). A chuva, sempre a chuva, a não deixar o espectáculo entrar em cena, e logo que estava na programação da RTP...

No colóquio que Vaz Portugal animou, foram abordadas questões relacionadas com o melhoramento do bovino leiteiro e a criação intensiva de novilhos, e igualmente debatido o problema da «inseminação artificial e transplantação de embriões».

«Dia do Agricultor» é o tema de hoje

A parte lúdica do primeiro domingo da XXXI Feira do Ribatejo foi altamente afectada pela chuva. Mas o mesmo não aconteceu, embora a afluência fosse menor, com os sectores industrial e comercial, sendo neste de destacar o movimento por que passou o pavilhão de artesanato, por exemplo.

O número de contactos comerciais foi, segundo um elemento da comissão organizadora, bastante importante, assim como a atracção que as máquinas (algumas delas a descoberto, ao lado de tractores) despertaram entre os interessados, dispersas por uma área de cerca de trinta mil m2 também ocupados por modernas alfaias agrícolas para as tarefas da lavoura.

E se não houve provas com cavalos, a prova de perícia de campinos, nem a corrida de toiros nem a gincana infantil de tractores, decorreu o Encontro Nacional de Casas do Povo, à tarde, com música e folclore, prenunciando já este a alegria e animação do próximo fim-de-semana. Assim não haja chuva...

Hoje é «Dia do Agricultor» e da jornada da RFA. Um programa rico e variado na sua agenda: corrida de galgos. «Perspectivas da cultura cerealífera» (tema para colóquio na Casa do Campino), uma palestra sobre a importância dos «Plásticos na Agricultura», a primeira corrida de cavalos, este ano (à tarde) e, a fechar, a charanga da GNR, no Largo da Feira.

Júlio Rodrigues

São 15 mil habitantes em 114 aldeias

Assembleia dos povos do Gerês vai debater o futuro da região

«O Estado tem subestimado toda a riqueza natural e humana do Parque Nacional da Peneda-Gerês», afirmou ontem em conferência de Imprensa um membro da Associação Recreativa e Cultural do Campo (ARCA), promotora da Assembleia dos Povos do Parque da Peneda-Gerês, a realizar em 29 de Julho em S. João do Campo.

Os objectivos desta assembleia visam sobretudo reivindicar uma maior atenção por parte do Estado, de modo a serem definidos os factores e princípios de desenvolvimento daquele parque, devendo preservar-se os princípios ecológicos. Ao mesmo tempo, procura-se melhorar as relações e unificar os pontos de vista entre as populações, a direcção do Parque e as autarquias locais.

Durante a conferência, os membros da ARCA denunciaram o isolamento dos 15 mil habitantes das 114 aldeias existentes na área do Parque na Peneda-Gerês, por falta de estradas e meios de transporte.

A assembleia de 29 de Julho terá duas partes distintas, uma das quais constituída por um debate e aprofundamento dos objectivos propostos, e a segunda que inclui uma sessão de encerramento aberta a toda a população.

Participam nesta iniciativa Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, Assembleias de Freguesia, Casas do Povo, Conselho Directivo de Baldios, Juntas de Turismo, Centro Cultural do Alto Minho e Direcção do Parque,

Encontro Regional do PS em Viana

"Regionalização só é possível com o apoio dos Municípios"

PORTO, 4 – A urgência da criação das regiões político-administrativas como factor de desenvolvimento regional constituiu a principal conclusão do II Encontro de Desenvolvimento Regional do Norte, do PS, efectuado em Viana do Castelo e no qual participou o ministro da Cultura, Coimbra Martins. Durante o encontro, a secretária de Estado Helena Torres Marques disse que a regionalização só será possível com o apoio dos Municípios.

Nele participaram meia centena de deputados e autarcas socialistas dos distritos do Norte, por iniciativa do Grupo Parlamentar. Ao usar da palavra na sessão de encerramento, o ministro da Cultura considerou que se torna «indispensável e urgente a criação de uma acção cultural fecundada a nível local e regional, em estreita colaboração com as autarquias e o Governo».

De acordo com Coimbra Martins, é nesse sentido importante criar, a curto prazo, projectos de lei sobre espaços culturais e de controlo de difusão de audiogramas e videogramas, e avançar com a produção de programas radiofónicos e televisisvos regionais e locais.

Igualmente presente neste II Encontro de Desenvolvimento Regional do Norte, da iniciativa do PS, o assessor do ministro Veiga Simão, Vítor Vasques, adiantou para breve a criação de centros de desenvolvimento tecnológico no Norte. Os centros a criar abrangerão a cerâmica e o vidro (a instalar em Coimbra), os têxteis (Porto, Guimarães ou Braga), calçado (S. João da Madeira), metalomecânica (Porto), cortiça (Lamas, do concelho de Vila da Feira), madeira e mobiliário (Ramalde, arredores do Porto) e indústrias alimentares – mas este em Lisboa.

A secretária de Estado da Administração Autárquica afirmou durante o Encontro que «a regionalização do País é necessária e urgente para o desenvolvimento sócio-económico das regiões subdesenvolvidas. Segundo Helena Torres Marques, uma regionalização do País só será possível com o apoio da grande maioria dos Municípios, a reformulação da Constituição por parte do Governo às autarquias».

câmara municipal da AMADORA

AVISO

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

CONCURSO PARA VENDA, POR SORTEIO, DOS FOGOS MUNICIPAIS

SITOS NA FALAGUEIRA E DAMAIA DE BAIXO

1. Para os devidos efeitos se torna público que, de acordo com a deliberação tomada por esta Câmara na sua reunião de 3.5.84, está aberto **concurso por sorteio**, pelo prazo de 15 dias (desde 4.6.84 a 15.6.84) para atribuição, por venda, de 12 fogos municipais sitos nos Lotes Municipais da Falagueira e Damaia de Baixo, com as seguintes características:

Tipologia	Quantidade	N.º de assoalhadas	Comp. Agregado N.º de pessoas Mínimo	Máximo	Preços
T_0	1	1 Sala/Quarto	1	2	1200 c.
T_1	2	1 Quarto e 1 Sala	1	2	1500 c
T_3	9	3 Quartos e 1 Sala	3	6	2300 c.

2. Os concorrentes, no acto de inscrição, para além do boletim devidamente preenchido, devem entregar o talão comprovativo do pagamento, na Tesouraria, da caução, no valor de 10 000$00.

3. Serão condições de admissão ao concurso:

a) Serem os concorrentes trabalhadores ou residentes no concelho da Amadora há mais de um ano;
b) Não serem possuidores de casa própria – em toda a área metropolitana de Lisboa;
c) Possuírem os concorrentes rendimento mensal, por cabeça, de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte:

N.º PESSOAS DO AG. FAMILIAR	RENDIMENTO MÍNIMO (Per capita)	RENDIMENTO MÁXIMO (Per capita)
1	23 400$00	62 400$00
2	15 600$00	39 000$00
3	12 480$00	27 300$00
4	11 232$00	23 400$00
5	9 360$00	19 500$00
6	8 580$00	18 720$00

4. Os concorrentes para além das 3 condições atrás referidas deverão ainda preencher, obrigatoriamente, um dos seguintes requesitos:
a) Terem acções de despejo transitadas e julgadas judicialmente, na área do concelho;
b) Viverem em manifesta irregularidade habitacional, condicionada pela sobreocupação e ou sublocação;
c) Serem trabalhadores da Câmara Municipal da Amadora.

5. O Regulamento do Concurso, onde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo, estará afixado no átrio da Câmara Municipal da Amadora e Juntas de Freguesia onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Amadora, 31 de Maio de 1984

O PRESIDENTE EM EXERCÍCIO
A VEREADORA
Maria de Aires Aleluia

SIRP SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 94 29 30 — Ext. 320/321

Cardeal Patriarca no Sameiro

"Vale a pena apostar na esperança"

«Vale a pena apostar na esperança, mesmo quando abundam os sinais do desespero», afirmou ontem no Monte do Sameiro (Braga) D. António Ribeiro, cardeal-patriarca de Lisboa.

Na homília que proferiu na missa concelebrada na cripta do santuário mariano bracarense, no âmbito da peregrinação do Dia Mundial das Comunicações, D. António Ribeiro acrescentou que «jamais o cristão verdadeiro consente ser esmagado pelo peso das adversidades». «Para ele, sublinhou, existe sempre um horizonte de luz, por detrás da nuvem mais escura».

Mais adiante sublinhou que «contra a atitude renunciatária, absentista e pessimista, que por vezes se apodera do espírito humano, o cristão ergue o seu grito de esperança e nunca deixará de dizer aos outros homens, seus irmãos, que a vida tem sentido, que o esforço de construção de um mundo melhor pode ser coroado de êxito, que vale a pena apostar na esperança, mesmo quando abundam os sinais de desespero».

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

ESTAMOS a dois de Junho. Significa isto, na máxima possibilidade, que ontem foi dia um. A sucessão dos dias de guarda, que eu saiba, não mudou. Pelo que, ontem, foi o Dia Mundial da Criança.
Significa isto que, ontem, o «Artigo de Fundo» deveria respeitar a efeméride.
Deveria dizer que a criança. Além de que a criança. Muito embora a criança. Deveria dizer aquilo que todas as pessoas dizem, para eterno repouso de suas circunstâncias: que, no mundo ocidental, as crianças têm direitos na lei, mas não na realidade. Certamente, eu cá (há por aí algum valente que se queira bater com outro valente?) iria mais longe. Diria que tudo isto é uma fantochada, uma hipocrisia, uma senvergonhice.
Diria, se. Mas como não disse ontem, hoje não vale a pena. Teria o gosto do chá requentado. Imaginem, um fabiano a falar destas coisas vinte e quatro horas depois da hora H – ah, ah...

A lógica do sistema

Todo o sistema tem uma lógica. Toda a lógica se organiza sistematicamente. A hora política que atravessamos é um poliedro de que apresento algumas faces logicamente organizadas.

1

No tempo do Gonçalvismo foi o tempo em que as liberdades, como fonteluminosamente se sabe, estiveram ameaçadas. Por exemplo: foi o tempo da grande propaganda do PS na Televisão, foi o tempo do grande anúncio e da grande reportagem dos seus comícios. Foi também o tempo dos maiores ataques ao governo, via TV. E agora?
Agora quase todos os partidos estão arredados. Seus comícios passam em silêncio. Da manifestação de hoje – nem uma palavra.
É lógico...

2

A Federação de Futebol não consente nunca na transmissão dos desafios internacionais. Hoje, no entanto, dia da manifestação, o jogo é transmitido. Quem tiver partida a espinha da dignidade, já sabe: Há futebol na TV.
É lógico...

3

Dizem-me que a dr.ª Manuela Eanes deu de manhã, na Rádio, uma entrevista muito interessante a propósito do Dia Mundial da Criança. Pensei que iria vê-la no Telejornal de ontem. Não vi. Quem vi foi uma senhora deputada marcelista à Assembleia Nacional. Quer dizer: o sistema traz marcelistas ao governo e traz marcelistas à Televisão. Chama-se a isto a lógica do sistema.

Epigramando

Sujeito de alta fiança
no dia um deste mês
pensou muito na criança.
Tão pesado esforço fez
relançando a problemática
que a mente ficou reumática.
«Já cumpri o meu serviço»
disse na ronha fleumática.
E não pensará mais nisso.

24 horas

Uruguai

Violentos confrontos entre a Polícia e manifestantes provocaram hoje em Montevideu um número indeterminado de feridos e detidos – informou a EFE. Os confrontos seguiram-se à proibição, pelo Governo, de uma manifestação convocada pela oposição ao regime do ditador Gregório Alvarez.

Botha na Europa

O primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Botha, foi recebido ontem em Londres com uma manifestação de protesto considerada a maior da história do movimento britânico anti-«apartheid».

O primeiro-ministro sul-africano, almoçou com a sua homóloga britânica, Margaret Thatcher, na residência de campo desta. «Se não fosse esta manifestação, teria sido um dia de vergonha para o nosso país. Botha é uma obscenidade» – disse Garvin Laird, dirigente do Sindicato dos Maquinistas, que tem um milhão de associados.

Holanda não quer mísseis

O primeiro-ministro holandês, Ruud Lubers, afirmou hoje que a Holanda não instalará mísseis «de Cruzeiro» da NATO se a União Soviética parar com a instalação de mísseis «SS-20» apontados para a Europa Ocidental. Numa declaração divulgada pelos serviços de Imprensas do governo, Lubers afirmou haver apenas uma maneira de interpretar o plano holandês, anunciado sexta-feira, de adiar uma decisão final sobre a instalação de mísseis até Novembro do próximo ano. Se os soviéticos pararem com a instalação de mísseis «SS-20», então não serão colocados mísseis de «Cruzeiro» na Holanda» disse o primeiro-ministro. A Holanda decidiu adiar para 1 de Novembro de 1985 uma decisão sobre se aceitará ou não os 48 mísseis «de Cruzeiro» que lhe forams destinados ao abrigo do plano da NATO, de 1979 de instalar 572 mísseis «de Cruzeiro» e «Pershing 2» na Europa Ocidental.

Congresso do Partido Liberal Alemão

O Partido Democrático Livre (FDP-Liberal) da Alemanha Federal, frequentemente uma formação charneira na política interna, concluiu domingo o seu congresso anual aprovando um amplo programa político para os próximos 10 anos.

Alguns analistas interrogam-se, porém, se o partido se manterá como força nacional durante aquele período.

Elementos-chave do governo de coligação centro-direita do chanceler Helmut Kohl, os liberais estão a atravessar o que o seu presidente, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, apelidou de pior crise da sua história.

Calhou agora a um petroleiro turco

Quem ganha a quem na guerra entre o Irão e o Iraque?

Todos os membros da tripulação do petroleiro turco atacado ontem no golfo Pérsico por aviões iraquianos foram recolhidos por equipas de salvação iranianas, anunciou a agência IRNA.

A agência noticiosa oficial iraniana, captada em Nicósia, indicou que o petroleiro ainda flutuava as 11 horas tmG (12 de Lisboa), quase quatro horas depois de ter sido atingido por mísseis «Exocet», de fabrico francês.

A IRNA, citando uma fonte militar de Teerão, disse que o petroleiro, cujo nome não citou, foi atacado por aviões «super-Etendard, vendidos ao Iraque pela França, quando se encontrava a navegar em direcção ao terminal petrolífero da ilha de Kharg.

A agência acrescentou que os mísseis foram disparados contra o petroleiro de «uma distância relativamente longe».

Um comunicado militar iraquiano, emitido por Rádio Bagdad, disse ao princípio que uma formação de jactos iraquianos tinha atacado dois «grandes alvos navais» a sudeste da ilha de Kharg (Irão).

Fontes da Marinha Mercante no Bahrain identificaram um dos navios como o petroleiro turco «Buyuk Hun», mas o anúncio iraniano não fez menção de um segundo navio atingido pelos aviões do Iraque.

O Irão rejeitou entretanto uma resolução do Conselho de Segurança da ONU criticando-o por ataques contra navios neutros no golfo Pérsico e disse que isso agravará a crise.

Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano afirma que o Conselho garantiu assim a insegurança total do golfo, ao mesmo tempo que deu luz verde ao Iraque para continuar com os seus ataques à navegação.

«O Conselho é, portanto, directamente responsável pela intensificação da crise, que porá eventualmente em perigo a estabilidade económica mundial» – disse o comunicado.

O Irão repetiu que o golfo deve estar aberto a todos os países, da região ou não, e que um bloqueio às exportações de petróleo iranianas levará a perturbações na área.

A resolução do Conselho de Segurança pedia o fim dos ataques contra navios que utilizam as rotas do golfo Pérsico e reafirmava o direito à livre navegação de e para os portos de países não envolvidos no conflito Irão-Iraque.

A resolução foi proposta pelos seis países que compõem o Conselho de Cooperação do golfo – Arábia Saudita, Kuwait, Bahrain, Qatar, Omã e Emiratos Árabes Unidos.

««Trágica por absurda»

Os Estados Unidos aproveitam a guerra «trágica por absurda» entre o Irão e o Iraque para ampliar a sua presença militar no sudoeste asiático» – escreve hoje o quotidiano «Estrela Vermelha», de Moscovo.

O editorial do órgão das Forças Armadas soviéticas acusa Washington de, «sob o falso pretexto de assegurar a livre navegação de petroleiros para o ocidente», tentar impor «na zona o seu controlo militar ilimitado».

Isto embora os países da região do golfo terem recentemente rejeitado toda a intervenção militar estrangeira, porque os seus governantes estão conscientes da «vaga de protestos populares que com a sua cooperação co os verdugos do Líbano e do Médio Oriente acarretaria» – acrescenta o jornal.

Esta análise coincide com a de outra publicação oficial, Vida Rural, – que afirma que «a guerra dos petroleiros» se destina a afastar para segundo plano «A guerra do espaço extra-terrestre, fruto dos delírios e pesadelos cósmicos de Washington».

Em relação ao próprio conflito Irão-Iraque, este diário do Comité central do Partido Comunista Soviético interroga-se «se não seria melhor, em vez de derramar tanto sangue numa guerra absurda, unir esforços para atalhar o verdadeiro perigo», que – sublinha – são «Os atentados directos dos Estados Unidos» contra a independência e soberania de todos os Estados da Região.

Últimas

O Iraque anunciou que a sua aviação atacou hoje «dois objectivos navais» no golfo Persico e fontes marítimas informaram ter recebido pedidos de socorro de um petroleiro turco.

Os ataques «precisos e certeiros» foram desferidos às 8 horas tmG, ao sul do terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg, e demonstraram uma vez mais a capacidade do Iraque para continuar o bloqueio aos portos do Irão – acrescentou a agência noticiosa iraquina, INA, citando um porta-voz militar de Bagdade.

Mais de 5

Mais de 500 mil pessoas – afirmam os organizadores – exigiram ontem nas ruas de Madrid um referendo sobre a saída da Espanha da NATO e o desmantelamento das bases norte-americanas em território espanhol.

O governador civil de Madrid, Jose Rodriguez Colorado, citando dados da Polícia, afirmou que a manifestação não tinha reunido mais de cem mil pessoas.

A manifestação foi convocada pela coordenadora Nacional de Organizações Pacifistas, que integra 117 grupos.

O Partido Comunista de Espanha e as duas centrais sindicais maioritárias, Comissiones Obreras e União Geral de Trabalhadores, assim como as juventudes socialistas e grupos extra-parlamentares, apoiaram a convocatória da manifestação, que no entanto, não reuniu personalidades políticas de aparente relevo.

A direcção nacional do Partido Socialista Operario Espanhol (PSOE) opôs-se à manifestação e recomendou aos seus dirigentes e militantes que não participassem «porque se distorceram os seus objectivos».

Apesar desta posição, além da UGT e das Juventudes Socialistas alguns militantes participaram na manifestação a nível individual, entre eles o deputado Pablo Castellanos.

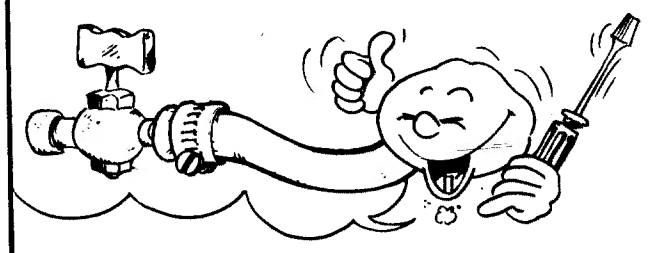
A presença do alcaide de Madrid, Tierno Galvan, que anteriormente anunciara a sua participação, não se confirmou.

A manifestação decorreu sem incidentes e no final, em ambiente de festa popular, foi lido um comunicado em que se exigi NAT das territ rênc teis lar, reco para de u No cado se fa (cas lego neut poss disse e a « litar, O foi c «Nos treita guer acor dos» cialn res» béli mais que moc O «ter pela O foi a «giga músi parti dos com Ur trans rada Gon Ou tiNA

GRANDES CIVILIZAÇÕES
Alitalia

ITÁLIA 1 SEMANA EM ROMA
8 DIAS
GRANDE CIRCUITO ITALIANO
PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS DE 9 DE JUNHO A 6 DE OUTUBRO
ROMA, SUL DE ITÁLIA E SICÍLIA
Partidas 15 DE JUNHO - 5 E 19 DE AGOSTO - 2 E 16 DE SETEMBRO
GRÉCIA 1 SEMANA EM ATENAS
PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS DE 1 JULHO A 28 OUTUBRO
ATENAS COM CRUZEIRO AS ILHAS GREGAS E TURQUIA
PARTIDAS 7 e 14 Jun. e todas as quintas feiras de 5 Jul. a 25 de Out.
ATENAS c/ CIRCUITO CLÁSSICO
PARTIDAS 10 e 17 Junho e todos os domingos de 1 Julho a 28 Outubro
ATENAS, ISTAMBUL E ROMA
10 DIAS PARTIDAS: 9 de JUNHO - 14, 21 e 28 de JULHO 4, 11, 18 e 25 de AGOSTO - 1, 8, 15 e 22 de SETEMBRO
ATENAS E ROMA 9 DIAS
9 JUN. - 14, 21 e 28 JUL. - 4, 11, 18 e 25 AGO. - 1, 8, 15 e 22 SET.
EGIPTO COM MARAVILHOSO CRUZEIRO NO NILO
9 DIAS 17 de MAIO - 3 e 14 JUNHO - 1, 12 e 29 JULHO 9 e 26 AGOSTO - 6 e 23 SETEMBRO - 4 OUTUBRO
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840 abreu
PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS
LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C Tel. 742180
PORTO • BRAGA • GUIMARÃES • COIMBRA • CASCAIS
ALMADA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL
Alvará 35 - OPERADOR TURÍSTICO

Os tubos do gás devem ser fixos com braçadeiras próprias.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Na Alemanha Federal

SPD e Verdes aliados

Os sociais-democratas alemães-federais e os Verdes (ecologistas) formaram hoje uma aliança governamental no estado federado de Hesse (RFA).

A informação foi dada à Imprensa pelos delegados ao congresso extraordinário do SPD efectuado em Wiesbaden, capital do estado de Hesse.

Anteriormente, os Verdes tinham aceitado, após fortes polémicas nas suas fileiras, dar os seus votos ao chefe do governo em funções, o social-democrata Holger Boerner, para que o seu cargo seja ratificado quando se realizar a votação no Parlamento.

Em protesto pela histórica aliança, que classificou de «nefasta», o ministro alemão-federal da Economia e Finanças, Heribert Reitz, membro da ala mais conservadora do SPD e a quem os Verdes tinham criticado por ser promotor de uma política anti-ecológica, demitiu-se.

O chefe do governo de Hesse, Boerner, que na anterior legislatura atacou «duramente» os Verdes — segundo a Imprensa de hoje — demonstrou desta vez a «grande dose de pragmatismo» ao procurar formar a sua aliança, sem a qual não teria podido formar governo num dos poucos estados de maioria social-democrata.

ANTIGUIDADES
COMPRAM-SE
Objectos de arte, bibelots, louças, móveis de qualidade, marfins, etc.
Paga-se bem.
Telefone 369 816

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
13.° JUÍZO
ANÚNCIO

O Doutor Carlos da Silva Caldas, Juiz de Direito neste Tribunal e 3.ª Secção.

FAZ SABER que foi proferida sentença julgando verificada a ausência em parte incerta de MERCEDES DE SOUSA PARRA, nomeando curadora provisória para administrar os seus bens e zelar pelos seus interesses, a autora-requenrente Alice de Sousa Parra Veloso, residente na Rua Conde de Almeida Araújo, n.° 70 3.° Esq.° em Queluz.

Proc. 3306 Acção Especial 3.ª Secção
Autora: Alice de Sousa Parra Veloso
Ré: Mercedes de Sousa Parra, que foi moradora na Rua D. Pedro IV, 22-2.° Dt.° em Queluz.

Lisboa, 28 de Maio de 1984
O Juiz de Direito
a) Carlos da Silva Caldas

O Escrivão Adjunto
a) José do Carmo Transmontano Trindade

«D.L.» – 4/6/84 – 1.ª Pub.

Dois milhões de abortos clandestinos

E a lei foi rejeitada no Parlamento brasileiro

Um projecto de lei que liberalizá o aborto no Brasil foi rejeitado pela comissão de Justiça do Parlamento nacional, que defendeu a tese de que «a mãe não tem a propriedade do feto».

A deputada autora do projecto de lei rejeitado por 15 votos contra três, Cristina Tavares, explicou que pretendia aliviar o drama que representam os dois milhões de abortos clandestinos anuais, que provocam a morte de cerca de 400 mil mulheres brasileiras.

O plano, segundo a deputada, não propunha a legalização total do aborto mas só ampliava os casos em que ele se poderia praticar sem punição legal, como no caso de insuficiência de recursos económicos familiares.

A legislação brasileira só admite o aborto em casos de violação, ou quando não se verifique outra forma de salvar a vida da parturiente.

Felicitações à comissão de Justiça do Parlamento foram endereçadas pela conferência nacional dos bispos do Brasil, que difundiu um documento «em favor da família e em defesa da vida».

A conferência dos bispos condenou os governos que limitam a liberdade dos casais para decidir o número de filhos e os organismos internacionais empenhados em reduzir a natalidade.

Entre estes, alguns bispos brasileiros citam expressamente o Banco Mundial, a Fundação Rockfeller e a Federação Internacional de Planificação Familiar, acusando-os de estarem empenhados «em conter a natalidade a qualquer preço, mediante campanhas de esterilização de homens e mulheres e de distribuição de anticonceptivos e abortivos».

A deputada vencida invocou, na sua última intervenção, a «hipocrisia dos fariseus».

Quem vai vo nas eleições de Jerusalém?

O Comité Eleitoral Israelita decidirá se nas eleições parlamentares de 23 de Junho poderá participar uma lista árabe-israelita que o Ministério da Defesa pretende eliminar, anunciaram ontem fontes oficiais.

O executivo israelita, presidido por Yitzhak Shamir, absteve-se ontem de considerar a situação da «lista progressista pela paz» encabeçada pelo advogado árabe Mohamed Miary e que inclui, entre os seus candidatos o general israelita Matatias Peled e o ex-deputado e jornalista Uri Avnery.

O Ministério da Defesa, baseando-se em informações dos serviços de segurança, ameaçou sexta-feira deixar essa lista à margem da lei por considerar que os seus membros podem ter constituído uma «associação ilícita» para instaurar um estado palestiniano em vez do israelita e sob um governo da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

O ministro israelita da Justiça, Moisés Nessim, disse ao regressar da reunião do executivo que «não é assunto do governo «fixar o destino da lista árabe-israelita.

José Burg, ministro do interior, cultos e polícia, exprimiu a sua oposição trabalhista juntou ao Partido Comunista e a outros grupos políticos liberais de centro na sua exigência de eliminar das eleições aprlamentares a lista do rabino extremista Hier

Kaka cista Se salé na s fend nos ocup israe enco perte extre Ou rush doxo vítim enco um hosp lém. Se seita sába num prop moti «E pod onte puta D rusa Jasi met Isra seu lam O forn tivo Pér Def -Ma

500 mil pessoas pela paz em Madrid

exigia a «saída imediata da NATO e o desamantelamento das bases norte-americanas em território espanhol, a transferência dos gastos militares inúteis de um ponto de vista popular, para programas sociais e a reconversão da indústria bélica para uma produção co objectivos de utilidade social».

Noutros pontos do comunicado lido nas quatro línguas que se falam em território espanhol (castelhano, basco, catalão e galego) pede-se uma «posição de neutralidade e indpendência que possa favorecer o caminho da dissolução dos blocos militares» e a «desnuclearização, civil e militar, do Estado espanhol».

O governo de Filipe Gonzalez foi criticado por – afirma o texto – «Nos vincular cada dia mais estreitamente ao aparelho de guerra ocidental através dos acordos com os Estados Unidos», de incrementar «substancialmente os orçamentos militares» e de «propiciar à indústria bélica que recorda cada vez mais as reduzidas liberdades que consagra a nossa débil democracia».

O texto acusa o governo de «ter tomado já uma clara opção pela permanência na NATO».

O percurso da manifestação foi animado com a presença de «gigantones» e «cabeçudos», música, disfarces, com muitos participantes pintados ou vestidos com símbolos relacionados com o nuclear.

Um grupo de manifestantes transportava imagens caricaturadas de Ronald Reagan, Felipe Gonzalez e Fraga Iribarne.

Outro grupo, da comissão antiNATO, transportava uma urna.

Aspecto da manifestação pacifista de Madrid (Telefoto EFE/ANOP)

Os «slogans» relativos à paz, à saída da NATO, ao desmantelamento das bases e à celebração do referendo eram maioritários entre as bandeiras dos grupos políticos e sindicais participantes e das regiões autónomas onde chegaram à capital espanhola em mais de 700 autocarros e alguns comboios especiais, na denominada «Marcha a Madrid».

A manifestação de hoje culmina uma campanha de mobilizações realizadas nas últimas semanas a nível de todo o território espanhol.

Uma comissão dos organizadores da manifestação apresentará ainda hoje, na sede da presidência do Governo, as 500 mil assinaturas recolhidas nos últimos meses a favor da convocatória do referendo sobre a permanência de Espanha na NATO.

Gonzalez e a contradição

Felipe Gonzalez anunciou ontem que o seu Governo definirá uma posição sobre a permanência da Espanha na NATO antes de Dezembro, data em que se realiza o trigésimo congresso do PSOE, em que o tema será debatido.

O presidente do Governo fez esta afirmação no final da reunião do comité federal do PSOE, órgão máximo entre congressos, que se reuniu em Madrid no último fim-de-semana.

A posição do Governo situar-se-á entre o regresso à situação anterior à assinatura do tratado do Atlântico Norte, em que a Espanha tinha uma relação com a defesa ocidental por um acordo com os Estados Unidos, sem pertencer à NATO e entre a situação criada a partir de então, com permanência na NATO, embora fora da estrutura militar.

Felipe Gonzalez disse que ainda não tinha sido tomada uma decisão sobre a data da realização do anunciado referendo popular sobre a permanência ou não na NATO, mas indicou que poderá ocorrer na primeira metade de 1985, ou nos primeiros meses de 1986.

O presidente do Governo tinha anunciado anteriormente, como provável a Primavera de 1985. O prazo aparece agora ampliado.

O Congresso Nacional do PSOE foi convocado oficialmente para os dias 14 a 16 de Dezembro deste ano.

As relações de Espanha com a NATO será um dos principais temas de debate, que, aliás, já é permanente no seio do PSOE, e de forma polémica, como se verificou a propósito da realização da manifestação de ontem na capital espanhola.

Felipe Gonzalez comentou que «transformar o Congresso num debate «NATO sim, NATO não», seria uma estupidez, que os socialistas não cometerão, pois comeria meio Congresso».

«Há outros problemas importantes a debater, como a situação socioeconómica e a estratégia do partido», acrescentou Felipe Gonzalez.

O presidente do Governo reconheceu a «curiosidade» dos cidadãos sobre a decisão que o Governo venha a tomar sobre a NATO e comentou que «pode ser tomada em qualquer momento».

Para Felipe Gonzalez «qualquer decisão que se venha a tomar não vai satisfazer todo o mundo».

Sobre a manifestação, retirou-lhe importância e disse que os socialistas não apoiaram porque poderiam ocorrer situações de contradição com a política do Governo.

Reagan de visita à Europa

O primeiro dia da visita de Ronald Reagan à Irlanda foi marcado ontem por diversas acções de protesto e reduzido calor popular.

A Polícia irlandesa teve um dia particularmente activo, controlando diversas manifestações contra a presença do presidente norte-americano no país dos seus antepassados.

Logo à chegada ao aeroporto de Dublin, sexta-feira à noite, Reagan olhou uma manifestação de protesto pela sua presença e, depois em Galway, oeste da Irlanda, houve, além de uma manifestação pacifista um boicote a cerimónia da sua investidura como doutor honorário em Direito.

Três professores renunciaram aos respectivos galardões e centenas de actividades antinucleares gritaram palavras de ordem contra o armamentismo e as ingerências norte-americanas na América Central.

O protocolo não foi inteiramente cumprido e um grupo de baile popular, vestido a rigor com trajes típicos, ficou plantado à beira da estrada, vendo passar a toda a velocidade o automóvel de Reagan.

Foi muito recordada a visita de John Kennedy, também à procura das suas raízes, em 1963, o qual se misturava com a multidão nas localidades irlandesas que visitou.

Reagan tem apelado à reconciliação entre católicos e protestantes.

No Ulster insinuou apoiar o «forum por uma Irlanda nova», assembleia política que pretende a reunificação da ilha.

Ontem visitou Ballyporeen, no Sul do país, pequena localidade de onde emigrou o seu (dele) avô

...votar ...es ...?

Kakane, classificada como «racista».

Segundo a imprensa de Jerusalém, Kakane ofereceu cargos na sua lista eleitoral, que defende a expulsão dos palestinianos de Israel e dos territórios ocupados, aos 27 «terroristas» israelitas que actualmente se encontram sob julgamento por pertencerem a uma organização extremista.

Outro rabino, Menachem Prorush, deputado do Partido Ortodoxo Agudotisnel Fopi a primeira vítima da violência eleitoral encontrando-se internado com um traumatismo craniano no hospital Bikur Jolim de Jerusalém.

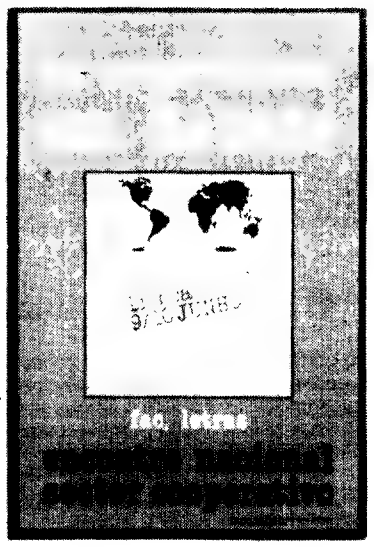
Segundo as fontes, jovens da seita dos Jasidim golpearam-no sábado à noite enquanto rezava numa sinagoga do hotel de que é proprietário, aparentemente por motivos políticos.

«Estou espantado, só os nazis podiam agir desta forma», disse ontem de manhã o veterano deputado do «Agudat Israel».

De acordo com a rádio de Jerusalém Prorush, contra o que os Jasidim previam, não será submetido «a rotação na lista Agudat Israel e continuará a ser um dos seus deputados no próxio Parlamento israelita».

O primeiro-ministro Shamir informou, entretanto, o seu executivo acerca da crise no Golfo Pérsico e recebeu o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior da República da Libéria.

MARROCOS
É CONNOSCO!!!
PARTIDAS TODAS AS SEMANAS
VIAGENS DE 4, 6, 7 E 10 DIAS
HOTÉIS DE ★★★★
SERVIÇO SEM PARALELO
AUTOPULLMANS DE LUXO
GUIAS ESPECIALIZADOS
PREÇOS DESDE 18.400$00
LUSANOVA TURISMO
AV. JOAO XXI, 9-A - M. MONIZ, 6-A - TEL. 894311-894480

COOPERATIVAS

Participa
Inscreve-te
Av. Infante Santo, 4-1.° Dt.° – 1300 Lisboa

BELARUS
um tractor para todos os dias

★ 7 modelos à escolha desde 30 a 90 c.v.
★ 3 opções de dupla tracção.
★ Assistência técnica garantida por pessoal especializado de fábrica e português.
★ **Grande stock de peças, absolutamente garantida em toda a rede nacional.**
★ Concessionários em todo o País.
★ Exposição permanente no novo Centro Técnico em Choilos — Azeitão.
★ **VISITE-NOS EM SANTARÉM DE 1 A 10 DE JUNHO**
Stand 97 Zona Geral
EXPORTADO POR:
TRAKTOROEXPORT
MOSCOVO — URSS
REPRESENTANTES EM PORTUGAL:
C.D. — Comércio e Distribuição, SARL.
R. Braamcamp, 66-1.° Dt.° 1200 Lisboa Tel. 57 44 47
Centro Técnico: Choilos - S. Lourenço - Azeitão Tel. 208 06 03

Prejuízos das empresas públicas somaram 51 milhões de contos

As 51 empresas públicas portuguesas deram um prejuízo de cerca de 35 milhões de contos, informa a agência NP, de fontes oficiais.

A empresa mais deficitária é a Petroquímica (CNP) com mais de 7 milhões de contos de prejuízos, de acordo com um relatório oficial referente a 1982, a que aquela agência teve acesso.

Por sectores, a Indústria registou um saldo negativo de cerca de 20 milhões de contos, os Transportes de cerca de 15 milhões de contos, a Agricultura e Pescas de 367 mil contos, o Comércio e Turismo de 221 mil contos, a Comunicação Social de 548 mil contos e outros sectores não especificados de 420 mil contos.

Os únicos sectores que deram lucro foram a Energia (969 mil contos) e as Comunicações (96 mil contos).

Das 51 empresas públicas apenas 20 conseguiram resultados positivos, sendo mais relevantes os obtidos pela Petrogal, 830 mil contos.

Na Comunicação Social apenas a empresa do «Diário de Notícias/Capital» teve um resultado positivo de 3 mil contos.

As empresas que tiveram resultados positivos são as seguintes com os números a corresponderem a mil contos:

Cimpor-77; Edma-0; ENU-559; ENVC-10; Ferrominas-0; Portucel-44; Tabaqueira-278; Unicer-6; EDP-89; Petrogal-830; PGP-50; ANA-110; Socarmar-75; STCP-128; CTT-46; TLP-50; Pescrul-7; AGA-11; EPAC-135; EPNC-3; INCM-109 e INDEP-49.

Concluíram o ano com saldos negativos, também em milhares de contos, as seguintes empresas públicas:

CNP-7448; Centralcer-88; EPPI-76; Feis-96; Quimigal-6,114; Setenave-3985; Siderurgia-2779; Carris-806; CNN-3229; CP-2,472; CTM-3938; Metro-289; Rodoviária-748; TAP-3374; Transtejo-20; Companhia das Lezírias-61; CPP-74; SNAB-239; Docapesca-102; Enatur-12; Frigarve-4; Gelmar-349; ANOP-98; EPDP-57; RDP-353; RTP-43; Dragapor-100; Epal-473 e TNSC-5.

Crescem as exportações de carnes

A exportação de carnes de Portugal aumentou entre 1982 e 1983 cerca de 600 por cento – segundo um estudo do Banco Pinto e Sottomayor.

O estudo salienta que os principais destinatários das carnes portuguesas são Angola, Zaire, Moçambique e Cabo Verde e refere, ainda, que Portugal importa carnes em conserva e salsichas e chouriços, cujas importações diminuíram entre 1982 e 1983.

Os valores de exportação referidos no estudo do Banco Pinto e Sotto Mayor cifram-se em 1786 mil contos em carnes durante 1983 contra 296 mil contos em 1982. As importações de carnes para a indústria apresentam os valores de 18 233 contos em 1982 e 17 982 contos em 1983.

O estudo do banco assinala que o comércio externo tem desempenhado, tradicionalmente, um papel limitado no que diz respeito aos produtos transformados de carne, representando tanto as importações como as exportações valores bastante baixos.

Vinho verde para Inglaterra

Portugal exportou para a Grã-Bretanha, em 1983, mais de 302 mil litros de vinho verde, o que equivale a um aumento de 26 por cento relativamente ao ano anterior.

A revelação foi feita na feira internacional de vinhos e bebidas alcoólicas, de Londres, considerada a exposição mais importante no calendário deste ano da indústria vinícola mundial e que decorre desde quarta-feira e durante três dias no Palácio de Exposições Olympia, da capital britânica.

O vinho verde português é um dos mais apreciados pelos britânicos, que actualmente estão também a manifestar um crescente interesse pelos vinhos Dão, Periquita e Bairrada.

Missão industrial francesa vem intensificar cooperação

Uma missão industrial francesa desloca-se a Portugal de 26 a 29 de Junho com o objectivo de desenvolver a cooperação industrial entre empresas portuguesas e francesas — anunciou um informador do Instituto de Investimento Estrangeiro.

A missão é organizada pela Expora (Associação para a Promoção do Comércio Externo da Região Rhone-Alpes).

Preve-se que a missão francesa tenha a participação de industriais dos sectores agroalimentar, eléctrico, material de precisão e fundição, artigos de plástico e desporto, entre outros.

Hoje e amanhã em Lisboa

Conferência sobre economia monetária e financeira

O Centro de Investigação sobre Economia Financeira (CIEF) do Instituto Superior de Economia promove em Lisboa nos dias 4 e 5 de Junho uma conferência sobre economia monetária e financeira.

Na conferência, que se realizará nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian e terá uma sessão dedicada aos estudantes do Instituto Superior de Economia, sobre a desvalorização do escudo, a cargo de Luís Barata, participam, segundo os promotores, destacadas individualidades dos meios universitários nacionais e estrangeiros.

Nas comunicações a apresentar durante os dois dias da conferência, os promotores destacam as dos professores A. Courakis (eficácia da política monetária), B. Haudeville (o financiamento da política industrial em França), J. Martins Barata (modelo económico bancário: o caso português) e Ferreira do Amaral (avaliação dos objectivos de política económica).

A responsabilidade pela coordenação das diferentes sessões e moderação dos painéis a apresentar sobre «abertura do sector bancário à iniciativa privada», «relações entre o sector real e financeiro da economia» e «evolução da economia portuguesa nos últimos anos e perspectivas» caberá aos professores G. Gallais-Hamonno, J. P. Pollin, Alain Barrere, Pereida de Moura, Suzanne de Brunhoff, Simões Lopes e Américo Ramos dos Santos, respectivamente, das Universidades de Orleãs e Paris-Sorbonne (França) e do Instituto Superior de Economia.

O CIEF, cujos estatutos foram aprovados em 1983, conta com apoios para a investigação da Banca portuguesa e possui 13 investigadores no seu quadro.

Industriais da construção civil ganham empreitadas em Cabo Verde

A reconstrução do porto da Praia, a construção dos estaleiros de S. Vicente e as reparações nos aeroportos de Paria, S. Nicolau e S. Vicente foram algumas das empreitadas mais vultuosas ganhas por industriais portugueses da construção civil, em Cabo Verde.

Estas empreitadas não constituíram excepção, pelo contrário, dado que empresas portuguesas se têm candidatado, com êxito, a obras importantes iniciadas em Cabo Verde estando a ganhá-las em número muito dilatado proporcionalmente à concorrência de outros países.

Isto mesmo foi destacado pelo secretário de Estado cabo-verdiano da Cooperação e Plano, José Brito, em passagem por Lisboa no fim-de-semana.

José Brito, que escalou Lisboa com destino a Roma, onde vai participar na reunião entre as autoridades italianas e o Comité Inter-Estados de Luta contra a Seca no Sahel, para análise da forma como foram aplicados os 500 milhões de dólares da contribuição italiana, referiu-se ao estado actual das relações luso-cabo-verdianas.

O secretário de Estado considerou que o balanço global da cooperação é positivo e referiu «as relações pessoais entre os responsáveis dos dois países e também a nível dos ténicos» como um dos factores que têm contribuído positivamente.

Muitos dos técnicos cabo-verdianos – aludiu – estudaram em Lisboa «e isso facilita o relacionamento».

O governante cabo-verdiano sustentou que a cooperação entre os dois países «tem de ser vista numa perspectiva global e não apenas em termos meramente financeiros do que Portugal investe».

«A contrapartida recebida por Portugal em bens e serviços é largamente compensatória do que investe na cooperação com Cabo Verde» – afirmou.

José Brito referiu que a balança comercial entre os dois países é bastante favorável a Portugal e que 50 por cento das importações cabo-verdianas são feitas de Portugal.

Cabo Verde importa de Portugal a generalidade dos seus produtos de consumo corrente e artigos de construção civil – disse.

Em termos de serviços, Portugal está a usufruir do facto de os transportes marítimos cabo-verdianos terem deixado praticamente de fazer carreira para Lisboa – acrescentou.

«Os mecanismos da cooperação estão criados e funcionam» – sintetizou.

Técnicos da Lisnave recuperam estaleiros navais de Bissau

Técnicos da empresa portuguesa Lisnave chegam a Bissau no dia 16, a fim de colaborarem na recuperação dos estaleiros navais desta cidade – anunciou a Rádio local.

O Banco Europeu de Investimentos (BEI), com sede no Luxemburgo e enquadrado nas estruturas da Comunidade Económica Europeia, concedeu um empréstimo de quatro milhões de cólares para que seja possível recuperar os estaleiros de Bissau, que nos últimos três anos têm apresentado um estado de degradação.

Também foi anunciada a abertura, no próximo mês, da primeira loja franca de Bissau, propriedade de um consórcio luso-guineense.

Por outro lado, a Rádio comunicou que empresários do Norte, designadamente de Guimarães, estão interessados em desenvolver laços económicos com a Guiné-Bissau, incluindo o apoio à agricultura, que é o sector básico da economia local.

Portugal é o principal parceiro comercial da Guiné-Bissau e em meios locais crê-se que a visita oficial do presidente João Bernardo Vieira a Lisboa e Porto, a partir de hoje, poderá contribuir para fortalecer muitos dos laços existentes entre os dois países.

Em breve deverá decorrer em Lisboa a quinta reunião da comissão mista luso-guineense, que fará o balanço de toda a cooperação existente entre os dois países e que abrange domínios tão diversos como a educação, a saúde, a banca e a metalomecânica.

Cooperação tripartida em Moçambique

Um grupo luso-americano de especialistas em economia esteve reunido no Maputo para avaliar as hipóteses de cooperação conjunta com Moçambique.

Portugal fez-se representar por Rosado Sousa, do Instituto de Cooperação Económica, e por altos funcionários da Embaixada portuguesa em Maputo ligados às questões de cooperação económica.

Os Estados Unidos foram representados por três especialistas do Instituto de Auxílio ao Desenvolvimento.

O grupo luso-americano que se manteve em Moçambique durante duas semanas, contactou diversas entidades governamentais a fim de proceder a um levantamento das áreas em que é necessária e possível a cooperação

Um "robot" para a indústria têxtil vai ser produzido em Portugal

Um «robot» industrial, habilitado a cortar tecidos por raios laser, vai ser produzido em Portugal, no quadro de um projecto de fabrico de maquinaria têxtil subscrito pela Efacec, o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, o Instituto Universitário da Beira Interior e a Empresa de Investigação e Desenvolvimento.

O protocolo respectivo foi assinado na Guarda, no sábado passado, durante a sessão de formação do Negra – Núcleo Empresarial da Região da Guarda, a que presidiu o ministro da Indústria, Veiga Simão. Os trabalhos de investigação do «robot», a realizar de colaboração com uma empresa têxtil de Belmonte, deverão estar concluídos dentro de 18 meses.

Nobre da Costa, do Conselho de Administração da Efacec, afirmou que a experiência vai permitir «um êxito técnico» e realçou o acordo que considerou invulgar porque congrega empresas e órgãos oficiais e privados.

«Esta é uma prática vulgar nos países industrializados, mas que não tem sido seguida em Portugal» – comentou.

O acordo de constituição do Negra salienta a importância do sector têxtil no campo do equipamento, por ser «um sector-chave da exportação» portuguesa.

O LNETI acompanha o desenvolvimento dos trabalhos previstos no acordo, a participação no desenvolvimento do equipamento e na investigação dos processos, enquanto o IUBI participa na investigação do processo têxtil.

O EID participa no desenvolvimento tecnológico do equipamento que contará com equipas mistas do LNETI, EID, Efacec e IUBI.

Para efeito de financiamentos, os custos dos protótipos de desenvolvimento e do protótipo industrial estão orçados em 115 milhões de escudos, concedidos a título não reembolsável pelo Ministério da Indústria.

O ministro Veiga Simão sublinhou que Portugal não é um país do Terceiro Mundo, mas um país que quer ser europeu, o que considerou o «grande dilema nacional».

«Algumas forças querem empurrar-nos para o Terceiro Mundo» – disse o ministro que referiu, sem especificar, «certas forças europeias, mesmo».

O ministro disse apostar nas forças criativas do país e na inteligência nacional que, na sua óptica, reside nas Universidades, nos laboratórios e nas empresas.

Vender artesanato é objectivo da Madeira

O secretário regional do Comércio e Transportes, Miguel de Sousa, anunciou a participação da Madeira, em Janeiro de 1985, na principal feira europeia de têxteis, em Francoforte, Alemanha Federal.

A revelação foi feita na apresentação do primeiro Encontro Regional de Artesanato, a decorrer em 11 de Julho, e da exposição permanente de todos os artigos regionais, que coincide com aquele encontro.

«Estamos certos de que a Alemanha poderá vir a ser, num próximo futuro, um dos principais mercados onde os nossos produtos, nomeadamente, o bordado e tapeçaria da Madeira poderão vir a encontrar uma boa procura» — disse Miguel de Sousa.

O secretário do Comércio e Transportes referiu que há muitos anos que Região vinha tentando arranjar um espaço naquela feira.

O encontro do artesanato madeirense consiste em iniciativas de investigação e pesquisa sobre o artesanato tradicional da Região e uma exposição de montras, exclusivamente para os estabelecimentos de venda da especialidade.

Quanto à criação de uma exposição permanente de todo o artesanato madeirense, disse que esta «contribuirá para a divulgação dos artigos regionais junto dos importadores estrangeiros e de visitantes».

Um dos seus objectivos visa, além da divulgação do património cultural, incentivar a criatividade e o aparecimento de novos valores nas diferentes áreas de artesanato.

No encontro podem participar todas as pessoas, singulares ou colectivas, que apresentem trabalhos ou peças do artesanato madeirense.

Estarão em exposição trabalhos nos sectores de bordados, tela bordada, obra de vime, tecelagem, embutidos e outro artesanato de raiz tradicional.

O secretário do Comércio e Transportes sublinhou a importância de que se reveste para a economia da Região o artesanato e afirmou existir um «crescimento acentuado» nas exportações, em relação a 1983.

Em relação ao primeiro trimestre de 1984, e comparado com igual período de 1983, — apontou — as exportações dos bordados aumentaram 40 por cento, as tapeçarias 74 por cento, e as obras de vimes 57 por cento.

DESPORTO

Ovarense Pinto embolsou 'Abimota'

António Pinto (Ovarense/Herculano) foi o vencedor da 8.ª edição do «Grande Prémio ABIMOTA», ao realizar o melhor tempo no contra-relógio final, disputado ontem, à tarde, entre Águeda-Águeda, na distância de 20,5 quilómetros. Antes da «prova da verdade», Antonio Pinto era 6.º da geral, a 17 segundos do jovem Paulo Ferreira (Sporting/Raposeira) que liderava a competição desde o dia anterior, após destronar o seu companheiro de equipa Alain Dithurbide.

O derradeiro dia do «Abimota» foi, ainda, preenchido com uma etapa matinal de 100 quilómetros, entre Sangalhos e Águeda, ganha pelo sportinguista Carlos Marta, que se isolou pouco depois da largada (exactamente na Malaposta). Apesar de dois perçalços, designadamente uma queda sem consequências. Carlos Marta chegou a Águeda isolado, com 59 segundos de vantagem sobre o pelotão comandado pelo lousanense Carlos Santos. De referir que a cerca de sete quilómetros da chegada, Paulo Ferreira registou uma avaria mecânica na sua máquina que o fez perder o contacto com o pelotão e chegar atrasado 1m e 28s.

Note-se o excelente comportamento de Adelino Teixeira (Lousa/Trinaranjus) que, ao fazer o segundo melhor tempo no contra-relógio, alcançou o 2.º lugar da geral, a 20 segundos do vencedor. O mesmo se poderá dizer em relação ao sportinguista Eduardo Correia: 3.º na tirada decisiva e 3.º no final.

Classificação geral individual: 1.º António Pinto, 14.09,40; 2.º Adelino Teixeira, 14.10,00; 3.º Eduardo Correia, 14.10,19; 4.º Belmiro Silva, 14.10,22; e 5.º Patrice Thevenard, 14.10,2; 6.º Carlos Santos, 14.10,39; 7.º Fernando Fernandes, 14.10,40; 8.º Marco Chagas, 14.11,08; 9.º Manuel Vilar, 14.11,10 e 10.º Firmino Bernardino, 14.11,19. Por equipas: 1.ª Sporting/Raposeira, 42.0,08; 2.º Lousa-/Trinaranjus, 42.30,48; 3.ª Ovarense/Herculano, 42.32,35; 4.ª AJacto/Morphy Richards, 42.38,17; 5.ª Coimbrões/Cafés Gama, 42.40,27.

Nas restantes classificações deste «Grande Prémio» as saliências vão para Patrice Thevenard (Sporting/Raposeira) que venceu no combinado, Carlos Santos (Lousa/Trinaranjus) que triunfou por pontos, Fernando Carvalho (Ajacto/Morphy Richards), primeiro na montanha e Manuel Cunha (Ovarense/Herculano), vencedor das metas volantes.

Lisboa-Évora

Aureliano Mestre (Sambrasense) venceu a primeira «clássica» Lisboa-Évora, com o tempo de três horas 48,45 minutos, nos 146 quilómetros do percurso. Paulo Silva (Leoneses) obteve o 2.º posto, com 3.48,56, seguido de José Santos (Pinheiro de Loures) Rui Costa (Terminorma) e Hélder Domingues (Carnide) todos com 3,49,00. Por equipas triunfou o Sambrasense, à frente do Pinheiro de Loures e do Terminorma. A prova, promovida pelo nosso colega «o diário», reuniu 50 ciclistas de nove clubes.

Acácio no «Giro»

O «Giro» de Itália prossegue. Sábado, Acácio da Silva, foi 19.º no contra-relógio (a 2.47 do vencedor) e passou para a 8.ª posição, com mais 4.53 m que o «camisola rosa». Classificação na etapa: 1.º, Franceso Moser,

Continua na pág 14

Jordão: os dois golos

Festa pouco duradoira

Portugal, 2-Jugoslávia, 3

À saída do confessionário

Carlos Manuel: «Extremo, eu?»

Nada de precipitações, calem-se (por ora) as carpideiras do templo, animem-se as esperanças: durante uma bonita fatia de tempo, aquela que terá de ser (por todos nós) considerada a melhor embaixada futebolística a terras francesas, comportou-se galhardamente, comandada pelo excepcional Fernando Chalana e adaptada à medida europeia por artistas como Jaime Pacheco, Eurico, Jordão e João Pinto.

Logicamente que a turma resvalou para o quase anonimato quando começou a autorizar os tentos de bola parada: inacreditáveis nos tempos em que se pratica, por alto preço, o futebol de melhor gabarito. Aí, o erro tremendo que Fernando Cabrita e seus parceiros da Comissão Técnica têm urgentemente de emendar, porque, com aqueles aflitivos falhanços da cortina defensiva, não poderemos continuar a outorgar à turma das quinas a confiança e a esperança que todos os portugueses querem delegar numa embaixada, necessária e obrigatoriamente carecida de todo o apoio, ainda que continue rodeada de uma redoma de arame farpado, longe (portanto) daquela delegação que, sob nossa bandeira, viajou até Inglaterra (corria-se 1966) quando ainda era tempo em que os jornalistas se podiam encontrar à mesma mesa, por amizade do seleccionador Manuel da Luz Afonso, ainda hoje (sempre) recordado em termos indeléveis.

No Jamor, tudo esteve bem até que os tais golpes, de seferinha travada, nos tolheram como raios. E isso é imperdoável, ninguém pode deixar no anonimato, quando (sobretudo) se treina tão intensiva e ricamente à porta fechada.

Adianto um palpite idêntico àquele em que (durante o jogo) aos microfones da Rádio Comercial, me permiti ao luxo de não falhar antecipadamente uma só das cinco trocas que marcaram a evolução da situação no bloco português: apenas estou em crer que, com certa tomada de opinião geral, Cabrita e seus pares estarão (a estas horas) convictos que fraquejou a pedra Frasco e ganhou larga amplitude a movimentação para Sousa: menos complicativo e mais decisivo, na área do grande trabalho. Mas, isso já foi apontado, é tarefa do foro íntimo de quem recebe milhares de contos anuais da Federação de Futebol para decidir com certezas: e, nunca, em apostas mais ou menos falíveis ou sem audição no areópafo.

De qualquer modo, agora que estamos todos no mesmo barco, levantando as amarras e colhendo as velas para o superior e mais audacioso dos embarques, acredito que ninguém falha por vontade própria. Antes, cada um de nós tem, colocado na meta mais próxima, o seu anseio mais belo: e, se todos conseguirmos estabelecer o diálogo que não pode nunca partir do deserto para a torre de marfim, muito bem acontecerá um belíssimo sucesso. Caso contrário, meus amigos, para a viagem da equipa da Informação a terras francesas, deveremos encomendar um pacote de cobertores de papa. Depois, retalhá-los em lenços: muita falta nos podem fazer se, como no sábado, assistirmos ao sarcasmo de quantos, não comungando na fé e no sonho, também não se quedam na lei do conformismo, aí não ficam envoltos.

É por isso que, sem qualquer procuração, de quem se sabe que teria escolhido uma meia dúzia de **astros** completamente distante dos que se sentaram no banco do Jamor, vos peço somente e apenas uma mensagem de creditação: também os ciganos nunca gostaram de ver bons princípios nos filhos. E a selecção, seja ela qual for (em última instância) merece-nos o respeito e o impulso que nunca pode ser negado a **quem confia em quem.**

•

Evidentemente que não se pode (do mesmo modo) virar a página e ficar no silêncio: uma equipa em que a defesa fica rasgada como manteiga ao sol, onde o centro do reduto oscila como um pêndulo varrido pelo vento e o ataque fica entregue a rasgos solitários ou à classe sumptuosa de Chalana e Jordão, não criam grandes ambições de «manchete» triunfante remetido de terras tricolores.

O maior falhanço (momentâneo, talvez) perante os alunos de Todor Veselinovic, terá sido rubricado por Frasco, que não tem o sentido atacante de Sousa, ostenta uma frágil capacidade física e, quanto a descer à defesa ou ir lá adiante disparar ao golo, temos conversado: só um **livre** do pé canhoto do seu colega em paridade neste juízo vale ouro contra bronze. Frasco esteve muito individualista perante jugoslavos que deixavam toda a gente fazer o que lhe apetecia, excepto perante Gomes a quem colocaram um polícia directo e quase feroz (Katanec). E foi na pecha do recreio sem êxito, das jogadas laterализadas ou atrasadas, em puro padrão râguebista, que Frasco não justificou a chamada e se tornou o único travão a uma bonita hora de actividade portuguesa, somente afectada pelos tais dois lances de bola parada que nem a malta da minha rua, em pelada oeirense, consente ao mais temido parceiro de farra.

•

Por outro lado, Portugal jogou sem flanco direito, ainda que algumas vezes Chalana lá tivesse ido dar o lamiré: sabe-se bem que Carlos Manuel é sensacional quando actua no miolo e fica triste e macambúzia quando o exilam. Todavia (há que reconhecê-lo) foram belos 60 minutos de espectáculo, com os dois soberbos golos de Jordão, o insólito único representante do apagadíssimo futebol sportinguista numa selecção que vai à montra da Europa.

Lá no alto da bancada, o técnico germânico Jepp Derwall deve ter ficado abismado com os tentos perfeitamente facilitados por uma cortina defensiva de seda, mais com a torrente de substituições que apenas teve três motivações: melhoria na troca de Frasco por Sousa, a colocação de Tamagnini Nené (34 anos, estreia internacional perante a Escócia, a 21 de Abril de 1971) no triunvirato dos mais-mais da selecção (lado a lado com os breve ultrapassados Eusébio e Humberto Coelho) e, por último, a palmadinha nas costas que facilitou (aos 25 de idade) a estreia de Carlos Moreira da Silva (Vermelhinho) com as cores nacionais. No resto, foi uma desgraça pegada, ainda que Álvaro tivesse uns lampejos mas a nossa turma continuasse sem médio-extremo na asa direita e Veloso navegasse entre atribuições de atacar, defender ou apenas ver o jogo.

•

Foi também inacreditável aquela de Bento aparecer com camisolas incríveis: primeiro, igual à de dez dos contrários; depois, tal e qual como o n.º 1 contrário, mudança apenas nas meias. O pagode esteve ali, pelo menos durante seis minutos, a constatar que os dirigentes que enquadram a nossa selecção afinal ainda não chegam para as encomendas, não estão senhores da ciência exacta.

•

Quem não chegou a ver o prólogo cómico foi o treinador espanhol Miguel Muñoz, que só chegou ao Jamor quando já se tinham colocado dois golos no «placard». Mesmo assim, teria tempo para revelar que o posto do lesionado dianteiro Rincon, (que perdeu o passaporte até França no «particular» com a Hungria) será para um estudante universitário: Butragueño (20 anos), que o Castilla rodou para o patrão Real Madrid. Quanto aos portugueses, esgrima aprazada para Marselha, nada de aberturas:

— **Este era um jogo-treino: não dá indicações seguras.**

Meteu a viola no saco, mas, certamente, ficou com um medo dos diabos desse pequeno genial que é Fernando Chalana, dos golpes de arte de Jordão, da potencialidade e genica de Jaime Pacheco, da alegria de Carlos Manuel e João Pinto, da correcta eficiência de Eduardo Luís, mesmo da soberba entrada de Sousa, a varrer a trincheira contrária Porém, talvez tenha ficado com uma secreta imagem da facilidade com que a defesa lusa e permeável nos nunca esquecidos pontapés de bola parada, mais do desconchavo que pode suceder quando se quer marcar em linha e sucedem «raids» como aquele que Manuel Bento apenas logrou atrasar dois minutos, cometendo a falta que era indiscutível grande penalidade que nem o mais ceguinho dos juízes poderia desconhecer.

•

Eurico e Lima Pereira estariam com muitos pontos no activo, não fora acontecerem aqueles três momentos em que pareciam principiantes, eles que constituem (indiscutivelmente) a melhor e mais intocável dupla defensiva destas áreas. Mas pena foi que António Bastos Lopes, ao menos para ser como é, não tivesse sido contemplado no bodo ao Povo do banco lateral, também fosse enjeitar a possibilidade de se notar o que pode fazer Diamantino em desespero de causa, já para não falar que tinha sido muito bonito constatar-se o motivo porque Damas tem de se curvar perante Bento ou, então, da razão por que Jorge está neste grupo dos 20 magníficos. Se até o Vermelhinho fez o gosto ao pé...

•

Fiquemo-nos esperando o último afinar de motores, as rectificações rápidas à «barraca» de engolir livres como cerejas e, dando de barato que a nossa passagem pelo Luxemburgo será apenas para acerto de agulhas, esperar por Estrasburgo com a certeza de que algo estará diferente numa defesa capaz de ficar siderada, num meio-campo sem ligação (ou frouxo de intenção), já que não aparece o mais pequeno óbice à dupla de atiradores, caso Chalana consiga provar que é um dos melhores artistas do futebol mundial e tanto Jaime Pacheco como Carlos Manuel, com um colega da sua igualha ombro a ombro, farsquem em termos de bem elaborarem uma produtividade que Jordão ou Gomes ou Nene ou Diamantino, mesmo Vermelhinho, possam concretizar na nossa ovação mais alegre e mais rendida. E isso que todos nos, os que vamos ate França com o mesmo sonho de conquista de qualquer ancestral emigrante, desejamos do fundo do coração.

Porque, amigos, para se chegar ao pódio falta apenas um nadinha: que pode ser o infinito, se alguém tiver ouvidos de mercador.

NEVES DE SOUSA

Sob a direcção de Garcia Carrion (Espanha), que esteve acompanhado por Arcas Navarro e Ramon Gutierres alinharam:

PORTUGAL: Bento; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís (Álvaro, aos 60 minutos); Carlos Manuel (Veloso, aos 68), Frasco (Sousa, aos 60), Jaime Pacheco e Chalana (Vermelhinho, aos 75), Gomes (Nené, aos 60) e Jordão.

JUGOSLÁVIA: Simovic (Ivkovic, na segunda parte); Miljos, Cop (Hadzibezic, na 2.ª parte), Zajec e N. Stojkovic; Gudelj (D. Stojkovic, na 2.ª parte), Katanec e Bazdaveric; Halilovic (Sestic, na 2.ª parte), Susic e Denevic (Cvetekovic, aos 73 minutos).

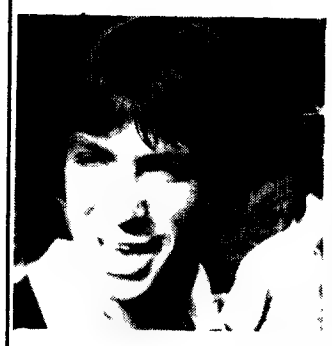
Marcadores: Jordão (2), aos 14 e 34 minutos, por Portugal; Susic, aos 20, Halilovic, aos 44, e D. Stojkovic, aos 82, pelos jugoslavos, cobrando uma grande penalidade. Cartão amarelo para Lima Pereira (19), Eurico (43), Bazdaveric (62), Stojkovic (71), Zajec (72).

DESPORTO

colunáveis

Prémio das mãos de sua esposa, D. Maria das Dores

Legenda verdadeiramente dourada do nosso desporto, o massagista **MANUEL MARQUES** foi distinguido, na festa de aniversário do seu clube de sempre, com o emblema comemorativo dos 50 anos de associado do Sporting. Mais prestígio para o n.º 1 de uma especialidade da medicina desportiva que é responsável por verdadeiros **milagres** e nem sempre tem sido compreendido à altura do seu enorme valor. Parabéns, Manuel Marques!



A firma Alberto Coronel distinguiu ontem, com um prémio pecuniário e um artístico troféu, o «internacional» **FERNANDO GOMES,** melhor marcador das equipas portuguesas presentes em competições europeias. O atirador portista sucede (assim) ao benfiquista Filipovic, vencedor da 1.ª edição daquela iniciativa de Alberto Coronel, empresário que bastante tem apoiado o nosso desporto.

JORGE NUNO PINTO DA COSTA foi reeleito para o comando do executivo do FC Porto. Apenas 1127 associados participaram no acto eleitoral, que registou 22 votos nulos. Sardoeira Pinto (assembleia geral) e Manuel Pinto Borges (conselho fiscal) acompanham Pinto da Costa, que já anunciou a não prorrogação de contrato com o técnico do futebol, António Morais, ainda recentemente colocadod nos píncaros da lua.

MICROSCÓPIO

Badminton: Campeonatos internacionais

A Grã-Bretanha dominou em absoluto os 19.ºs Campeonatos Internacionais de Badminton de Portugal, com vitórias em quatro das cinco finais, deixando a outra à Suécia. Nos campeonatos, que decorreram nas Caldas da Rainha, os praticantes portugueses não conseguiram atingir as fases derradeiras da prova, evidenciando clara inferioridade em relação aos especialistas do Norte da Europa. Em singulares masculinos, a vitória coube ao sueco Thomas Angarth, que venceu o britânicos Gary Asquith (número 8 do seu país) por 15-9, 10-15 e 15-9. Em singulares femininos, a britânica Sionna Elliot bateu (11-7 e 11-6) a sua compatriota Eva Stuart, enquanto em pares femininos Elliot e Stuart (juntas) se impuseram às dinamarquesas Lund e Rygaard, com 15-9 e 15-4. Em pares homens, numa final britânica. Gary Asquith e Elliot Stuart derrotaram David Eddy e Chris Parker (17-15 e 15-12). Em pares mistos, os britânicos voltaram a dominar, com Asquith/Elliot a imporem-se a Eddy/Stuart. Parciais: 15-12, 9-15, 15-3.

Râguebi: Seminário

Praticantes, técnicos e dirigentes de clubes de râguebi participaram, em Coimbra, num seminário para análise e discussão do futuro da modalidade. A reunião seguiu-se a uma série de jogos realizados no Estádio Universitário neste fim-de-semana e foi organizada pela Federação da modalidade. Em foco esteve a apreciação de medidas conducentes ao progresso e divulgação do râguebi em Portugal. Objectivos a atingir, apoio aos clubes, planos de desenvolvimento da modalidade, reformulação ou alteração de provas e calendários, contactos internacionais, arbitragem e formação de técnicos, foram alguns dos temas em debate.

Ciclismo

Continuação da pág 13

Itália, 47.39 minutos; 2.º, Roberto Visentini, Itália, a 53 s; 3.º, Urs Freuler, Suiça, a 15.15; 4.º, Gianbattista Barochelli, Itália, a 1.18; 5.º, Daniel Willems, Bélgica, a 1.19; 6.º, Giuseppe Saronni, Itália, a 1.21; 7.º, Czeslaw Lang, Polónia, a 1.24; 8.º, Laurent Fignon, França, a 1.28; 9.º, Moreno Argentin, Itália, a 1.33 e 10.º, Siegfried Hekini, Suiça, a 1.40. Classificação geral: 1.º, Francesco Moser, Itália, 67.48.05 horas; 2.º, Roberto Visentini, Itália, a 1.03; 3.º, Moreno Argentin, Itália, a 2.07; 4.º, Laurent Fignon, França, mt; 5.º, Marino Lajarreta, Espanha, a 3.31; 6.º, Johan der Velde, Holanda, a 4.30; 7.º Mário Beccia, Itália, a 4.31; 8.º, Acácio da Silva, Portugal, a 4.53 e 9.º, Gianbattista Baronchelli, Itália, a 5.15.

Ontem foi dia de folga. Hoje corre-se a etapa Alessandria – Bardonecchia (200 quilómetros).

Futebol: 1.º escalão é a meta

Penafiel e Peniche: dois galos na capoeira

O Penafiel manteve (invicto) a liderança do torneio de competência entre a 1.ª e a 2.ª divisões do nosso futebol, ao receber e vencer por 2-0 o Marítimo.

No outro jogo desta 3.ª jornada, (última da 1.ª volta do torneio) o Peniche recebeu e derrotou o Chaves por 3-0.

Na próxima ronda defrontam-se Chaves-Marítimo e Peniche-Penafiel.

Classificação actual

	JVED	G	P
1. Penafiel	3300	7-2	6
2. Peniche	3201	5-3	4
3. Marítimo	3102	3-6	2
4. Chaves	3003	3-7	0

Divisão 2 : título

O Belenenses venceu (no Restelo) por 2-0 o Académico de Coimbra, na luta para o título da 2.ª divisão. Os golos da equipa de Belém foram marcados por Djão e Joel, ambos na 1.ª parte.

Classificação actual:

	JVED	G	P
1. Vizela	2110	6-3	3
2. Belenenses	2110	4-2	3
3. Académico.	2002	1-6	0

Próxima jornada: Belenenses-Vizela.

Divisão 3

Em Alcochete, o Montijo venceu o Campinense, por 1-0, em jogo da 3.ª divisão (Zona Sul). O Estrela de Portalegre comanda a zona com quatro pontos (8-3, em golos), seguido do Montijo com dois (3-4) e do Campinense com zero pontos (1-5). O vencedor desta série defronta o vencedor da Zona Norte, cujo encontro marcado para ontem (Estarreja-Felgueiras) foi suspenso por recurso interposto na Federação e ganho já pelo Aves que, assim, vai no torneio e disputar o título da 3.ª divisão por ter a série A do campeonato.

Torneios complementares

Resultados da 3.ª jornada dos torneios complementares de futebol na 1.ª Divisão, **ZONA NORTE:** V. Guimarães-Braga, 0-0; Espinho-Varzim, 3-2; Boavista-Salgueiros, 4-1. **Líder:** Espinho, 5 pontos.

ZONA SUL: V. Setúbal-Portimonense, 2-0. **Líder:** V. Setúbal, 4 pontos.

Segunda Divisão, **SÉRIE A:** Lixa-Gil Vicente, 1-1; Valdevez-Tirsense, 1-1. **Líderes:** Lixa e Gil Vicente, 3 pontos.

SÉRIE B: Leixões-Beira Mar, 6-2; Paços de Ferreira-Feirense, 3-0; Sanjoanense-Valonguense, 1-0. **Líder:** Paços de Ferreira, 6 pontos.

SÉRIE C: Covilhá-U. Coimbra, 1-1; Benfica Cast. Branco-Guarda, 0-1. **Líder:** Guarda, 4 pontos.

SÉRIE D: Naval-Rio Maior, 8-1; Torriense-U. Tomar, 5-0; U. Leiria-Alcobaça, 2-1. **Líder:** Torriense, 6 pontos.

SÉRIE E: Elvas-Olivais e Moscavide, 0-0; Estrela da Amadora-Cova da Piedade, 1-0; Sacavenense-Odivelas, 1-0. **Líderes:** Elvas e Sacavenense, 4 pontos.

SÉRIE F: Barreirense-Lusitano de Évora, 2-0; Olhanense-Esperança de Lagos, 1-0. **Líderes:** Barreirense, Olhanense e Lusitano, 3 pontos.

Taça de Juvenis

A 1.ª volta da 2.ª fase da «Taça Nacional de Juvenis» com a disputa dos jogos da 2.ª jornada, nos quais se registaram os seguintes resultados, na **ZONA"A":** Vila Real-FC do Porto, 0-1; Vitória de Guimarães-Sporting de Braga, 1-2. **Classificação:** 1.º Sporting de Braga, 6 pts; 2.º FC do Porto, 4; 3.º Vitória de Guimarães, 2; 4.º Vila Real, 0.

ZONA "B": Naval-Beira Mar, 1-2; Estrela de Portalegre-Cracks de Lamego, 2-1. **Classificação:** 1.º Beira Mar, 4 pts; 2.º Cracks de Lamego, 3; 3.º Estrela de Portalegre, 3; 4.º Naval, 2.

ZONA "C": Sporting-União de Leiria (adiado para dia 6) e Vilafranquense-Benfica, 1-0. **Classificação:** 1.º Benfica, 4 pts; 2.º Vilanfranquense, 3; 3.º Sporting, 2 (menos um jogo); 4.º U. Leiria, 1 (menos um jogo).

ZONA "D": Desportivo de Beja-Farense, 1-0; Estrela de Vendas Novas-Barreirense, 1-0. **Classificação:** Vendas Novas, 4 pts; 2.º Desportivo de Beja, 4; 3.º Farense, 2; 4.º Barreirense, 2.

Taça de Iniciados

A 1.ª volta da 2.ª fase da «Taça Nacional de Iniciados» terminou com a realização dos jogos correspondentes à 3.ª jornada, nos quais se registaram os seguintes resultados, na **ZONA NORTE:** Penafiel-Sanjoanense, 2-2; FC do Porto-Marrazes, 7-0. **Classificação:** 1.º FC do Porto, 6 pts; 2.º Penafiel, 3; 3.º Marazes, 2; 4.º Sanjoanense, 1.

ZONA SUL: Benfica de Castelo Branco-Sporting, 0-3; Desportivo de Beja-Vitória de Setúbal, 0-3. **Classificação:** 1.º Sporting, 6 pts; 2.º Benfica Castelo Branco, 3; 3.º Vitória de Setúbal, 2; 4.º Desportivo de Beja, 1.

Mais mudanças

Barrinha transita do Vitória de Guimarães para o Vitória de Setúbal. Álvaro deixa o Penafiel para regressar ao Rio Ave. O seu colega Artur passou para o Belenenses.

E os saltos continuams: Filipovic talvez mude (mesmo) para o Boavista. Dudu (Vasco da Gama) foi cedido por mais um ano ao Belenenses. O treinador inglês Bob Houghton (que foi professor de Eriksson e está actualmente no Blizzard, de Toronto) foi convidado pelo Benfica a render o sueco, na Luz. O brasilheiro Ivan, atirador do Santa Cruz, entrou em conversações com o Vitória de Guimarães. Outra oferta do brasileiro: o guarda-redes Pimenta poderá vir do Náutico (Recife) para as Antas.

Jovens ganham lá fora

O Sporting venceu o Torneio de Besancon (França), em futebol juvenil, ao bater na final o Barcelona (de Espanha) por 2-1. O Racing de Besancon alcançou a 3.ª posição, ao ganhar a selecção de Jure (França) por 2-0. O Stndard de Liége (Bélgica) finalizou no 5.º lugar, ao derrotars no seu último jogo o Auxerre, por 2-0.

Entretanto, o Lusitano de Vila Real de Santo António venceu o Torneio de Limoges (França), em futebol juvenil, ao bater na final o Toulouse, por 2-0.

URSS vence ingleses no londrino Wembley

A União Soviética conseguiu a sua primeira vitória fora, frente à Inglaterra, ao ganhar por 2-0 num encontro particular de futebol disputado em Wembley (Londres).

Com golos de Sergei Gotsanov (53) e Oleg Protasov (90), a União Soviética surpreendeu a formação inglesa com um apoiado sistema de 4×2×4 que em rápidos contra-ataques criou oportunidades de golo.

O encontro foi uma decepção para os espectadores, que no final assobiaram o técnico britânico Boby Robson exigindo a sua demissão. Sob a direcção do francês Michel Vautrot, as equipas alinharam.

INGLATERRA: Peter Shiltom; Mike Duxbury, Graham Roberts. Terry Fenwixk, Kenny Sanson; Bryan Robson, Ray Wilkins (Mark Hatley 71), Luther Blisset e John Barnes (Steve Hunt 66 m).

URSS: Rinat Dasaev; Tengiz Sulakvelidze, Aleksandr Chivadze, Sergei Baltachae Anatoli Demianenko; Sergei Oleinikov (Boris Pozdnyarok 84 m), Gennadi Litovchenko, Khoren Oganesyan e Abdrei Zygmantovich (Sergei Gotsanov 20 m); Sergei Rodionov (Oleg Protasov 87 m) e Oleg Blokhin.

Taça da Liga

Jogos da 1.ª «mão» dos quartos-de-final da «Taça da Liga» de Espanha: Gijón - Bétis, 0-1; Espanhol - Atlético, de Madrid, 0-2; Maiorca - Barcelona, 2-1; Sevilha - Valladolid, 2-0.

a chave

Portugal-Jugoslávia	2
Belenenses-Académico	1
Peniche-Chaves	1
Penafiel-Marítimo	1
Guimarães-Braga	x
Espinho-Varzim	1
Boavista-Salgueiros	1
Setúbal-Portimonense	1
Fafe-Riopele *	x
Covilhã-U. Coimbra	x
Benfica C. Branco-Guarda	2
U. Leiria-Alcobaça	1
Barreirense-Lusitano	1

*** Por sorteio**

Totobola: Previsão

Para o concurso deste fim-de-semana do Totobola prevêem-se de 120 a 150 apostadores com treze resultados certos. Com 12 resultados certos prevêem-se de 2500 a 3000 apostadores.

TOTOBOLA jogue connosco

Concurso n.º 23

Luxemburgo-Portugal	2
Belenenses-Vizela	1
Chaves-Marítimo	x
Peniche-Penafiel	x
Sp. Braga-Salgueiros	1
Varzim-V. Guimarães	1
Espinho-Boavista	x
Portimonense-Águeda	1
Farense-V. Setúbal	2
Feirense-Leixões	x
P. Ferreira-Sanjoanense	1
Guarda-Covilhã	1
C. Piedade-Elvas	x

4.ºConcurso Extraordinário

França-Dinamarca	1
Bélgica-Jugoslávia	1
RFA-Portugal	1
Roménia-Espanha	2
Boavista-Sp. Braga	1
Varzim-Salgueiros	1
V. Guimarães-Espinho	x
Águeda-Farense	x
Tirsense-Gil Vicente	2
Ac. Viseu-Guarda	x
Covilhã-Benf. C. Branco	1
Naval-Torriense	2
Barreirense-Olhanense	1

Hóquei em patins: "taça" indecisa

O FC Porto recuperou por três vezes de uma situação de desvantagem no marcador para ganhar ao Sporting (por 9-7), nos dois últimos minutos, na 1.ª «mão» da final da «Taça de Portugal» de hóquei em patins. Alves e Vale (nos minutos finais) marcaram os golos da vitória do FC Porto, que passou por momentos de aflição, dado o bom momento do Sporting, que, apesar de ter estado a perder por 1-0, veio a terminar com a vantagem de 3-2, ao intervalo. Trindade (com quatro golos) foi figura em evidência no esquema do Sporting e so a sua expulsão temporária na parte final é que permitiu aos portistas a recuperação e a vantagem no marcador.

O FC Porto começou a praticar um bom hóquei, mas depois o Sporting impôs-se e dominou a partida adiantando-se no marcador nas alturas cruciais. Mas o apoio dos sócios portistas foi determinante na recuperação e Vítor Hugo (com o tento do empate, a dois minutos do fim) embalou a equipa para a vitória.

Sob a direcção de José Faria (Lisboa) as equipas alinharam e marcaram:

FC Porto: Domingos, Fanã (1), Alves (2), Cristiano (1), Vítor Hugo (3), Vale (1) e Licínio (1).

Sporting: Ramalhete, José Rosado (1), Realista (1), Trindade (4), Luís Nunes (1) e Serra.

O jogo da 2.ª «mão» disputa-se dia 9 em Alvalade.

Ardor e empenho na luta hoquista

Juniores

Benfica e FC Porto empataram a seis golos na 1.ª «mão» da final do campeonato nacional de juniores, em hóquei em patins, realizada no Pavilhão da Luz.

Benfica nos Açores

A equipa de hóquei em patins do Benfica chega na 5.ª feira a Ponta Delgada (São Miguel) para disputar um torneio com três turmas locais. O Benfica defrontar-se-á com o União Micaelense, União Sportiva e Santa Clara. O Benfica levará a Ponta Delgada os jogadores António Fernandes, Paulo Fernandes, Vítor Rosado, Rodrigues Hernâni, Garrido, Rui Baptista e Rocha.

DESPORTO

ponta esquerda

Benfica: gasolina na camisola?

Saltando sobre a Shell, aparece a BP interessada em publicitar a sua marca nas camisolas dos futebolistas do Benfica: dá mais 5000 contos anuais que os 45 mil da Shell, que anunciámos nas edições de sábado.

Vitória de Setúbal: horizonte

Fernando Pedrosa, presidente do Vitória de Setúbal, declarou que os técnicos Manuel Oliveira e Monge da Silva renovam o seu contrato por um ano com o clube. A assinatura decorrerá na 5.ª feira. Por outro lado, Fernando Pedrosa afirma que, além de Aparício (vindo de França para Setúbal), o clube procura reforçar-se com um avançado «do qual já tem o perfil, mas ainda não o nome». Quanto ao vice-presidente e director do Departamento de Futebol do Clube, o antigo jogador Fernando Oliveira (que anunciou a sua demissão), Fernando Pedrosa disse ainda não ter sido formalizada a questão e desejar manter aquele dirigente em funções no Vitória de Setúbal.

Diferendo Inter-portistas

Afonso Magalhães, vice-presidente do FC Porto, afirma que vai proceder judicialmente contra Pôncio Monteiro, presidente do Conselho Fiscal da direcção cessante. Afonso Magalhães, declara que o processo constituirá a sua resposta a afirmações públicas de Pôncio Monteiro responsabilizando-o e ao presidente do clube, Jorge Pinto da Costa, por «gestão caótica». A actual direcção, liderada novamente por Pinto da Costa, foi eleita (sábado) em assembleia geral que registou bastante afluência de associados e toma posse dia 9.

Castelo Branco: Graça sai

O técnico e ex-internacional benfiquista Jaime Graça desvinculou-se do Benfica de Castelo Branco, equipa que orientou durante três anos. Jaime Graça já não dirigiu a equipa no encontro que disputou com a Associação Desportiva da Guarda.

Coimbra: União condecorado

O Clube de Futebol União de Coimbra foi homenageado com a Medalha de Ouro da Cidade, a pretexto dos 65 anos de actividade que está a comemorar. A entrega do galardão deu lugar a uma sessão solene nos Paços do Concelho, à qual se associou o secretário de Estados dos Desportos.

Como vereador do Pelouro dos Desportos, o coronel Álvaro Seco justificou a distinção conferida ao União pelos Serviços que o clube tem prestado às mais variadas práticas desportivas. O vereador rebateu a ideia, por vezes defendida, de um clube único na cidade, bastante fortalecido para atingir resultados espectaculares e vencer campeonatos. **«Toda a actividade desportiva** — afirmou — **deve visar a melhoria da saúde dos seus praticantes, numa perspectiva social e cultural de formação global do homem».**

Em nome do clube usou da palavra Henrique Graça que fez uma resenha da vida do União desde os tempos da «baliza às costas». Mendes Silva (presidente do Município) classificou de relevantes os serviços prestados à juventude de Coimbra pelo União, no momento de fazer a entrega da Medalha de Ouro aos dirigentes do clube.

Assistiram à cerimónia, além de Miranda Calha, o general Pires Tavares (comandante da Região Militar do Centro), Santana Maia, (governador civil), professor Campos Neves (em representação do reitor da Universidade), vereadores municipais, representantes de clubes, atletas e simpatizantes do União. Miranda Calha manifestou aos dirigentes do União de Coimbra e aos atletas do clube o apreço e simpatia do Governo. O secretário de Estado e mais entidades presentes procederam à entrega dos prémios «Cruz de Sant'lago» a seis elementos do clube que durante o ano mais se distinguiram como dirigentes, atletas, ou associados.

Bessa: Zorin no olho da rua

O futebolista jugoslavo Zorin foi despedido do Boavista. Motivo: um relatório elaborado por Henrique Calisto em que se afirmava que o jogador **agrediu o colega Frederico e insultou e ameaçou sócios axadrezados.**

Argentina: violência no futebol

O Sindicato argentino dos Jogadores de Futebol decidiu promover **«acções decididas»** para evitar a repetição de cenas de violência nos estádios. Porém, os futebolistas argentinos afastaram uma hipótese de greve, mas, apesar de alinharem, resolveram observar em todos os campos um minuto de paralisação simbólica antes do início dos encontros, como forma de protesto contra os actos de violência que se vêm repetindo nos estádios do país.

Esta semana vai realizar-se uma série de reuniões entre o Sindicato dos Jogadores, a Federação, a Associação de Árbiros e provavelmente representantes do Governo. Caso não se encontre uma solução, os futebolistas manifestam-se decididos a **«pararem o futebol».** Face às cenas de violência, o público também se tem afastado das bancadas, receando terminar o jogo na Polícia ou no hospital.

Los Angeles: 18 em casa

Em relação aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, um total de 18 países juntaram-se ao boicote soviético: a Etiópia, Bulgária, RDA, Vietnam, Mongólia, Laos, Checoslováquia, Afeganistão, Hungria, Polónia, Coreia do Norte, Cuba, Bolivia, Yemen do Sul, Etiópia, Coreia do Norte, Irão e Albânia.

Motonáutica de luto

O piloto francês Gerard Barthelemy morreu na sequência de um despiste do seu barco, em treinos para o Grande Prémio de Motonáutica de Paris. Barthelemy faleceu no hospital, vítima de ferimentos sofridos quando o barco colidiu com um obstáculo no rio Sena.

Lopes, Leitão, Mamede e o espanhol Jorge Garcia: uns 5000 metros que ficaram no tinteiro

A britânica Julian Hackney vence (folgadamente) os 400 metros

Atletismo em Alvalade: decepção

Fernando Mamede venceu, com o modesto tempo de 13.32,3, os 5000 metros, a prova «rainha» do torneio internacional de atletismo organizado pelo Sporting no Estádio de Alvalade. O francês Francis Gonzalez foi 2.° (13.34,6), António Leitão 3.° (13.35,1) e João Campos o 4.° classificado.

O torneio foi prejudicado pelo mau tempo, reflectido nos tempos e marcas alcançadas e na pouca afluência de público.

O inglês Steve Jones e o espanhol Jorge Garcia decepcionaram nos 5000 metros, ocupando a 6.ª e 7.ª posições, depois de Carlos Lopes, 5.° classificado (13.35,8).

O balanço deste torneio internacional não foi além de dois recordes nacionais juniores e vários regionais. Fernanda Ribeiro (FC Porto) estabeleceu novo máximo nacional júnior nos 3000 metros, ao classificar-se no 2.° lugar, com 9.15,04. Esta prova foi ganha por Aurora Cunha (9.02,7) e a espanhola Pilar Fernandez foi 5.ª (9.29,02). A argentina Mariel Gondora melhorou o seu próprio recorde nacional dos 3000 metros, ao fazer o tempo de 9.38,5.

O recorde nacional júnior dos 400 metros masculinos ficou a pertencer simultaneamente a Álvaro Silva (Belenenses) e a Alberto Jorge (Benfica) que terminaram a prova em 47,2 segundos, com vantagem do primeiro na meta. O brasileiro António Eusébio Ferreira foi 3.° (47,3), depois de vencer os 400 metros barreiras em 51,7 segundos, seguido de José Carvalho (52,4) e do brasileiro Pedro Chiamuela (53,3).

Os 1500 metros foram ganhos pelo espanhol Javier Nieto (3.46,1), seguido do seu compatriota Juan Pascual (3.46,03) e de Mário Silva (do Famalicão) com 3.46,08, enquanto Carlos Cabral ficava em 4.° lugar, com 3.47,01.

Os 3000 metros obstáculos tiveram a vitória do inglês Roger Hackney (8.33,4) seguido do benfiquista Guilherme Alves (8.49,4) e de Jorge Regalo (FC Porto), 8.50,8. O sportinguista João Lopes da Silva falhou os mínimos para Los Angeles, ao ficar na 5.ª posição, com 9.01,6.

O argelino Kapka venceu os 200 metros (21.4) seguido de Luís Barroso (Zona Azul) em 21.5 e de Luís Cunha (Benfica) 21.8. Os 100 metros masculinos foram ganhos pelo brasileiro Nelson Santos em 10,4 segundos, com Luís Barroso e Arnaldo Abrantes (Sporting) na 2.ªE ?.ª posições (10,6 e 10,7).

Fracasso maratonista

O maratonista Manuel de Oliveira não concluiu a Maratona do Rio de Janeiro, desistindo a meio do percurso.

Rita Borralho: destaque

Rita Borralho esteve em evidência, ao alcançar o 2.° lugar na prova de fundo de 10 quilómetros em estrada, efectuada em Mousy-Le-Neuf, arredores de Paris. Rita Borralho, que foi cronometrada com o tempo de 35 minutos e 56 segundos, ficou a escassos cinco segundos da vencedora, a francesa Eliane Cave, depois de ter sido ultrapassada nos últimos 200 metros.

Figueira da Foz

A equipa de atletismo do Carritense venceu a 2.ª edição da estafeta pedestre Leirosa/Figueira da Foz, na distância de 18 000 metros. A equipa vencedora gastou 53,03 minutos e em 2.° lugar classificou-se a Casa do Povo de Tentugal, com o tempo de 54,07 minutos.

Salto com vara

Sergei Bubka, da União Soviética, voltou, a bater o recorde mundial de salto com vara, que já lhe pertencia desde 26 de Maio. Bubka, num «meeting» em Paris, transpôs a fasquia a 5,88 metros, elevando em dois centímetros o máximo mundial.

Elas em 4X400

A equipa feminina da República Democrática Alemã bateu o recorde mundial dos 4X400 metros, percorrendo a prova em 3 minutos, 15,92 segundos, durante os campeonatos de atletismo da RDA, em Erfurt. O quarteto da RDA era formado por Gesine Walter, Sabine Busch, Dagmar Ruebsam e Marita Koch. O anterior máximo mundial estava na posse da RDA, com uma equipa constituída por Siemon, Busch, Ruebsam e Koch, com 3.19,04 desde 11 de Setembro de 1982.

Nesta prova masculina dos campeonatos da RDA foi fixado novo recorde europeu, com 3.00,07. A equipa integrou Guido Lieske, Mathias Schersing, Jens Carlowitz e Thomas Schoenlebe e melhorou em 39 centésimos de segundo o anterior máximo europeu, pertencente a um conjunto britânico, desde 10 de Setembro de 1972.

Andebol: "taça"

Benfica e Belenenses: finalistas

No próximo dia 9 em Castelo Branco, o Benfica e o Belenenses vão discutir o êxito na Taça de Portugal (equipas masculinas) de andebol de sete. Os dois grupos lisboetas legitimaram ontem, ao vencer o FC do Porto e o Académico de Braga, a sua participação na final, após um percurso em que tiveram que demover algumas dificuldades, especialmente os «encarnados» ante o campeão nacional (Sporting).

O Benfica teve que recorrer a toda a gama das suas capacidades para se impor ao FC do Porto por um golo (26-25) na Luz e o Belenenses, a despeito de enfrentar um adversário do escalão secundário (curiosamente orientado pelo prof. Cunha, ex-técnico dos «Águias»), também teve que fazer alarde dos seus melhores recursos para triunfar por três golos (30-27). Uma coisa é certa: a Taça masculina ficará em Lisboa (como a feminina, conquistada pelo Oeiras e ainda os «nacionais masculino e feminino nas mãos do Sporting e do Benfica), numa manifestação clara de supremacia dos clubes do Sul, a nível de seniores. Nos escalões de formação os representantes nortenhos estão empenhados na luta pelos títulos, a época passada conquistados pelo Desportivo de Portugal e pelo FC de Gaia.

Jogo arbitrado por José Armando e Fernando Mendes (Porto) e disputado no pavilhão André Soares (Braga).

Académico de Braga (27): Godinho, Araújo, Maurício (72), Rito (1), Paulo (3), Luís (3), Marinho (1), Jorge (1), Barros (3), Moisés (2), Casaca (6) e Marta.

Belenenses (30): José António, Vital, Janeiro (32, Mendes (5), Espadinha (6), Caldeira (1), Ricardo (1), Hernâni (5), Crespo (7), Armindo (1), Mendonça 1), Mendonça (1) e Chico.

Com arbitragem de Barata Aires e José Francisco, as equipas alinharam e marcaram:

BENFICA: Santa Bárbara (Orlando); José Manuel, Rui Ferreira (7), Mário Gentil (4), Morais (1), João Gonçalves (3), Luís Lopes (3), João Manuel, Costa Almeida (2), Veríssimo (4) e Nuno (2).

FC PORTO: Mendonça; Loreto, Falcão (9), Teté (2), Armando Jorge (1), Mário (6), Ricardo, Paulo (1), Jorge Ferreira (5), Areias (1), Jonel e Baptista.

Almada protesta

O Almada Atlético Clube tomou posição contra o presidente da Federação Portuguesa de Andebol, responsabilizando-o pelos acontecimentos que conduziram a castigos de varios atletas do clube. A questão prende-se com a final da Taça de Portugal em andebol feminino, que o Almada disputou e perdeu, em Torres Novas.

Segundo a secção de andebol do clube da outra margem do tejo, o encontro deverá, conforme anteriormente acordado, disputar-se em Lisboa, mas foi à última hora transferido para Torres Novas. Na sequência dos protestos da comitiva almadense em Torres Novas, o treinador António Guerreiro foi punido com seis meses de suspensão, à atleta Anabela Calado com 10 jogos e as suas companheiras Pilar Miguel e Maria João com cinco jogos cada, por **palavras injuriosas ao presidente da FPA.** Segundo o Almada, **do relatório do árbitro nada consta.** Para o clube, a Federação colocou-o sem alternativa, dando o dito por não dito ao transferir o jogo para Torres Novas, o que o Almada diz ter impedido a presença de um dos treinadores e da massa associativa do clube na final. O comunicado do Almada termina afirmando **esperar ansiosamente** por hoje, **pois contamos com mais um episódio da FPA, desta vez quanto às finais dos juvenis masculinos.**

Colectividades

Farense reúne-se

O Sporting Clube Farense realiza pelas 21 horas de hoje, no Salão Nobre da Assembleia Distrital de Faro, uma assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Alteração do valor da quota; Proposta de substituição do «Dia do Clube»; Apresentação do relatório e contas da Comissão de Construção de Instalações Sociais e Desportivas do SCF; Leitura, apreciação e votação do relatório e contas do exercício da época de 1983/84 e do Parecer do Conselho de Fiscalização, Contencioso e Sindicância; Eleição dos Corpos Gerentes para o exercício das épocas de 1984/85 e 1985/86.

Montijo: eleições

Hoje, às 21 horas, o Clube Desportivo do Montijo elege a nova lista de dirigentes: com cerca de 2500 associados, sonhando o regresso ao 1.° escalao do futebol português, contando com cerca de mil contos mensais de receitas, a colectividade deve eleger um bloco comandado por José Lopes Padeiro, ex-jogador e dirigente do clube.

Varzim: o amanhã

O Varzim elegeu novo executivo, que continua a ser presidido por Lídio Marques mas terá no comando da assembleia geral o dr. José Manuel Carneiro e à frente do conselho fiscal José Azevedo.

No conclave foi divulgado que o passivo do clube é de 15 mil contos e que, a breve espaço de tempo, a colectividade terá de desembolsar 3000 contos para pagamento da sua sede.

"Nuclear, não... obrigado"

Amigos da Terra

As questões mais importantes e desvalorizadas da estratégia energética não são, do nosso ponto de vista, técnicas nem económicas mas sim sociais e éticas. O modo de resolução dos problemas energéticos é a verdadeira questão de regime. Tem a ver com a capacidade de manter a democracia num quadro de descentralização administrativa e com o poder dos cidadãos sobre a realidade.

Tem a ver com a hipótese de em Portugal pensar e agir. Ultrapassar a crise e encetar o caminho do futuro.

O nosso plano energético ao encarar a hipótese da nuclear reata a política dos últimos anos do fascismo, reata a política sem perspectiva do tempo da expansão económica que conduziu ao actual estado de coisas.

Os tecnocratas do fascismo, hoje dispersos pelos partidos, conduzem a opção nuclear; opção irrealista do ponto de vista económico (a maior parte desta indústria está a falir e só encontra mercados nos países sedentos da bomba ou onde políticos permeáveis à corrupção se encontram instalados a altos níveis; sendo a dívida das empresas da nuclear igual à dívida global do terceiro mundo podemo-nos interrogar porque razão em Portugal se planeia instalar estes empreendimentos de capital intensivo, em vez de desenvolver as capacidades nacionais); ilusória do ponto de vista técnico (a nuclear produz actualmente um terço da electricidade planeada na década passada e não há por isso crise, a não ser para os construtores), o nuclear, sempre o dissemos, resulta de uma perspectiva política.

É infelizmente a política do último plano de fomento do fascismo, a política do Kaulza de Arriaga na Junta de Energia Nuclear, que com certas opções energéticas tem vencimento.

Afastada a hipótese da nuclear, apesar dos coficientes de disponibilidade superiores à média, os prazos da construção inferiores, apesar do optimismo das taxas de actualização (continuam, aqui!, inferiores às propostas pelo Banco Mundial), apesar dos esforços dos negociantes do urânio e dos delegados do mamute (EDP), **afastada a opção nuclear,** até pelo menos 1990, pelos grupos que têm trabalhado a versão do PEN, só através de golpaça o ministro da Indústria poderá apresentar a nuclear em quaisquer grandes opções honestas.

A nossa crítica ao nuclear tem, como pressuposto, a crítica a este modelo de desenvolvimento, a esta lógica de números e gráficos com que se pretende resolver a crise. Criticamos a incapacidade das políticas e dos políticos em romperem com o espartilho da economia que temos e verem que existem capacidades e pessoas. Existem disponibilidades para vencer a crise e ganhar a sociedade, sem perder os seres que nela vivem...

– Uma adequada modificação dos consumos energéticos pode conduzir a uma relevante poupança de energia.

– Uma política que dê prioridade ao desenvolvimento da nossa agricultura e à protecção das nossas terras **conjugada com o desabrochar de novas tecnologias,** introdução de novos meios de comunicação e **alteração do carácter prededor do nosso sistema produtivo** poderia ser a base de saída dos nossos impasses.

– Uma regionalização real, que passe por um ordenamento do território rigoroso e o incremento de formas de energia adaptadas e não poluidoras pode constituir o cerne da regeneração e modificação do nosso inquinado sistema político.

– Uma modificação de prioridades económicas, o abandono do gigantismo dos anos 60, que hoje é o buraco imenso que pagamos e alargamos pobres contribuintes impotentes, **uma reconversão do sistema produtivo e a descompressão do Estado Social** em que vivemos são as apostas que pensamos necessárias para vencer a inércia que prevalece a todos os níveis.

Esta aventura não se compra na farmácia. Num mundo de deuses desaparecidos temos que desafiar a nossa solidão, colectivamente.

As técnicas não são neutras. Queremo-las à medida do homem. Para que as possamos controlar.

A discussão sobre as opções energéticas é fundamental. **A nuclear** é uma discussão lateral, como tentámos mostrar. É uma questão da velha... política, **é a máquina a vapor... num mundo de computadores.** Contra isso lutamos. Por alternativas.

Infelizmente torna-se impossível discutir as outras opções tomadas no PEN (algumas das quais de moral duvidosa) enquanto não for esclarecida esta questão.

A introdução do nuclear tem a ver com o modelo de sociedade. Não pode ficar nas mãos de...

ensino

Ano lectivo 84/85 em perigo

Fenprof aponta "5 sinais de alerta"

Cinco sinais de alerta são indicados pela Federação Nacional dos Professores relativamente às condições de abertura e funcionamento do próximo ano lectivo.

Esses cinco sinais dizem respeito à não organização de transportes escolares, encerramento de cantinas, inexistência de apoios sociais para compra de livros e restante material escolar, o que terá como consequência que dezenas de milhares de crianças não poderão cumprir sequer a escolaridade obrigatória a partir de 84/85.

O segundo sinal diz respeito à falta de instalações; em muitas zonas a lotação normal das escolas foi há muito superlotada e vem sendo duplicada e triplicada. «O Governo, afirma a Fenprof, mostra-se incapaz de lançar um programa de emergência de construçoes escolares para os próximos dois ou três anos».

A falta de verbas para apetrechamento das escolas, de pessoal auxiliar e administrativo, a desvalorização da carreira docente e degradação de vida dos professores e o baixo orçamento para a Educação, são outros tantos factos que põem em perigo o próximo ano lectivo.

A situação do ensino foi analisada, a nível nacional, em recente reunião do conselho Nacional da Federação Nacional dos Professores, realizada em Coimbra, com a participação de 52 conselheiros de todos os pontos do País, inclusivamente das Regiões Autónomas.

Em posterior conferência de Imprensa foram divulgadas as conclusões dessa reunião do conselho.

Professores alimentam alunos

Foram citados casos sintomáticos da degradação não só das condições de ensino mas de vida, em geral, de alunos e professores.

Assim, numa escola preparatória da Covilhã, os professores pagam do seu bolso o almoço a um grupo de crianças cujos pais estão desempregados ou têm salários atrasados.

Na margem sul do Tejo, na Marinha Grande e noutras zonas industriais afectadas pelo desemprego, «a fome é uma realidade com que os professores se confrontam diariamente».

«Os desmaios de crianças, o aproveitamento de restos de lanches de colegas e de sobras de refeitórios, a compra de uma sandes no bar ou de uma sopa em substituição do almoço na cantina (quando esta existe), o guardar de pacotes de leite do suplemento alimentar para levar para os irmãos mais novos, são realidade que mesmo o sr. Primeiro-Ministro, com a sua falta de sensibilidade para os problemas da população trabalhadora, pode constatar facilmente».

Acrescentam os dirigentes sindicais que há bares de escolas que começaram a vender também sopa para que os alunos possam dispor dum alimento quente.

Não é preciso ir ao Biafra

«A Federação Nacional dos Professores convida publicamente o senhor Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, a visitar algumas escolas do nosso país, para poder ver com os seus próprios olhos, que não é preciso ir ao Biafra para ver as crianças com fome», afirma a Fenprof, que cita ainda a redução acentuada das verbas atribuídas à acção social escolar e a utilização de entraves burocráticos para evitar a concessão de auxílios, como factores agravantes desta situação.

A redução de subsídios às refeições tem levado dezenas de cantinas a encerrar por dívidas aos fornecedores; quanto ao auxílios económicos directos que no Ensino Primário, por exemplo, variam de 350 a 700 escudos, há crianças necessitadas que não beneficiam deles porque são tantos os documentos que eles requerem que por falta de dinheiro ou de tempo os pais desistem.

A situação profissional dos professores atingiu já «níveis insustentáveis». Os aumentos sucessivos de transportes e bens essenciais afectam inclusivamente a sua actualização permanente e a qualidade do ensino. A agravar esta situação, receia-se pela capacidade financeira do ME. Pelo menos, em 30 escolas preparatórias e secundárias não foram recebidos subsídios de refeição em Maio, havendo sintomas de instabilidade e atrasos no pagamento de vencimentos no Ensino Primário.

Escolas sem verba para consumos

Outro sintoma da degradação financeira das escolas é a falta de verba para pagamento dos consumos correntes de electricidade, água, telefones, papel para os pontos e fichas de trabalho, etc; oficinas e laboratórios vão lentamente parando; a investigação universitária vai também deixando de funcionar pela falta dos mais simples materiais de substituição (reagentes, por exemplo). Quanto ao programa de emergência anunciado por Seabra ainda nem sequer arrancou. Os 4 milhões de contos que permitiam construir 13 escolas não foram desbloqueados e procura-se recuperar uma parcela que permita a construção de, ao menos, 3 dessas escolas.

Os transportes escolares não estão ainda organizados. A Lei de Orçamento transferiu para as autarquias a responsabilidade da organização dos transportes escolares distribuíndo por estas cerca de um milhão de contos. A distribuição dessa verba foi feita não com base em critérios de transportes escolares mas segundo os critérios gerais da distribuição dos fundos autárquicos e sem que às autarquias fossem devidamente explicitada a inclusão daquelas verbas. Resultado: enquanto a CML (que não tem transportes escolares) recebeu 50 mil contos, há autarquias rurais que receberam umas dezenas ou centenas de contos... A generalidade das câmaras – diz a Fenprof – já utilizou essas verbas.

Por todas estas razões e dada a inépcia do actual ministro para resolver os problemas, a Fenprof reafirma que «a demissão do ministro e a mudança de política são condições indispensáveis para sair do impasse que se vive actualmente».

ME desmente "firmemente" ruptura financeira

«Professores de pelo menos 17 escolas preparatórias e secundárias dos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal, não receberam este mês o subsídio de refeição», anunciou o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, em Maio.

Em comunicado, o SPGL acrescenta que «contactada a Direcção-Geral da Contabilidade Pública, «confirmou que o Ministério não dispõe de verbas para cumprir integralmente os pagamentos e previu que a situação se venha a agravar nos próximos meses caso não seja reforçado o orçamento para a Educação». Prossegue o SPGL afirmando «que os cortes que este mês se efectuaram sobre os subsídios de refeição poderão vir a estender-se a outros subsídios ou aos próprios salários».

«Firme desmentido» do ME

Em nota «From Ministério da Educação/Gabinete de Imprensa» «To Orgãos de Comunicação Social» o ME desmente a situação de «ruptura financeira» denunciada em alguns jornais.

Atribuindo essas notícias a uma campanha para criar um ambiente de instabilidade, afirma-se concretamente na nota: «eventuais atrasos no processamento de alguns subsídios tem apenas um carácter pontual e de natureza técnica. A situação financeira – pode afirmar-se – é idêntica à verificada em anos anteriores.»

E conclui: «Acrescente-se que o ministro da Educação mantém mensalmente o mais apertado controlo sobre a execução orçamental do Ministério na sequência aliás, do seu despacho n.º 54/ME/84 de 29 de Fevereiro, que veio estabelecer para os serviços, regras de procedimento na matéria, muito precisas.»

Repetição em Junho?

A Direcção Regional de Santarém do Sindicato dos Professores da Função Pública do Sul, representante dos trabalhadores não docentes das escolas, ao pronunciar-se sobre a falta de pagamento de subsídios considera igualmente «que tal situação terá que ver com a falta de verbas no Ministério da Educação, começando a haver fortes indícios de que no mês de Junho esta situação se virá a repetir».

«Assinala que os trabalhadores vêem o seu rendimento reduzido pelo não pagamento do subsídio de refeição no prazo em que deve ser pago, depois de se terem visto confrontados com brutais aumentos em bens essenciais»

Férias em risco?

Por sua vez, o presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro, Linhares de Castro, afirmou à NP que se não houver uma rápida inversão desta situação, «estará em risco o pagamento de férias aos professores».

Pinto Machado refere carências orçamentais

O secretário de Estado do Ensino Superior, Pinto Machado, que recentemente visitou o Instituto Universitário da Beira Interior, salientou, segundo a ANOP, a «existência de carências orçamentais para a implementação do Ensino Superior politécnico e para a preservação dos edifícios onde está a ser ministrado».

Ainda de acordo com aquela agência noticiosa, Pinto Machado afirmou que serão necessários 25 mil milhões de escudos para acudir às necessidades do sector, o que equivale a um dispêndio anual de 3,5 mil milhões de escudos. «A propósito – acrescenta a ANOP, – e referindo-se a carências do sector, Pinto Machado disse que o orçamento do Ministério da Educação para 1984 é de 2,5 milhões de escudos, o que considerou insuficiente».

PCP denuncia ruptura na serra de Coimbra

O organismo da zona da serra de Coimbra do PCP acusou o actual Governo de colocar à beira da ruptura o ensino da serra do distrito de Coimbra. Denuncia em comunicado que «chove e faz frio na maioria das escolas e que não há material nem equipamento escolares». As poucas cantinas existentes estão a fechar por falta de subsídios oficiais e que grande parte dos alunos são obrigados a fazer muitos quilómetros a pé para chegar às escolas.

comunicação social

João Paulo II

Os 'mass media" ao serviço da promoção do homem

O Papa João Paulo II pediu ontem aos milhares de fiéis e turistas concentrados na Praça de S. Pedro para orarem a favor de uma Comunicação Social ao serviço da verdade.

«Rezem para que o mundo da Comunicação Social execute com fidelidade a sua função de servirs a verdade, a liberdade e a promoção do homem» — disse o Papa durante a celebração do «Angelus Dominical».

João Paulo II relembrou a passagem do «XVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais da Igreja Católica».

O tema para 1984 é «A Comunica Social, a Fé e a Cultura são chamadas a desempenhar um papel priveligiado de encontro e intervenção — disse o Pontífice.

O Papa enviou ainda uma mensagem aos governos solicitando-lhes que façam leis contra a expsloração do sexo pelos «mass media» e para proteger a moralidade pública da corrupção.»

Na sua mensagem, João Paulo afirma que os governos têm o direito de decretar leis que «assegurem a moralidade pública e o progresso da sociedade» na Imprensa, Cinema, Teatro, Rádio e Televisão.»

'Diário do Alentejo" tem 52 anos

O «Diário do Alentejo», que se publica em Beja, comemorou o 52.° aniversário da sua fundação com um espectáculo musical, realizado no Cine-Teatro Pax-Julia, no qual participaram Carlos do Carmo e Janita Salomé. Dirigido pelo médico Jorge Guedes Campos, e tendo como director adjunto o jornalista João Paulo Velez, o «DA» é propriedade da Associação de Municípios do Distrito de Beja. A todos quantos trabalham no «Diário do Alentejo» desejamos a continuação do trabalho até aqui realizado.

PS/CDS: RTP da Madeira manipulada pelo PSD

O grupo parlamentar do PS na Assembleia da AR da Madeira, propos a criação de uma Comissão de Inquérito para averiguar a política de interferência governamental na RTP daquela Região Autónoma.

O requerimento dos socialistas madeirenses considera que «a prática de pressões do Governo Regional sobre os órgãos de Comunicão Social estatizados da Região vem de longa data.»

Para os socialistas, a decisão de Alberto João Jardim, anunciada em conferência de Imprensa, de mandar proceder a um inquérito no Centro Regional da RTP com o fim de apurar as resistências «às suas ordens é uma atitude que é fruto de impetuosidade.»

A polêmica que envolve o PS e o Governo Regional madeirense surge na sequência da suspensão do programa televisivo desportivo «Movimento», facto que provocou a apresentação de u m voto de protesto na Assembleia Regional pelo PS (rejeitado pelo PSD) e a intervenção da directora do Centro Regional, Maria Virgínia de Aguiar, que contestou as interpretações que em torno desta questão vêm sendo feitas.

Segundo o PS madeirense, «a intervenção do Governo Regional através da Secretaria Regional da Educação, junto da RTP, é uma realidade.»

Sublinham os socialistas que a constituição da Comissão de Inquérito Parlmentar «procura tornar clara esta condenável acção do Governo agravada com o aproximar do acto eleitoral regional.»

Também a Comissão Executiva Regional do CDS/Madeira emitiu a este propósito um comunicado no qual denuncia «a escandalosa intromissão do Governo Regional nos órgãos de Comunicação Social madeirenses, superlotando-os com a sua propaganda eleitoralista.»

Desmentindo afirmações de Maria Virgínia Aguiar, o CDS refere que «o novo programa desportivo («Encontro») será mais uma bandeira propagandística e eleitoralista do Governo Regional.»

Aniversários "CP" e "JN"

Os matutinos portuenses «O Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias» completaram, respectivamente, 130 anos e 97 anos de existência.

A todos quantos dirigem e trabalham naqueles dois jornais, endereça o «DL» votos de prosperidade.

Somos capitães, não somos animais para abate

Continuação da pág 3

ciente para que nenhum capitão com o perfil atrás traçado, deixasse de adquirir automaticamente a antiguidade que o poria em condições de ser imediatamente promovido a major. Como aconteceu, aliás, com o actual major de infantaria pára-quedista, 003730, Américo Taliscas, a cujo requerimento para reapreciação da antiguidade, à luz daquela lei, foi deferido por despacho do General CEME de 17-/10/78. Outros oficiais se lhe seguiram no propósito de obterem o mesmo desiderato e a todos, dai para a frente, têm dado um inexplicável indeferimento, por supostas interpretações, sempre objectadas contra o interesse dos requerentes. Dir-se-ía que inventamos, que deliramos, que exorbitamos, mas não! O que acontece, e já por um de nós foi alegado, é outra realidade que urge liquidar, e é esta: ou se está vinculado ao princípio da legalidade e se considera e respeita o direito de idêntico tratamento dos cidadãos face à mesma lei, ou teremos de admitir que não é respeitado o Estado de Direito em que depositamos a esperança, dada a evidência de diferentes tratamentos no tocante à mesma norma jurídica.

Imaginamos, sr. Ministro, como um jurista da craveira de V. Ex.ª, professor catedrático da matéria, hoje sobraçando a difícil pasta da Defesa, deverá ter como fundamental finalidade dos seus actos, a escrupulosa vigilância do cumprimento de quanto estipulam e determinam as leis da República, como também deverá mostrar uma severíssima preocupação no uso e na aplicação das leis, em ordem a não permitir-se prejuízo para os cidadãos por omissão ou viciada interpretação.

Certos de que assim é e será, confiamos em que não deixará de mandar estudar e rever o nosso problema, não se contentanto com a resposta estereotipada do EME, consubstanciada na alegação de que a situação dos capitães ex-milicianos, já se encontra contemplada pelo D. Lei 239/77. Nada poderá ser, no campo das explicações, mais subtil, ardiloso e relapso à verdade, pois que esse D. Lei, visa apenas os capitães inexoravelmente atrasados na antiguidade e avançados na idade, a quem se dá a promoção, com trânsito imediato para a Reserva. Não é esse o nosso caso. O que queremos é a completa e textual aplicação da Lei do Serviço Militar, nas partes atrás mencionadas e transcritas e não a confusão deliberada de dois problemas bem distintos.

Depomos o assunto nas suas mãos, ao mesmo tempo que apelamos para o douto parecer do Exm.° Provedor de Justiça sobre a aplicabilidade da referida Lei aos capitãoes que em mim delegaram a sua representação.

(Assinada por um capitão na reserva)

(1) Carta referida no artigo «Os ex-milicianos – TARDA A SOLUÇÃO E ENFRAQUECE A CREDIBILIDADE DO EXÉRCITO», publicada anteontem neste jornal.

Rampa da Arrábida

Mário Silva vence e bate recorde

Mário Silva, ao volante de um BMW M-1, foi o vencedor absoluto da terceira Rampa da Arrábida em automóvel, tendo ainda estabelecido um novo recorde de subida.

Com efeito, Mário Silva cobriu os três quilómetros do percurso no tempo de 1.51,588 minutos, reduzindo em 10 segundos o anterior recorde da prova, que também lhe pertencia, mas na altura tripulando um Ford Escort RS 2000.

Na segunda posição classificou-se António Santos, ao volante de um Ford Escort RS 2000, com 2.06,171, seguido de Pinto Coelho, em Talbot Rallye 3, com 2.06,464.

Organizada pela secção de motorismo do Vitória de Setúbal, a terceira Rampa da Arrábida contou com a presença de apenas 15 dos 43 concorrentes inscritos e disputou-se na Estrada Nacional 379/1, entre o cruzamento da Rasca e o Alto da Arrábida.

O mau tempo que se fez sentir durante a manhã de ontem, por um lado, e o facto de ser uma prova extracampeonato, por outro, contribuíram para o reduzido número de participantes. Porém, o público acorreu em número que se poderá considerar razoável tendo em atenção as condições climatéricas.

A classificação geral ficou assim ordenada: 1.°, Mário Silva (BMW M-1), 1.51,588; 2.°, António Santos (Ford Escort RS 2000), 2.06.171; 3.°, Pinto Coelho (Talbot Rallye 3), 2.06,464; 4.°, Jorge Correia (Ford Capri 3000), 2.09,124; 5.°, António Riviera (Alfa Romeo GTV), 2.13,579; 6.°, Albino Abrantes (Jaguar XJR), 2.13,580; 7.°, Mello Breyner (Citröen Visa), 2.14,229; 8.°, Vítor Cardoso (Opel Kadett GT/E), 2.15,282; 9.°, Miguel Barata (Volkswagen Golf GTI), 2.18,648; 10.°, Fernando Silva (Volkswagen Golf GTI), 2.21,191.

Mário Silva venceu, também, o Agrupamento «B», enquanto no Agrupamento «A» triunfou Jorge Correia e no Agrupamento «N» António Riviera.

GP de Mónaco

Mau tempo reduz a prova com Prost em vencedor

Alain Prost(McLaren) venceu ontem o Grande Prémio do Mónaco de Fórmula Um, que a chuva fez interromper antes de percorridas metade das voltas ao circuito de Monte Carlo e quando apenas nove carros estavam em prova.

A chuva e os despistes foram a nota dominante do Grande Prémio, que teve ainda, como surpresas, dois estreantes na Fórmula Um a subirem ao pódio.

O brasileiro Ayrton Senna da Silva (Toleman) e o francês Stefan Bellof (Tyrrel) tiveram excelentes exibições sob a intensa chuva no difícil circuito urbano de Monte Carlo, ocupando as posições a seguir ao líder do Campeonato do Mundo.

Prost assumiu o comando desde o início, que foi assinalado pelo abandono simultâneo dos dois Renault: Patrick Tambay atravessou-se na pista e Derek Warwick bateu-lhe, pelo que os dois carros franceses ficaram logo de fora.

Durante pouco tempo, o inglês Nigel Mansell (Lotus) liderou até se despitar e Prost voltar ao comando.

Lauda era terceiro, mas ainda antes de também abandonar foi ultrapassado pelo excelente Senna da Silva.

Quanto a Bellof, que, antes de o circuito ser dado como impossível de ser concluído, era o mais rápido em prova, ultrapassou Keke Rosberg (Williams) e René Arnoux (Ferrari) para se fixar na terceira posição.

René Arnoux foi quarto classificado, Rosberg quinto, Élio de Angelis (Lotus) sexto e Michele Alboreto (Ferrari) sétimo.

Na classificação do Mundial, para a qual foram atribuídas metade das pontuações neste Grande Prémio, interrompido a meio, Prost soma 28,5 pontos, seguido de Lauda, 18; Arnoux, 14,5; Warwick, 13; Élio de Angelis, 12,5; Rosberg, 11; Michele Alboreto, 9; Patrick Tambay, 7; Bellof, 5; Mansell e Senna da Silva, 4.

O Campeonato do Mundo prossegue no próximo dia 17, com o Grande Prémio do Canadá.

Hoje

Carlos Cruz apresenta esta noite, na RTP-1, a 12.ª sessão do Concurso Um, Dois, Três

Das 13.35, às 17.30 Ciclo Preparatório TV
17.37 Curso de Inglês
18.05 Notícias
18.10 Feira de Santarém – Transmissão directa da corrida de cavalos
18.45 Teleregiões
19.10 A balada de Hill Street
20.00 Telejornal
20.30 Uma Pedrada no Charco
20.40 O Bem Amado (episódio n.° 54)
21.10 Concurso Um, Dois, Três – Coordenação e apresentação de Carlos Cruz, que dedica esta edição a um tema particularmente em foco: os transportes
23.10 Últimas notícias

Do Programa... Da Música, poderemos ouvir na RTP-2, o concerto para piano e orquestra n.° 1 op. 15 de Brahms, com o solista Arthur Rubinstein (na foto)

RTP2

19.32 Notícias
19.40 Folclore Participação do Rancho Regional de Gulpilhares
20.10 Documentário – Biografia de Dostoyevsky
20.40 Animação
21.05 Desenhos Animados – Corridas Loucas
21.25 Guerra dos Sexos
22.15 Jornal da Noite
22.40 Da Música «Concerto para piano e Orquestra n.° 1 op. 15 de Brahms» Orquestra do Concertgebouw, de Amesterdam; maestro: Bernard Haitink; solita: Artur Rubinstein

Amanhã

RTP1

17.37: Follow Me; **18.05:** Notícias; **18.10:** Candy, Candy; **18.45:** Teleregiões; **19.10:** Documentário; **19.30:** Três Tons; **20.00:** Telejornal; **20.30:** O Bem Amado, **21.00:** Reilly. O Rei dos Espiões; **22.05:** Grande Informação; **23.00:** Ultimas Noticias.

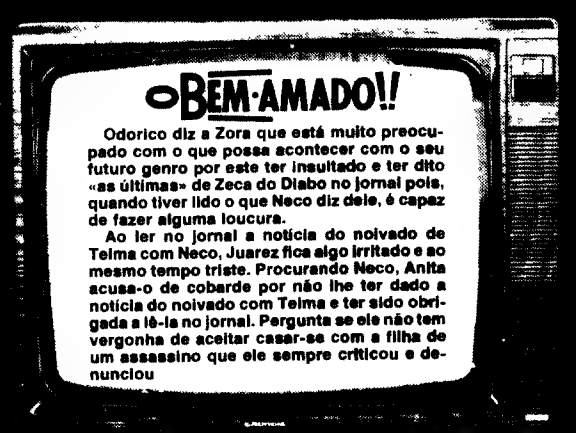
RTP2

19.32: Notícias; **19.45:** Portugal Romano; **20.10:** Adágio, **20.35:** D'Hoje Pr'Amanhã; **21.05:** Desenhos Animados; **21.25:** Guerra dos Sexos; **22.15:** Jornal da Noite; **22.45:** A Balada de Hill Street.

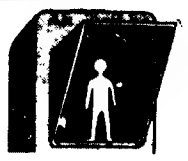
GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1
21.10
Concurso Um, Dois, Três

RTP2
22.40
Da Música



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871



Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular e viver

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

roteiro cultural

Exposições

• Até ao próximo dia 12 está patente ao público na Escola de Belas-Artes, de Lisboas uma mostra colectiva subordinada nada ao tema «Figuração Narrativa». Estão em exposição trabalhos de **Fernando Brito, Lebre, José Eduardo e Rocha, Miguel Branco, Pedro Cavalheiro e Jorge Varanda.**

• No salão da Casa dos Concelho de Arronches, à R. dos Anjos, 49, em Lisboa, está patente uma «Exposição-Instalação» de **Dodo.**

• Desenhos do escultor **Valadas Coriel** estão presentes ao público na Galeria «O País», a R. da Rosa, em Lisboa.

Cerveira Pinto fotografado por Mário Cabrita Gil

• No Módulo-Centro Difusor de Arte de Lisboa, na Av. António Augusto de Aguiar, 56, continuam expostos trabalhos fotográficos a preto e brancos de **Paul Den Hellander.**

• «Observadores sobre a Cor e a Recepção» é o tema de uma mostra de artes plásticas de **Cerveira Pinto** patente ao público no Espaço Inter-Média, à R. Tenente Raul Cascais (a S. Mamede), em Lisboa.

• Escultura e cerâmica de **Eduarda prodêncio** pode ser vista na sede do Clube do Sargento da Armada, ao Largo da trindade Coielho, n.º 21, 2.º, em Lisboa.

• Na Galeria do «Diário de Notícias», sita ao Largo do Chiado, continua patente ao público a **exposição das fotografias premiadas no 3.º Concurso «Imagens d'A Capital»,** estando igualmente expostos cerca de 20 outros trabalhos recomendados pelo júri.

• Na Galeria de Arte do Casino do Estoril, Martins Correia tem em exposição uma mostra de pintura, desenho, gravura e escultura. Cinquenta anos de carreira nos mais variados géneros das artes plásticas.

• Composições feitas à base de tecidos, incorporando rendas, bordados, missangas e lantejoulas de **Conceição Tomaz** estão patentes ao público no Palácio Foz, em Lisboa.

• integradas nas várias actividades paralelas que a Seiva Trupe organiza como extensão ao espectáculo «O Amor de uma Mulher», está patente ao público numa sala da Cooperativa do Povo Portuense, uma exposição de pintura de várias artistas. **Eulália Santos, Graça Martins, Isabel Cabral, Isabel de Sá, Leonor Ferrão, Lídia Vieira, Manuela Pestana e Manuela Soares** expõem os seus trabalhos.

• **Eduarda Filhó, José Bello e Maria Antónia Santos** expõem cerâmica, pintura e tapeçaria na Pousada do Castelo de Palmela.

• Pintura e mosaico de **Carlos Flor Dias** está patente ao público na Galeria Neupergama, em torres Novas.

• Óleos, àguarelas e colagenss de **João Teixeira de Vasconcelos** estão em exposição na Galeria Gilde, em Guimarães.

• Trabalhos de **Mena Brito,** subordinados ao tema «O Espectáculo» estão patentes ao público na salas de exposições do Casino de Vilamoura,

Teatro

• **Margarida Carpinteiro, Mário Rodrigo, José António e Nicholas McCnairk** continuam a apresentar no Espaço da Ocarina o seu espectáculo de café-concerto.

• «O Amor de uma Mulher», de Maricla Boggie, continua a ser levado à cena no Porto pela **Seiva Trupe.** O espectáculo marca o reencontro com os palcos portugueses da actriz Estrerla Novais e o reaparecimento de uma dupla de sucesso no programa do teatro português: Júlio Cardoso e José Rodrigues.

Cinema

• Na sala dr.º Félix Ribeiro da Cinemateca Nacional prossegue esta noite o **ciclo dedicado a Tod Browing,** com a projecção a partir das 21h30m de «Bill Joinss The W. W. W.'s», «The Mistery of the Leaping Fish» e «Under Two Flags».

Um dos trabalhos de Mena Brito em exposição no Casino de Vilamoura

• Esta noite, pelas 23h45m, prosseguem os Cine-encontros do City-Cine com a projecção do filme **Génio do Mal,** de Richard Donner.

Colóquios

• Integrado no ciclo dedicado a Tod Browning, **Elias Savada** proferirá esta tarde, pelas 18 horas, na Cinemateca Nacional um conferência.

Música

• Prossegue esta tarde no auditório dois da Fundação Calouste Gulbenkian a **Semana Francisco de Lacerda,** numa organização conjunta do Conselho Português da Música e da Juventude Musical Portuguesa. Assim, a partir das 18h30m, Lia Altavilla (soprano) e Olga Prats (piano) interpretação em primeira audição, obras de Francisco de Lacerda e ainda de Debussy, Faure e Chausson.

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

REGIÃO SUBURBANA DE LISBOA

LINHA DE CASCAIS

AVISO

NORMALIZAÇÃO DO CARTAZ HORÁRIO H 39

A partir do próximo dia 26, inclusive, aos SÁBADOS, DOMINGOS e FERIADOS, passam a efectuar-se todos os comboios anunciados, no referido horário.

Lisboa, 21 de Maio de 1984

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$15	91$1
ALEMANHA FED (marco)	50$80	51$90
ÁUSTRIA (xelim)	7$15	7$45
BÉLGICA (franco)	2$320	2$390
BRASIL (cruzeiro)	$055	$105
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	105$95	107$95
(notas de 5 a 1000)	106$45	108$45
DINAMARCA (coroa)	13$80	14$20
ESPANHA (peseta)	$862	$982
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	137$25	139$25
(notas de 5 a 1000)	137$75	139$75
FINLÂNDIA (marka)	23$80	24$40
FRANÇA (franco)	16$50	17$20
HOLANDA (florim)	45$00	46$00
IRLANDA (libra)	155$95	159$95
ITÁLIA (lira)	$074	$084
JAPÃO (iene)	$569	$604
NORUEGA (coroa)	17$70	18$20
REINO UNIDO (libra)	192$10	196$10
SUÉCIA (coroa)	17$05	17$65
SUÍÇA (franco)	61$25	62$35
VENEZUELA (bolivar)	6$95	7$95

Observações:
1. — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil**

rádio

«ANTENA UM»

16.00: Musicomania; **18.00:** Noticiário. «A Gaita dos Sete Foles»; **19.00:** «Informação e Musica»; **20.00:** «Folhetim: «O Apostolo da Juventude» baseado na vida de S João Bosco; **20.25:** «No Estúdio e no Estádio» (Inf Desportiva – 2.ª ediçao); **20.35:** «Música portuguesa», **21.00:** «Musical»; **21.30:** «Noites de Luar»; **23.00:** Titulos do último jornal. Noticiários intercalares às 16 00, 17.00. 18.00 21 00 e 22 00 horas

PROGRAMA 2

16.00: Aberturas – Vitória de Wellington Op. 91, de Beethoven – Leonor n.º 3 em do maior Op. 72 b. de Beethoven – Hussite Op. 67, de Dvorak; **16.50:** Concertos. – Concerto em sol menor Op. 10 n.º 2, de Vivaldi – Concerto em si menor Op 34, de Pfitzner – Concerto em re maior de Ravel. **18.05:** Agrupamentos de Câmara – Le ballet des Ages, de Campra. – Quinteto em mi bemol maior Op. 44, de Schumann; **19.00:** Terra-viva, planeta azul; **19.30:** Sinfonia n.º 100 em sol, «Militar», de Haydn; **20.10:** Música de tecla, de Proberger e Louis Cottschaik; **21.00:** O canto e os seus intérpretes; **22.00:** Tudo isto é música tambem. .; **23.00:** Intercâmbio musical O Outono na Estiria 1983 em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austriaca. – Canções do Sol, meditação lírica sobre textos de Markus Jaroschka, de Zhigniew Bargielski; **00.05:** Obras de Bach, **01.00:** Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Programa do Sport Lisboa e Benfica; **20.00:** Conta corrente, **21.00:** Quando o telefone toca (2 edições); **22.00:** Portugal e a CEE, **22.15:** Programas religiosos, **22.30:** Desporto, **23.00:** 24.ª Hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O sport e frente; **17.00:** Ondas lusianas. **18.00:** Circulo em FM; **19.00:** Em órbita, **20.00:** Country music; **21.00:** Jazzof ne; **22.00:** Café concerto. Noticiários de hora a hora

REDE SUL DE FM

21.00: Paju; **21.30:** Pentagrama

DESDOBRAMENTO EM FM ESTÉREO

22.00: A Universidade da Radio, **22.57:** Boa Noite, **23.00:** A cor do som, **01.00:** As superestrelas do FM Noticiários todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 052

HORIZONTAIS:

1 Aparvalhados.
2 Interjeição usada pelos caçadores, quando açulam os cães (Bras). Igual
3 Criaturas Humanas. Ninfa das fontes e florestas personificação do eco.
4 Enterraras em lodaçal.
5 Principal rio da África. Cousa nenhuma.
6 Estava. Greda branca. Grande quantidade.
7 O lado do vento. Recusa. Bismuto (s.q.)
8 Nome de pássaro brasileiro. Bosque.
9 Mulher astuciosa Nivela.
10 Nome de fruto. Terbio. (s.q.).
11 Grande mala. Existe.

VERTICAIS:

1 Vasilha de barro ou metal.
2 Dê pios. Enguia. Preposição.
3 Divisão de uma casa. Planta do pé.
4 Tampa para vasilha. Capital do Estado do Rio Grande do Norte.
5 Ressoa. Choupana.
6 Censuras. (fig). Rata. Cobalto (s.q).
7 Sentidas Condoiências. Apelido.
8 Prefixo de privação. Duna na Suécia.
9 Artífices.
10 Indivíduo sobre quem se sacou uma letra de câmbio. Cidade de Inglaterra.
11 Artífices. Bário (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9902

HORIZONTAIS:

1 Cidade da União Indiana. Ilha do grupo das Canárias
2 Estimai Ocultais.
3 Liquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados. Dás massagens a.
4 Pronome pessoal Nome de mulher
5 Amargo Invulgares.
6 Pequeno pássaro dos campos. Batráquio
7 Guarnecera de asas. Transpire
8 Apelido. Antiga cidade da Polónia, hoje arrabalde de Varsóvia. Antiga unidade monetária da Alemanha
9 Despovoa Baú.
10 Ligavam. Rangifer
11 Convenceremos.

VERTICAIS:

1 Praça forte da Alemanha à beira do Danúbio. Estampilhe.
2 Patrão.Abreviatura da palavra inglesa mister. Apelido.
3 Tenda. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
4 Ninho. Alisava.
5 Clima. Aluminio (s.q.).
6 Catálogo. Época. Ruim.
7 Região montanhosa da Ásia Central. Nome de letra.
8 Fileira. Clima. Apre!
9 Ataras. Um cento.
10 Mio. Nome de planeta.
11 Tostassem. Arsénio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 051

HORIZONTAIS:

1 DOIS GÉNIOS
2 Pianos Ria
3 IE Rá Ma. Ri
4 Gr Ao Orão
5 Ua Rs
6 Falecer.
7 Irada Idos
8 Sob Zara.
10 Maçam. Sa Ag
11 Asas. Mera

VERTICAIS:

1 IGUAIS. Má.
2 Opera. Romãs.
3 II. Cabaça
4 Sarau. Ras.
5 NÃO FAZEM.
6 Gó. VA.
7 Esmo. Liras.
8 Arredaram.
9 Ir Asco.
10 Oiro És Bar.
11 Sai. Br LIGA.

Provérbio: Dois genios iguais nao fazem liga

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9901

HORIZONTAIS:

1 Cavar. Cassi.
2 Aviso.
3 Tas Alor.
4 Ará. Grasmai.
5 Orna. Ame
6 Aéreas. Ad.
7 NS Gas. Agro
8 Haia. Bras.
9 Alargaria
10 Moa. Lentes.
11 Mó. Garoas

VERTICAIS:

1 Casta. Unha.
2 Avaro. Salmo.
3 Visara. Ião.
4 Ás. Negara.
5 Ro. Gará.
6 Ar. Escala.
7 Calara. Rer.
8 Os. Sabino.
9 Sorna. Grata.
10 Amara. És.
11 Impiedosos.

cartaz de cinemas e teatros

Uma cena do filme «A Mulher do Aviador» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.
O TEMPLO DE SHAOLIN
3.ª semana

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 82A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
— M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
— Int. men. 18 a.
A LEI DO SEXO
(SEX CONNECTION)

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

às 14, 16.30, 19 e 21.30
(Para todos)
Walt Disney Productions
apresenta
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE

CASTIL 530194
R Castilho

Às 14.30, 18 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
UNS... E OS OUTROS
2.ª Semana

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
(Int. m/18 anos)
O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
Às 23.30
Int. men. 18 anos
ADEUS AMÉRICA

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
A TORRE DOS REFÉNS
Com Peter Fonda, Mand Adams e Billy Du Williams

CINE 222 579460
Av P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. m/18 anos
O ESPIÃO IMPLACÁVEL
Às 24.00
A PELE

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

As 15.30 e 21.30
Maiores de 12 anos
OS SÓCIOS

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

As 15.30 e 21.30
Maiores de 12 anos
FÉRIAS QUENTES

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 15.15, 18.30 e 21.30
A FORÇA DO TIGRE
Int. men 18 anos

2000 2100055
Av. B Voluntários, lts. 113/4

Às 15, 18 e 21.30
Maiores de 18 anos
SCARFACE

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 16 anos
OS COMANDOS DA NOITE

ESTÚDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
96.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 2130
— M. 16 A.
A MULHER DO AVIADOR

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 15.00, 18.00, 21.30 e 24.00
Não ac. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2
Às 14.30, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 6 anos
O REGRESSO DO AVENTUREIRO
de Herbert Ross
com Donal Sutherland

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
— M. 12 a.
OS IMPLACÁVEIS EXTERMINADORES

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30
Maiores de 12 anos
MILAGRE DE AMOR

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral. 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
— Int. men. 13 a.
OS CANHÕES DE NAVARONE

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
A FORÇA DO TIGRE

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
Maiores 16 anos
GANGSTERS DAS 4 RODAS

POLITEAMA 326716
R. Portas S Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
O maior êxito na história do cinema holandês
DELÍCIAS TURCAS

QUARTETO 771378
R Flores de Lima, 16

SALA 1
ÀS 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não ac. 18 anos
DESESPERADO CITY
Às 23.30
M. 18 anos
VAI TRABALHAR MALANDRO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Maiores 16 anos
PAIXÃO
Às 23.30
M. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
M. 18 anos
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30
M. 18 anos
CARNE DE PRIMEIRA

SALA 4
Às 14,15, 16.30, 19.00 e 21.15
M. 12 anos
O CONTRATO
Às 23.30
O MISTÉRIO DE OBERWALD

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
Às 24.00
A ESCOLHA DAS ARMAS

ROMA TEL. 727778
Av de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Maiores de 16 anos
Nunca um objectivo foi tão importante... e perigoso!
OS COMANDOS DA NOITE
Com Gene Hackman

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.
A FÚRIA DO GUERREIRO

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.30, 18.45 e 21.45
Maiores de 6 anos
A MALDIÇÃO DA PANTERA
Com David Niven

SALA 2
Às 14., 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finey e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715
Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
— M. 18 a.
MONTY PYTON'S, O SENTIDO DA VIDA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15.00, 18.15 e 21.30
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
E de Benfica, 723-A

Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores 18 anos
SCARFACE
– A FORÇA DO PODER

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

Às 15.00, 18.15 e 21.30
Não ac. m/13 anos
O milagre feito cinema. A mais fantástica aventura da história do cinema continua em...
O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

XENON 368480
Av da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
7.ª Semana
Maiores de 16 anos
CHRISTINE
– O Carro Assassino
7.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «Hollywood Porno» (18 anos (sessões Permanentes)
MUNDIAL – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
TERMINAL – Star 80 a tragédia 21.30 (16 anos)
CITY-CINE – «Frankenstein Júnior», às 21.30 (13 anos)
ALFA-CLUB – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «O Consul Honorário», às 21.30 (16 anos)
ESTUDIO AC5 — «Guerra do Mirandum», às 21.30 (12 anos).
TIVOLI – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «Classe», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Apocalypse Now», às 21.15 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Carícias Imorais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «A Força do Poder às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – Falcões em duelo» (18 anos)
CINEMATECA – «Sob Duas bandeiras» 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL-Casino-«Afrodite» (18 anos) às 21.15
S. JOÃO DO ESTORIL-Cineländia-«Bólides de Morte» (18 anos) às 21.15
CASCAIS – Oxford – «A Conspiração de Londres» 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA-Incrível-«Superman III» (6 anos) às 21.15
SETÚBAL-Júpiter-«Os Marginais» (12 anos) às 21.15
AMORA-Cruz de Pau-Lord-«007 Operação Tentáculo» às 21.30.
ALMADA-Academia-«O Último Fôlego» (16 anos) às 21.15
ALMADA – CineEstúdio – «Fome de Viver» 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Golpe das enrascadas» 21.30 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM-Cine Estúdio Flores-«Ragtime» (13 anos) às 21.30
ERICEIRA-Cinestúdio-«McQuade, o Lobo Solitário» (13 anos) às 21.15

Porto

SALA BEBÉ – «Christine», às 21.45 (16 anos)
BATALHA – «Implacáveis Exterminadores», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Projecto Bainstorm», às 21.45 (12 anos)
TERÇO — «Lagoa Azul», às 21.30 (13 anos).
CHARLOT – «Finalmente, Domingo», às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN – «Opção Final», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO – «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «A Turma dos Tarados», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «Vigilante», às 21.30 (16 anos)
FOCO – «Os Comandos da Noite», às 21.30 (16 anos)
COLISEU – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-L – «Guerra do Miradum», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
ESTÚDIO – «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Espada Invencível», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa

Permanente

ALTO SANTO AMARO — **Teles** — Rua João Barros, 2 Frente. Telef. 638176; **ALVALADE** — **Zil** — Av. da Igreja, 9-D. Telef. 891780; **BAIXA** — **Azevedo e Filhos** — Rossio, 31. Telef. 327478; **BENFICA-CEMITÉRIO** — **Simões** — CC. Tojal, 102-A. Telef. 749649; **CAMPO OURIQUE-PRAZERES** — **Ourique** — Rua Freitas Gazul, 32-B. Telef. 671667; **ESTEFANIA** — **Estefânia** — Rua Pascoal Melo, 90. Telef. 544438; **LUMIAR** — **Douro** — Alam. Linhas Torres, 93-A-B. Telef. 791131; **OLIVAIS SUL** — **Marta** — Rua Cidade Nampula-Ed. Paris Lt. 534. Telef. 333896; **PICHELEIRA** — **Mariuz** — Cc. Picheleira, 140-B-C; Rua Prof. Mira Fernandes MAF. Telef. 880703; **PARQ. EDUARDO VII** — **Latina** — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Telef. 542312; **SAPADORES** — **Zama** — Rua General Justiniano Padrel, 21-A. Telef. 832580; **ODIVELAS** — **Monserrate** — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A. Telef. 911139; **PONTINHA** — **Cruz Correia** — Est. Santo Eloi, 41-A. Telef. 992453.

REFORÇO

AJUDA — **Mendes Gomes** — Cç. da Ajuda, 222. Telef. 638256; **ALM. GAGO COUTINHO** — **Estados Unidos** — Av. Estados Unidos da América, 16-B. Telef. 885859; **AVENIDAS NOVAS** — **Figueiras** — Av. Marquês Tomar, 20-22; Telef. 544995;. **CAMÕES** — **SANTA CATARINA** — **Combro** — Cç. do Combro, 82. Telef. 326059; **CHILE** — **ALTO SÃO JOÃO** — **Veral** — Rua Morais Soares, 109-111. Telef. 821732; **ENCARNAÇÃO** — **Zira** — Pç. das Casas Novas, lote 66. Telef. 311216; **PENHA FRANÇA** — **Dimar** — Rua Conde de Monssaraz, 17-B. Telef. 842533; **RATO** — **Manuel Vicente Jesus** — Lg. do Rato, 3-C-D. Telef. 681947; **ROCHA** — **Pinheiro** — Rua Presidente Arriaga, 16. Telef. 603054; **SÃO DOMINGOS BENFICA** — **Vitex** — Est. Benfica, 373-B. Telef. 780548; **BRÂNDOA** — **AMADORA** — **Correia** — Urb. Alfornel-Cel. G-Lt. 137-Loja B (Poente); **BURACA** — **AMADORA** — **Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6-A. Telef. 970660; **OLIVAL BASTO** — **Nova** — Rua Açores, 11-A. Telef. 910305; **PRIOR VELHO** — **Matos** — Tv. Prioras. Telef. 2519939.

Linha de Cascais

ALGÉS – Branco – Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA – Melo Almeida** – R. D. Diogo Couto, Lote 182 (Tel. 219697). até às 19 h; **TIRES – Guimarães** – L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho – B.º** Padre P. Correia, 4-B (Tel. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Rebl.º (Tel. 2421015). Até às 22 h; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Est. Nacional (Tel. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). Permanente; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058); **PAREDE – Mendes Junqueiro** – R. de Luanda, Lote 5 (Tel. 2477838). Permanente; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreirtas, 2 (Tel. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS – Amaral** – Quinta das Encostas (Tel. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE – Imani** – Até às 22 horas; **MADORNA – Madeira** – R. A (tel. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. M.ª Carlos Anjos (tel. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Tel. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA – Girassol – R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161). Permanente; **Helénica** – R. Elias Garcia, 372 (Tel. 933613). Até às 22 h; **DAMAIA – D. João V** – Av. Gurpel do Amaral, 2-A (Tel. 970461). Até às 22 h; **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (Tel. 950906). Até às 22 h; **CAMARATE – Nova da Charneca** – R. Cid. Lisboa, 9-A (Tel. 251872). Até às 19 h; **CACÉM – Vitor Manuel** – Est. do Algueirão, 123. Permanente; **MEM MARTINS – Araújo e Sá** – Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel 9240781). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA – Araújo** – Até às 22 h; **SINTRA – Misericórdia** – Vila (Tel. 9231070). Permanente; **COLARES – Abreja** – Tel 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Tel. 980456). Permanente; **MOSCAVIDE – Império** – R. 1.º de Maio, 48-A (Tel. 2513234). Permanente; **SACAVÉM – Soares** – R. José L. Morais, 15-A (Tel. 2518025). Até às 22 h; **LOURES – Seralva** – Av. da República, 86 (Tel 2530027). Permanente.

Outra banda

ALMADA – Magalhães – R. Cap. Leitão, 8-B (Tel. 2750242). Até às 22 h; **COVA DA PIEDADE – Morgado** – R. Cabo da Boa Esperança, 25 (tel. 2767356). Permanente, **COSTA CAPARICA – Carlos** – Av. do Mar, 34-A (Tel. 2401060). Até às 19 h; **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (Tel. 2290911). Até às 22 h; **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **LAVRADIO – J. Consolado** – Av. Joaq. J. Fernandes, 17 C (Tel. 2043126); **BARREIRO – Central** – Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA – Cardoso** – Av. Liberdade, 59 (tel. 2041044);. Até às 19 h; **CORROIOS – Abreu Cardoso** – B. Cid. Setúbal, 1 B (Tel. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (Tel 2212923). Até às 22 h; **SEIXAL – Soromenho** – P. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2213560). Até 22 h; **MONTIJO – São Pedro** – Av. Camões, 16 (Tel. 2311133). Até às 22 h; **MOITA – Silva Rocha** – P. DA República, 16 (Tel. 239029). Até às 19 h; **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020). Até às 19 h; **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100). Até às 19 h.

PORTO

(Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h.)

LIGA ASSOCIAÇÕES SOCORROS MÚTUOS – R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** – Campo Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO** – Av. Fernão Magalhães, 692; **CORREIA** – P. Mouzinho de Albuquerque, 78; **MATOS** – T. de Bordeaux, 184 (Viso).

De dia e toda a noite

LIDADOR – R. do Lidador, 265; **DINIZ** – R. Matias de Albuquerque, 247; Silva Pereira, R. Costa Cabral, 293; **BOAVISTA** – R. da Boavista, 601 (à Carvalhosa); **SOUSA SOARES** – R. Santa Catarina, 141.

Coimbra

ATÉ ÀS 22 HORAS
Lopes Rodrigues – R. Fern. Tomaz. 4.
SERVIÇO PERMANENTE
ADRIANA – Praça da República, 20-22.

teatros

Lisboa

O Grupo Novo — «Confissões numa Esplanada de Verão», às 21.30 (12 anos).
TEATRO IBÉRICO – «Gardel, el Dia que Me Quieras», às 21.30 (13 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Diário de uma Criada de Quarto», às 21.45 (16 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima, e Você?», às 21.45 (13 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320871/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de notte (depois das 21):
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1428/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

06.22 03,50 m	11.51 01,30 m
18.37 03,70 m	
Dia 5	
07.18 03,40 m	00.35 01,20 m
19.35 03,60 m	12.52 01,40 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	11°
PORTO	13°
COIMBRA	13°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
ÉVORA	13°
BEJA	14°
FARO	15°
SAGRES	–
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

Jovem morto: suicídio ou excesso de droga?

Um ex-estudante de 20 anos, Ângelo Borges, natural de Freixiel. Alijó foi encontrado na sexta-feira, inanimado na Escola Preparatória e Secundária de Vila Nova de Foz Côa. Transportado ao hospital local, os médicos limitaram-se a verificar o óbito.

Suspeita-se, no entanto, que o jovem tenha sucumbido ao consumo excessivo de estupefacientes, embora não esteja posta de parte a hipótese de suicídio.

Ângelo Borges, deixara de estudar, e há duas semanas que trabalhava numa pedreira em Vila Nova de Foz Côa.

A autópsia já foi realizada, no passsado sábado, e o relatório, não divulgado aos jornalistas, entregue ao tribunal daquela comarca.

Identificado o cadáver encontrado numa lixeira da Amadora

Os corpos de um bebé de três meses e de um homem aparentando cerca de 50 anos foram descobertos na madrugada de sábado, por um funcionário da lixeira municipal da Serra Mira, na Amadora. O macabro achado ocorreu cerca das duas horas quando o funcionário procedia à remoção de detritos naquele local.

O corpo do homem, com as duas pernas amputadas, estava dentro de um saco de serapilheira e apresentava indícios de enforcamento.

Um informador da PSP da Amadora adiantou que as duas pernas amputadas foram posteriormente localizadas num vazadouro próximo. Quanto ao bebé, completamente nu, apresentava sinais de agressão na cabeça.

Entretanto, ao fim da desta manhã, foi identificado o homem como sendo Daniel Gonçalves, residente em Carnide. A Polícia Judiciária afirmou ao «DL» já ter detido um suspeito do crime, cuja identidade não revelou.

Dois cabo-verdianos feridos a tiro na Cruz de Pau

Numa rixa entre cidadãos cabo-verdianos, devido a «questões já antigas», não especificadas na informação policial, ocorrida esta manhã no Bairro da Princesa, em Cruz de Pau, no concelho do Seixal, registaram-se dois feridos que recolheram em estado grave ao Hospital de S. José.

Em Troia peritos falaram da Defesa Nacional

Aumentou a cobiça alheia por Portugal...

A existência de graves problemas de interferência externa, devido ao aumento da cobiça alheia para com Portugal foi uma das conclusões do primeiro encontro nacional dos Auditores dos Cursos de Defesa Nacional realizado este fim-de-semana em Tróia. Na oportunidade, o secretário de Estado da Defesa Nacional divulgou as traves mestras do projecto sobre conceito estratégico da Defesa Nacional a ser apresentado à Assembleia da República durante o mês de Junho.

Um dos intervenientes na sessão, o Capitão-de-Mar-e-Guerra, Virgílio de Carvalho, considerou que o problema central da segurança portuguesa tem a ver com o facto do território nacional ser de extensão e forma insegura, e estar encravado entre a Espanha e o mar. A constatação dos condicionalismos geográficos levou aquele militar a sublinhar que «Portugal teve sempre e continua a ter problemas graves de independência externa», acrescentando que «a cobiça alheia aumentou com a importância geoestratégica do País», decorrente do aumento de potencialidades da Zona Económica Exclusiva e do facto de estar integrado no Iberlant.

Partindo destes pressupostos, Virgílio de Carvalho salientou a importância do nosso país passar a exercer a sua soberania não apenas no território continental, mas também nas suas águas territoriais de forma a evitar «a tentação de países aliados e amigos o fazerem com as suas próprias forças militares».

Espanha na mira

O orador aludia indirectamente à questão da subalternização de Portugal a um eventual Comando Ibérico Unificado. Idênticas preocupações foram expressas no tocante à adesão de Portugal à CEE e à implementação dos novos métodos informáticos.

Segundo alguns participantes, o esbatimento da fronteira com a Espanha , resultante da integração europeia e a influência dos meios audio-visuais do país vizinho podem ameaçar a identidade nacional.

Diferente foi a intervenção do Professor Bayão Horta. Para este último, os défices alimentares, energético e demográfico são os pontos mais vulneráveis da Defesa Nacional.

«Portugal gasta cerca de dez por cento do valor do seu produto Nacional Bruto na aquisição de combustíveis, e cerca de seis por cento na cobertura do seu défice alimentar», exemplificando, deste modo, a vulnerabilidade da área económica no âmbito da Defesa Nacional. A estes dois indicadores, Bayão Horta junta um terceiro: «o défice demográfico» que torna necessário «uma ocupação mais homogénea do território nacional».

A adaptação às novas tecnologias, como condição do País poder preservar a sua identidade nacional, bem como o aproveitamento dos recursos energéticos nacionais, na procura da auto-suficiência local foram outros dos pontos mais significativos na intervenção de Bayão Horta.

Projecto sobre conceito de Defesa Nacional

Ontem, o secretário de Estado da Defesa Nacional, que representava na reunião o titular da pasta, Mota Pinto, revelou algumas das traves mestras do projecto sobre conceito de defesa nacional a ser apresentado à Assembleia da República.

De acordo com Figueiredo Lopes, o documento, já apreciado pelo Conselho Superior de Defesa Nacional e pelos comandos dos três ramos das Forças Armadas, necessita apenas de ligeiras reformulações « a fim de se eliminarem alguns equívocos», nomeadamente na parte que se relaciona com a adesão de Portugal à CEE.

No diploma afirma-se que «o valor estratégico fundamental» que determina a estratégia global do Estado em matéria de Defesa Nacional é a Nação.

No plano político geral, aponta-se entre outras direcções, para o desenvolvimento e fortalecimento da «consciência de identidade nacional e consciência cívica de toda a população e em especial de juventude, bem como de uma opinião pública nacional esclarecida e motivada em matéria de segurança e defesa». É ainda salientada a necessidade de um «planeamento civil de emergência articulando a gestão dos recursos disponíveis».

No campo político-militar externo, o projecto sublinha que a participação portuguesa na NATO deve reforçar «a capacidade de defesa autónoma e seja compatível com esta». Por fim, quanto ao plano político-militar interno, o documento preconiza que seja acentuada a componente de defesa autónoma eficaz, «com capacidade de sobrevivência e dissuasão das ameaças à integridade nacional».

A convite de Eanes

Presidente da Guiné-Bissau chega hoje a Lisboa

Continuação da pág. 1

sua honra pelo Chefe do Estado português.

Amanhã João Bernardo Vieira tem um encontro com o Primeiro-Ministro, visita a Câmara Municipal de Lisboa, a Assembleia da República e a Fundação Calouste Gulbenkian e recebe a comunidade guineense no Palácio de Queluz. No dia seguinte recebe também o corpo diplomático acreditado em Lisboa, almoça, em Sintra, com o Primeiro-Ministro e retribui, à noite, em Queluz, o banquete ao Presidente Ramalho Eanes.

Na próxima quinta-feira, o chefe do Conselho de Estado da Guiné-Bissau visita um empreendimento agrícola no Vale de Santarém e parte nesse mesmo dia para o Porto, cidade que o acolherá até ao dia do seu regresso a Bissau. Na sexta-feira, ainda, visita as caves do vinho do Porto e a empresa de construção civil Soares da Costa e tem um jantar, no Palácio da Bolsa, com a direcção da Associação Industrial Portuense,(AIP). Nesse dia, Bernardo Vieira tem a tarde livre para conviver com os seus filhos, que se encontram a viver e a estudar na capital do Norte.

O presidente da Guiné-Bissau regressa a Lisboa no dia 9, dá na sala dos VIP's do aeroporto da Portela às 10 e 15 uma conferência de Imprensa (cerca de meia-hora) e parte para Bissau às 11 horas.

Quem é Bernardo Vieira?

O presidente João Bernardo Vieira, nasceu em Bissau a 27 de Abril de 1939 e trabalhou na adolescência como electricista.

Aos 20 anos, depois da chacina dos estivadores no cais de Pidiguiti, em Bissau, João Bernardo Vieira partiu para a recém-independente República da Guiné (Conakry), onde conheceu Amílcar Cabral e onde em 1960 entrou para o PAIGC.

Depois de haver recebido formação militar na China «Nino» – como viria a ser chamado pelos outros combatentes – foi chefe político-militar da região administrativa de Catió, comandante militar da frente sul da Guiná-Bissau e, a partir, de 1964, membro do Bureau Político do partido.

Presidente da Assembleia Nacional, João Bernardo Vieira leu em 24 de Setembro de 1973 a proclamação da independência da Guiné-Bissau, passando então a ser o responsável pelas Forças Armadas do novo país. Primeiro-ministro em 1978, depois de haver frequentado um curso de Estado-Maior em Cuba e da morte de Francisco Mendes, João Bernardo Vieira assumiu a presidência do Conselho da Revolução após o movimento reajustador de 14 de Novembro de 1980.

Extinto o Conselho da Revolução em 16 de Maio deste ano, «Nino» foi eleito para a presidência do Conselho de Estado, cargo equivalente a presidente da República, assumindo, por inerência, também a chefia do governo e o comando das Forças Armadas.

João Bernardo Vieira é também o secretário-geral do PAIGC, desde o congresso extraordinário de Novembro de 1981, que ratificou a separação entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde.

COI reúne 80 especialistas em Portugal

Soares volta a propor Lisboa para sede do Tribunal do Mar

O Primeiro-Ministro Mário Soares reafirmou esta manhã a oferta do Governo português para que Lisboa venha a ser sede do Tribunal do Mar e adiantou que Portugal está a estudar a possibilidade de conceder bolsas de estudo, estágios e cursos no domínio das ciências do mar a cientistas e técnicos das antigas colónias.

Mário Soares falava na reunião inaugural do grupo de trabalho para a formação, ensino e assistência mútua no domínio das ciências do mar da Comissão Oceanográfica Internacional (COI), que de hoje e até sábado reúne em Lisboa cerca de 80 especialistas de 45 países.

As bolsas de estudo, os cursos e os estágios a conceder por Portugal aos países africanos de expressão oficial portuguesa sê-lo-ão «no quadro da cooperação» e no âmbito do esforço para «reduzir o hiato entre os países altamente industrializados e os menos desenvolvidos» em relação as ciências do mar – disse Mário Soares.

O chefe do executivo reafirmou, como acima destacamos, a oferta do Governo português para que Lisboa venha a ser «uma possível sede para o Tribunal do Mar» e, «atendendo à tradição marítima e cultural, continua a estar na disposição de acolher, no futuro, um organismo internacional ligado ao mar».

Mário Soares realçou, depois, os trabalhos desenvolvidos nos últimos 25 anos por aquele organismo da UNESCO e afirmou que, «sem uma base científica e tecnológica adequada, não é possível, no mundo de hoje, pôr os oceanos e as suas riquezas ao serviço do homem».

Depois de salientar que «Portugal pode orgulhar-se de ter desempenhado, na história da Humanidade, um papel de pioneiro na descoberta dos oceanos», o Primeiro-Ministro considerou que «estão ultrapassados os tempos em que as descobertas se faziam à custa de ousadia e empiricamente».

Sobre o «interesse de Portugal pelos oceanos», Mário Soares declarou que «a economia portuguesa continua, ainda, a depender, em grande parte, das actividades marítimas, algumas das quais, como a construção naval e a Marinha Mercante, atravessam um período difícil que nos impõe uma reestruturação que represente um saldo qualitativo».

«A importância do mar para o desenvolvimento das Regiões Autónomas (Açores e Madeira), que muito interessa à nossa jovem democracia promover, também não pode ser ignorada» disse Soares.

Embora membro da Comissão Oceanográfica Intergovernamental há muitos anos, só recentemente Portugal tem vindo, de facto, a acompanhar os trabalhos da comissão de um modo mais estruturado. E é momento que um novo regime dos oceanos entra em fase de execução...

Sete Ponto Sete

Exclusivo

O relatório Anselmi sobre a Loja P2 de Licio Gelli

Págs. 4 e 5

Graça Lobo:

Sou mais importante do que o primeiro-ministro

Pág. 3

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

S O C I E D A D E

Labirintos

«Ele tinha ouvido mal ou fixado mal o nome das ruas. Fiou-se nas indicações topográficas, seguindo o melhor que podia o itinerário prescrito. Quando julgou ter chegado, esperou. A encruzilhada parecia-se com a descrição que lhe tinham dado, mas o nome não correspondia à vaga consonância que guardara na memória. Esperou durante muito tempo. Não viu ninguém.» (Alain Robbe-Grillet, **Dan le labyrinthe).**

Chaké Matossian

TODO o nome indica um itinerario do qual surgiu a encruzilhada da pergunta, essa mesma em que Edipo mata o pai, e, com ele, o seu nome. Além, para além do nome, um grito, um som, um ruído, o que esse nome tenta em vão (re)dizer e fixar, sempre marcado por uma inadequação fundamental. Na passagem para a transcrição, só resta uma vaga consonância e alguns traços «mnesicos». Recomeço, retranscrição, nova encruzilhada... isto poderia durar muito tempo, a vida inteira, sem que se encontrasse ninguém para além da assinatura.

Assim acontece com Declarações (por exemplo a Declaração de Independência dos Estados Unidos) que são como cartas em suspenso e não cessam de interrogar o signatário. Com a problemática do signatário e da sua identidade, Derrida (1) convida-nos a interrogar a (auto)biografia, a ciência do vivo e a do morto, a instituição, o pai e a mãe, no espaço labiríntico do ouvido nietzschiano (daí OTO-biografias).

Quem é signatário de uma Declaração? Para além do representante dos representantes, é o «bom povo» quem assina, e essa assinatura não deixa de levantar alguns paradoxos. A assinatura terminará uma constatação ou produzirá um acontecimento (a independência, os direitos do homem, etc.)? Para além disso, que é feito do signatário, do seu estatuto, da sua legalidade, visto que, o povo que assina não pode existir como tal antes da Declaração? Desde então «a assinatura inventa o signatário... A sua primeira assinatura autoriza-o a assinar» (1, pág. 22). A legitimidade só provém portanto depois deste golpe de força que se instala assim, sempre, num futuro anterior. Para esconder essa autolegitimação, o «bom povo» associa-se à personagem da outra cena: Deus «o melhor nome próprio» (1, pág. 28). Nesta passagem de si à justificação e à instauração de si através da escrita, encontra-se a relação Platão-Sócrates, um Platão ditando a Sócrates a mensagem que ele enviará a si próprio: «Platão de quem se diz que escreveu, nunca escreveu, ele recebe a herança mas como destinatário legítimo, ele ditou-a, fez com que a escrevessem e enviou-a a si próprio» (2). Toda a mensagem ficaria necessariamente encravada numa estrutura espectacular, através de um envio a si próprio, como o diz J. Lacan na sua fulminante fórmula da comunicação: «A linguagem humana constitui uma comunicação em que o emissor recebe do receptor a sua própria mensagem sob uma forma invertida» (3).

Eis sem dúvida porque uma autobiografia é, para Nietzsche contar a vida a si mesmo. Mas trata-se aqui da vida-bios e não da história, das datas. Entre biografia e biologia há uma conivência, porque entre o corpo e a obra, o corpo e o corpus há um rebordo divisível, como um enxergo num livro ou o meio-dia da vida, um pouco também como eu próprio que também sigo esse entre-dois, entre o meu pai e a minha mãe.

Nomear, datar é morrer. É pois necessário pluralizar o nome próprio «perder num labirinto, o do ouvido, claro, todos os filhos do nome» (pág. 53). Já somos três: Eros, Thanatos e Ego. A vida a) mãe), a morte (o pai), e Eu: «como sou o meu pai, estou morto, sou o morto e sou a morte. Como sou a minha mae, sou a vida que preservara, o vivo, a viva. Sou o meu pai, a minha mãe e eu, o meu filho e eu, a morte e a viva, etc.» (1, pág. 62).

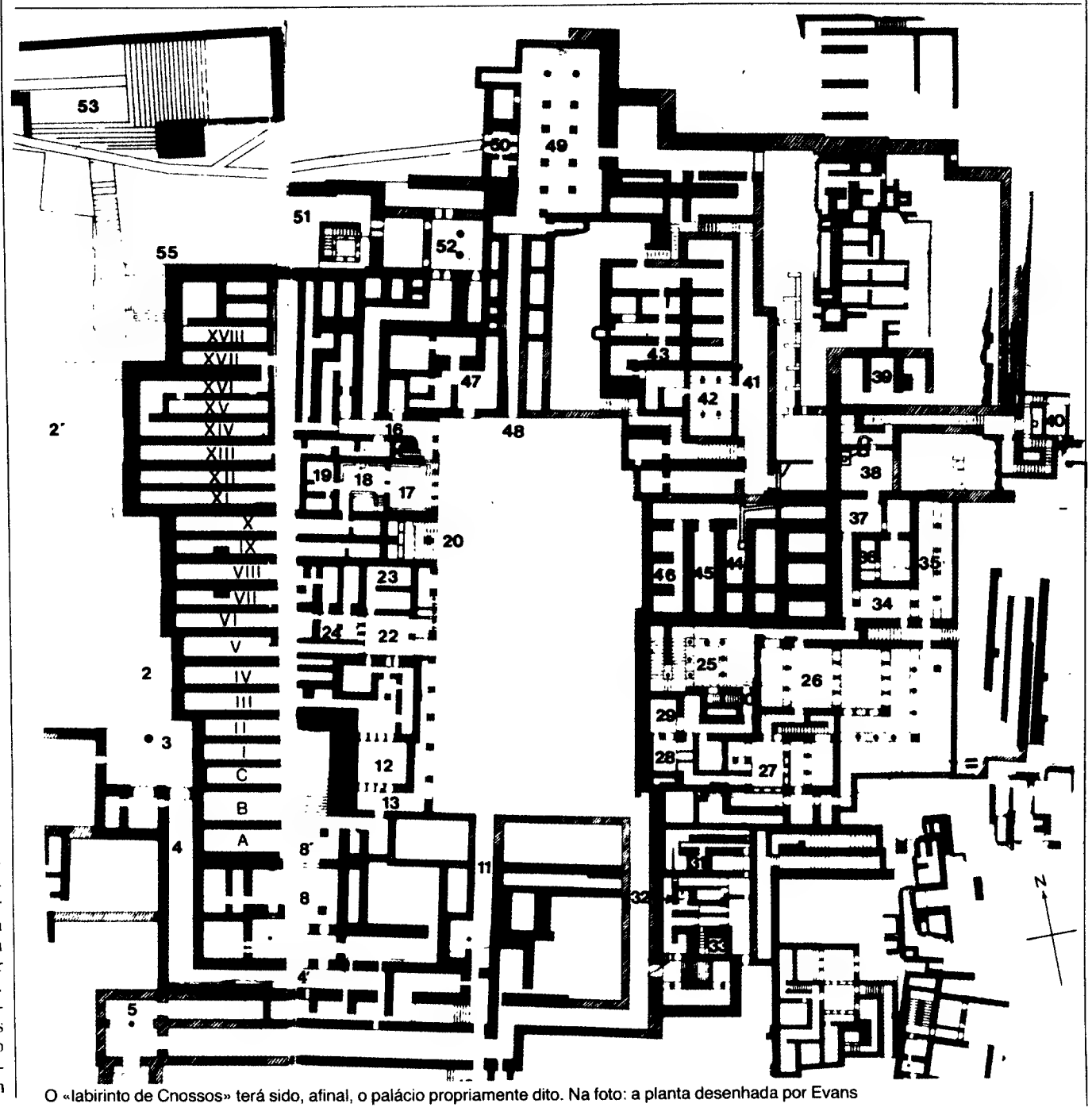
Essa genealogia, essa estrutura elementar do parentesco repercute na distinção entre as ciências da vida em que o sujeito se encontra integrado e as ciências do morto em que elas têm um objectivo: «há entre o morto e o estatuto de objecto científico uma co-implicação que nos interessa e que interessa o desejo de saber» (1, pág. 42).

Pode referir-se aqui Claude Levi-Strauss, lembrando particularmente o seu estudo acerca das duas formas que o corpo mitológico nas sociedades sem escrita reveste: a forma mítica estacionária, feita de pedaços, e a forma genelógica, a história objectiva que faz **desaparecer** os mitos relativos à **criação.** Levi-Strauss propõe uma solução intermédia, uma forma intermédia: a de um futuro concebido como o produto de um combinatório que produz a história **mítica** (ou o mito historizado) e que encontra as divisões hexogamicas engendradas por uma **história real** por meio de operações «comparáveis às dos jogadores que dispõem cartas classificadas por naipes, razoavelmente seguros de que uma sequência de cartas tiradas ao acaso do baralho, forneceria uma mistura de quatro naipes, embora cada um não fosse representado pelo mesmo número de cartas» (4, pág. 156). Esse combinatório seria o mesmo que definir o que «seria uma história sem arquivos, escrita segundo as tradições orais de várias famílias cujos antepassados viveram aproximadamente os mesmos acontecimentos» (4, pág. 156).

Repetição, regresso eterno, quase sempre a mesma história, uma história de família. Para Nietzsche, a regeneração (*) opera-se através da língua materna influência o corpo, e o ouvido é como a sua estrutura de acolhimento. Mas o discurso do morto finge dirigir-se-lhe e penetra-a à força, principalmente através do Ensino, do aparelho escolar, dessa máquina de Estado de que os medias hoje se apoderam. Máquina que pretende ter o papel da mãe mas que não é mais do que o «monstro frio» da morte, a falsa mãe, a má, tentando em vão fazer-nos transcrever o dizer, transformar o audível em visível, assinar e fazer-nos assinar a nossa sentença de morte: «De facto a mãe, a má ou a falsa, a que o professor, funcionário do Estado, só pode simular, dita precisamente aquilo que, passando pelo nosso ouvido, segue o cordão até à nossa estenografia. Esta liga-nos, como um laço em forma de cordão umbilical, ao ventre paterno do Estado» (1, pág. 109). O mestre transforma-nos em ouvido-escriba, e as suas palavras não são mais do que o comentário de um texto que o precede, de que depende, é isso a «liberdade académica». Derrida denunciara antes essa estrutura do sempre «em atraso» própria da pedagogia: «Se a 'prática pedagógica' vem sempre depois dos costumes»... essa estrutura retardatária do ensino pode ser sempre interrogada como repetição. Isto não dispensa mais nenhuma análise específica mas faz tocar num «invariante» estrutural do ensino. Ele procede da estrutura semiótica do ensino, da interpretação praticamente semiótica da relação pedagógica: o ensino liberta sinais, o corpo do ensino produz insígnias, mais precisamente significantes que supõem o saber de um significado prévio. Em relação com este saber o significante é estruturalmente segundo. Toda a universidade põe a linguagem nessa posição de atraso ou derivação em relação ao sentido ou à verdade» (5).

Nas críticas nietzschianas da instituição, a mulher nunca aparece nem para estudar nem para ensinar. Porque é ela própria que este grafismo tenta dizer, dizê-la toda. E no seu acto de atribuição, de assassínio e de nomeação, este escrito naõ faz mais do que declarar em vez de dizer, declamar em vez de clamar. Ele transcreve o grito e revela-se assim como simulacro do cordão umbilical, impondo entre a boca e o ouvido a passagem pela caneta. Inevitavelmente.

«Não há mulher, excepto amãe, claro está. Mas isso faz parte do sistema, a mãe é a figura sem figura de uma figurante. Ela dá lugar a todas as figuras perdendo-se no fundo da cena como um personagem, anónimo. Tudo lhe cabe, e antes de mais a vida, tudo se lhe dirige e se lhe destina. Ela sobrevive desde que fique no fundo» (1, pág. 118).



O «labirinto de Cnossos» terá sido, afinal, o palácio propriamente dito. Na foto: a planta desenhada por Evans

Notas

(1) **Jacques Derrida, Otobiographies, l'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre,** Galilée, 1984. Texto da conferência pronunciada na Universidade de Virgínia (EU) em 1976, por ocasião do bicentenário da Declaração da Independência.

(2) **J. Derrida, La carte postale,** Aubier-Flammarion, 1980, pág. 59.

(3) **Jacques Lacan, Écrits,** Seuil, 1966, pág. 41.

(4) **Claude Levi-Strauss, Paroles données,** Plon, 1984.

Obra rica e fundamental que reúne os resumos das conferências e das lições, oferecendo assim ao leitor a substância e a genese dos trabalhos deste grande mestre do Collège de France.

(5) **J. Derrida, «Où commence e comment finit un corps enseignant»** in **Politiques de la philosophie,** Grasset, 1976, pág. 76.

(*) Note-se que Derrida em **Otobiographies** investiga a relação da obra nietzschiana com o nazismo, e mesmo a possibilidade que ela detém e produz de ser prevertida: «perguntaremos porquê e como foi possível aquilo a que se chama tão ingenuamente uma falsificação, e porque a única instituição de ensino, o único começo de instituição docente que jamais pôde reivindicar o ensino de Nietzsche sobre o ensino, terá sido nazi» (1, pp, 83-84). E ainda: «O futuro do texto — Nietzsche não terminou. Mas se, nos contornos ainda abertos de uma época, a única política que se diz nietzschiana tiver sido nazi, isso é necessariamente significativo e deve ser interrogado a todos os níveis» (1, pág. 98). ■

PARAÍSOS

Graça Lobo sobre as mulheres na Imprensa:

Sou muito mais importante do que o primeiro-ministro

Sobre as imagens e relações da mulher com a Imprensa, conversámos, desta vez, com a actriz Graça Lobo.

Irreverente, a falar de alto e sem medo das palavras ela reclamava contra a inexistência de mulheres nas páginas dos jornais, insurgindo-se energicamente contra isso e deixando-nos claro que nas raras vezes que a imprensa se refere à mulher, fá-lo de uma forma «envergonhada» ou «vergonhosa».

Nessa medida, Graça Lobo considera que em relação à mulher a Imprensa é «ignorante, preconceituosa e insultuosa» e exige mesmo que as mulheres apareçam nas primeira páginas, «em grande, em bom e em belo», porque são «importantíssimas» e as primeiras páginas são o seu lugar.

Maria Leonor Nunes

«Os homens têm muito medo das mulheres que falam alto»

DEBRUÇADA sobre os jornais da tarde, espalhados no seu camarim, Graça Lobo, começava por perguntar-se enquanto os folheava:

«Onde estão as mulheres? Onde?».

E ela própria respondia, atirando os jornais para um canto e marcando as palavras uma por uma:

«Não existe imagem da mulher na imprensa. Ou pelo menos é praticamente inexistente», sublinhava, acentuando no mesmo sentido:

«E quando aparecem mulheres nos jornais, aparecem como se estivessem a pedir desculpa por existirem. Por exemplo, nas fotografias de mulheres que aparecem na Imprensa portugesa, dá-nos a perfeita sensação que essas mulheres estão a pedir desculpa por lá estarem e parece do mesmo modo, que quem colocou essas fotos está igualmente a pedir imensa desculpa por o ter feito.»

Graça Lobo entende que contrariamente ao que acontece, a mulher deve aparecer muito mais em todos os meios de comunicação social. Referia-nos:

«Nós deviamos aparecer na Televisão, na Rádio, na Imprensa escrita porque nós mulheres somos mais do que os homens, em percentagem, e somos tão importantes, tão inteligentes e fazemos tantas coisas como eles ou ainda melhor: A mulher deve aparecer na imprensa, cheia de orgulho de o ser e em grande e em bom e em belo... com desafio.»

Se a presença da mulher na Imprensa é ínfima, existem razões que o explicam:

«Tudo isto se explica, porque são os homens que continuam a dominar a Imprensa», adiantavanos Graça Lobo, «E por outro lado, a mulher não é ainda aceite como criatura que desafia os outros e o mundo, que pode inovar e trazer um novo olhar, um olhar feminino sobre as coisas. A própria mulher ainda tem muito medo de dar essa imagem de desafio, de dizer, «Aqui estou eu olhem para mim, porque vale a pena, porque faço coisas boas. Talvez não seja perfeita, mas não há génios em Portugal...» — Digam-me onde estão os génios. Eu não encontro génios ali à esquina».

Colocando a voz na infelxão certa, entusasmada, teatral na expressividade, Graça Lobo inquiria repetidas vezes:

«Porquê que só os homens podem escrever obras-primas, podem ser considerados génios e aparecer nas páginas dos jornais?» — e prosseguia — «As mulheres que ainda fazem alguma coisa em Portugal (e é muito mais difícil fazer qualquer coisa para nós do que para os homens) são mostradas na imprensa como quem diz: «Desculpem lá... mas tomem lá esta coitada». Essas poucas mulheres, que têm orgulho e ousam o desafio são olhadas pela imprensa como se fossem bichos raros... E digo-vos eu: os homens têm muito medo dessas...»

Medo que motiva a sua marginalização?

«É evidente que essas mulheres são marginalizadas, ridicularizadas pela Impensa. Chamam-lhes loucas e lésbicas só para denegrir a sua imagem. Mas o que é óbvio é que os homens têm muito medo das mulheres que falam alto, das mulheres que dizem as coisas na cara, que não têm medo deles. Eles têm muito medo. Tem medo que se finam...», afirmava-nos Graça Lobo, com toda a pujante ironia, que a caracteriza.

«Incomodamos muito»

A má vontade da Imprensa em relação às mulheres diferentes e á criatividade de feminina é para Graça Lobo, um dado indiscutível. Ela refere mesmo:

«São os homens que mandam e têm as coisas nas mãos, por isso criticam, e destroem os livros, os filmes, toda a expressão feminina. Isso acontece porque nós somos muito importantes, nós fazemos com que a mentalidade das pessoas se transforme, trazemos coisas novas, coisa belas. Somos muito perigosas e incomodamos muito os que mandam, pois podemos abalar as estruturas.»

Incluindo-se no grupo das poucas mulheres que fazem alguma coisa de diferente nesta país e tentam mesmo modificar a imagem da mulher na Imprensa, Graça Lobo comenta-nos que muitas vezes aparece nas páginas dos jornais, porque faz por isso:

«Eu não os largo enquanto não apareço nos jornais. Porque acho que devo lá aparecer, pois sou importante e é igualmente importante que as pessoas saibam que eu existo e que é importante o trabalho que eu faço. Porquê é que eu não hei-de aparecer nos jornais e aparece o ministro da Administração Interna. Não sou mais importante que o ministro da Administração Interna? Alguém tem duvidas sobre isso?», perguntava, acrescentando:

«Sou muito mais importante que o ministro da Administração Interna, que o ministro da Cultura, que o presidente da RTP... Sou mais importante que o primeiro-ministro. Mas muito mais. Não tem comparação. Bom, eu e todas as actrizes, todas as poetisas, todas as escritoras, todos os artistas...»

Exuberante e cheia de vivacidade, afirmando que não é nada modesta, Graça Lobo chamava a atenção para uma certa mentalidade que foi ganhando corpo no espírito dos portugueses:

«Depois do 25 de Abril (e não há com certeza qualquer dúvida de que sou cem por cento a favor do 25 de Abril) criou-se a mentalidade de que, por exemplo, no teatro o desgraçadinho, o probrezinho e o coitadinho é que é bom... e que aquele que exibe orrgulho e irreverência é mau. Acontece com certas actrizes, que têm medo de bater às portas e dizer: «ponham-me nas primeiras páginas». É necessário termos orgulho naquilo que fazemos e não uma falsa modéstia», afirmava, sublinhando por outro lado:

«Eu não tenho modéstia nenhuma, até porque vivo num país onde os artistas não são reconhecidos, nem queridos e onde particularmente a mulher artista não tem importância nenhuma. Por isso eu sou irreverente e digo tanta coisa. Todas deviam fazer o mesmo, pois só assim se consegue chamar a atenção para nós mulheres. Somos mais importantes que os ministros. Ponham-nos na primeira página», referia deixando claro que não estava a brincar, mas a falar muito a sério.

O espírito de modéstia por um lado e as dificuldades, que conforme nos afirmou, as mulheres sentem para conseguir «furar» as barreiras e chegar às páginas dos jornais, têm em opinião de Graça Lobo, graves consequências:

«Há por aí muita gente quieta e calada, quando podia estar a fazer coisas e criar. Há por aí muito talento escondido. Não são duas nem três, são muitas mulheres e o facto da Imprensa nunca falar delas, faz com que fiquem na sombra. Isso não devia acontecer e eu hei-de «chateá-los» até este país estar normal. Até ser normal as actrizes, as mulheres estarem na primeira página dos jornais e não os ministros...»

Falava sério e ria muito com a força a sublinhar-lhe os gestos. Prosseguia:

«Eu hei-de chateá-los, eu hei-de andar até aos cem anos, de bengala, a bater às portas dos jornais, para que nos ponham na primeira página. Porque a primeira página é o nosso lugar... e aos ministros as terceiras, as quartas, as quintas...»

Paternalismo e conservadorismo

Apesar de referir que a mulher não tem espaço nos nossos jornais e que a Imprensa quase pede desculpa por falar de certas mulheres, Graça Lobo reconhece que existe uma determinada imagem de mulher que predomina a nível da comunicação social:

«A Imprensa e toda a comunicação social preferem obviamente dar uma imagem de mulher que corresponde ao visual da dona de casa: a mulher recatada mãe de filhos, veneradora e obrigada — a mulher como ser acomodado, gentil, pacato, companheira incondicional do homem. Se se reparar nos inquéritos que se fazem na rua são geralmente essas mulheres que são ouvidas, enquanto sacrificadas com o custo de vida, responsáveis pela vida familiar.»

A imagem da mulher recatada, que «não faz ondas» é para Graça Lobo, preferida na Imprensa, tal como na sociedade.

«São as mulheres que não são recatadas as odiadas e marginalizadas na Imprensa, nos postos de trabalho, na sociedade. As mulheres que não têm medo de dizer as verdades e de se assumir claramente enquanto mulheres são mal vistas em Portugal. Basta vermos como os jornais atacam diariamente algumas mulheres que conhecemos por essas características, pelos motivos mais idiotas.»

Graça Lobo considera, nesta medida, que o discurso sobre a mulher na Imprensa é antes de mais conservador:

«Vivemos num país conservador e a Imprensa reflecte-o. Acho mesmo que os portugueses estão cada vez mais conservadores e se as mulheres não derem uma volta aos homens, não sei como as nossas filhas daqui a uns anos serão tratadas quer pela Imprensa, quer pelos seus companheiros.»

Frisando que a Imprensa tal como os políticos só «desajudam» na mundança das mentalidades. Graça reportava-se a título de exemplo à forma vergonhosa como se constroem as notícias sobre as mulheres e à utilização dos «rabos de senhoras, geralmente actrizes» nas páginas dos jornais:

«Haverá maior vergonha do que isto?», perguntava-se e juntava:

«É preciso acabar com isto e já».

Para Graça Lobo o discurso, o modo como a imprensa fala das mulheres é ainda acentuadamente paternalista. Dizia-nos, acrescentando a manta...

«A Imprensa é muito, mas muito paternalista. E não há coisa que eu mais deteste do que o paternalismo. «Vou ali já venho» par o paternalismo. Desafio qualquer homem a discutir comigo seja o que for. Nós mulheres temos sido tratadas com um paternalismo que não suporto. Prefiro que me arrasem... Mas não me paternalizem, nem a mim, nem às mulheres, que fazem coisas neste país, com garra, com raiva...»

«Já fui muito insultada»

À recusa em ser paternalizada, Graça juntava ainda a sua convicção de que a Imprensa e sobretudo a crítica não compreendem nada do que as mulheres estão a fazer.

«Não percebem nada. Realmente não querem mesmo perceber. São muito estúpidos. São uns burros», afirmava e acrescentava reportando-se especificamente à forma como a crítica tem apreciado o seu trabalho.

«Detestaram «A boca» de Beeket. Não percebem nada do que eu ando aqui a fazer, é impossível que em qualquer parte do mundo minimamente culta e civilizada nao se tenha percebido o que e «A boca». Eu posso ser insuportável, posso ter montes de defeitos, posso ser antipática, mas não se ter percebido aquilo é imperdoavel. São realmente muito burros. Muito burros.»

Esta impossibilidade de «apreciar», «gostar» do que fazem as mulheres ou daquilo que se faz sobre elas releva do própio olhar masculino da crítica, profundamente embrenhada nos seus feudos culturais, nos seus valores mais do que assentes?

É evidente», refere-nos Graça Lobo categórica, «Um espectáculo como «Mooly Bloom» que teve da parte das mulheres, uma adesão incomensurável, também não foi percebido pelos críticos».

Graça Lobo faz-nos notar no entanto que a incapacidade de compreender o modo como as mulheres se exprimem femininamente não é exclusivo dos críticos homens. Dizia-nos com profunda ironia:

«Há agora umas mulheres que escrevem na revista do Expresso, que também são óptimas. . Não percebem nada de nada. Deviamos passar-lhes um atestado de estupidez «ad eternum». São umas acomodadas à cultura vigente e dão uma ajudinha aos homens», referia.

Tal como acontece invariavelmente a crítica tem reagido mal ao espectáculo, que Graça Lobo, tem actualmente em cena no Teatro da Trindade, «Diário de uma criada de quarto» sobre o texto de Octave Mirbeau. Evidenciando-nos isso mesmo Graça comentava:

«Tem dito coisas inconcebíveis. Grandes disparates: falam muito das minhas pernas, do ventre quente... Mas isso são aqueles problemas que os homens têm, coitados? e que nós não sabemos donde vem. Na verdade os homens ficam perfeitamente desnorteados, porque perderam todo o sentido do humor e não conseguem perceber porque é que eu me empenho tanto em fazer este tipo de teatro, que pode trazer coisas à mulher e ao homem obviamente (chamar-lhe estúpido normalmente).»

A rodar o último cigarro ainda por acender entre os dedos Graça Lobo repetia à variância da voz, escusando-se a servir de vítima:

«Tenho sido muito mal tratada pela crítica e pela Imprensa. já fui muito insultada. Já me chamaram louca. Mas eu não sou nada louca. Loucos são os que me chamam louca.» ■

Sete Ponto

P E S A D

O relatório sobre a «L de Licio G

Uma or tentacu à conqu da Itáli

● Constata-se u concertada e ma centros de pode

Gelli visava menos o poder propriamente dito do que o controlo do poder. O programa político da «Loja P2» é um revelador breviário conservador: reforma do Ministério Público, intervenções sobre a Imprensa, regulamentação do Parlamento, política sindical, legislação contra os monopólios, nada escapa à atenção do redactor do documento...

A publicação, pela Imprensa italiana, de trechos, depois, a semana passada, pelo semanário **Expresso,** da integridade do projecto de relatório estabelecido pela senhora Anselmi, deputada democrata-cristã e presidente da comissão parlamentar de inquérito sobre a loja P2, fez grande barulho em Itália. Não só por confirmar que figuram na lista da P2 personalidades de primeiro plano (entre outros um ministro do actual governo, Longo, secretário geral do Partido Social-Democrata), mas também porque este relatório, pela autoridade que reveste é a primeira reconstituição oficial deste «governo da sombra» que constitui de 1975 a 1981 a loja de Licio Gelli. Este fugiu no passado mês de Agosto da prisão suíça onde se encontrava, e estaria actualmente na América Latina.

Este relatório de 264 páginas ainda deve ser discutido em comissão antes de ser apresentado na sua forma definitiva. Mas os quarenta parlamentares membros dessa comissão de inquérito, que reafirmou, no dia 22 de Maio, toda a sua confiança pela senhora Anselmi, devido à imparcialidade desta, já constitui um documento «historico» cujas conclusões, em 500.000 páginas de testemunhos, declarações e documentos varios, recolhidos em dois anos e meio de trabalho, não foram modificados.

A reconstituição feita pela senhora Anselmi recorda as origens da P2 e o seu desenvolvimento no seio da maçonaria italiana e depois no mundo financeiro e político. Ela vinca, para mais, os elos de Gelli no seio de uma estrutura ainda mais influente, nas altas esferas do Estado, logicamente ligada a serviços secretos estrangeiros, mas «de que não se conhece, mesmo sumariamente, as forças que a compõem». Em suma, a P2, segundo a senhora Anselmi, era uma «organização tentacular» ao assalto do poder. Eis os principais extratos do seu relatório.

Uma infiltração concertada e maciça dos principais centros de poder

O primeiro ponto, que teria em Italia desdobramentos políticos e judiciais, e a confirmação da autenticidade da lista conseguida em casa de Gelli e do carácter **associativo** da loja:

A influência adquirida (por Gelli) mostra indirectamente, de modo indubitável, a existência de uma rede extensa, numerosa e capilar de pessoas de quem Gelli, na sua qualidade de «grão-mestre venerável» podia dispor, e constitui uma confirmação objectiva da existência da loja P2, tal como aparece através dos documentos até agora examinados.

Como prova da autenticidade do organigrama entendido como testemunho da real ligação dos inscritos da loja P2, é preciso tomar em consideração o facto de a informação sobre essa associação maçónica já ter sido tão difundida através dos medias que se exclui a hipótese de uma adesão irreflectida, tendo, para mais, em vista, as qualidades pessoais e o nível intelectual da maior parte dos inscritos...

Em conclusão, a resposta à questão inicial sobre a veracidade da lista, a que a comissão procurou responder, só pode ser plenamente afirmativa (...).»

Um segundo ponto importante diz respeito à estrutura da loja e ao seu funcionamento. Há aqui a confirmação da senhora Anselmi, do carácter «**associativo**» da loja. Segundo algumas pessoas implicadas, Gelli era o único a conhecer todos os membros da loja. Estes ignoravam os outros que dela faziam parte.

Licio Gelli, antigo agente duplo

«Foi confirmada a existência de estruturas estáveis que garantiam o funcionamento da organização, assegurando os contactos entre os diferentes grupos de inscritos: trata-se de dezassete grupos constituídos na segunda fase da existência da loja (ver mais adiante) aos quais se deve acrescentar o grupo central dirigido pelo próprio Gelli. Convém, para mais, sublinhar, no que respeita à estrutura da organização, que esta tinha, de facto, um chefe, reconhecido como tal pelos inscritos. Essa direcção era fortemente personalizada na figura de Gelli, na medida em que as referências a uma direcção mais ampla, que é apresentada como um directório, não são confirmadas na prática por documentos na nossa posse.

É certo que um conhecimento recíproco dos membros era garantido pelas reuniões de grupos: confirma-se que os inscritos entravam em contacto uns com os outros e reconheciam reciprocamente essa filiação. Por fim, havia um momento particularmente solene na iniciação, momento esse durante o qual o inscrito afirmava aderir à associação, aceitando-a portanto como tal.»

Particularmente interessantes para situar a loja P2 num quadro mais amplo, são os desenvolvimentos que a senhora Anselmi consagra aos elos existentes entre Gelli e os serviços secretos. Gelli foi agente duplo durante a guerra trabalhando para os alemães e para a resistência. Mais tarde trabalhou para a CIA. «Os serviços secretos interessaram-se pela primeira vez por Gelli em 1945 no contexto dos inquéritos sobre os agentes inimigos...»

Ele contou então que «em 1943 se encontrava em Viterbo como tenente de pára-quedistas. Capturado pelos alemães foi colocado perante uma alternativa: ou se aliava à República de Salo ou era deportado, para a Alemanha. Optou pela primeira solução e foi para Pistoia como oficial de ligação com os SS junto da federação fascista... Em seguida teria contactado com os «partigiani». Em 1944 Gelli foi chamado a colaborar com o Counter Intelligence Corps do V Exército, isto é, com o serviço de contra-espionagem militar americano.

Na primeira parte do seu relatório, a senhora Anselmi recorda os elos que outrora existiram entre a maçonaria italiana e os serviços secretos americanos, e o facto de o grão-mestre Gamberini, que apadrinhou a entrada de Gelli na maçonaria em 1965, estar, segundo vários testemunhos, em relação com a CIA. Este mesmo Gamberini foi encontrado «na qualidade de grão-mestre presidindo às cerimónias de iniciação que tiveram lugar no hotel Excelsior de Roma», quartel general de Gelli.

Sempre no quadro da «carreira» de Gelli nos serviços secretos, o relatório Anselmi menciona a sua ligação à CIA e ao KGB até 1944, e talvez 1947. Talvez mais importante é a manutenção dos elos de Gelli com os serviços secretos italianos nos anos 60. Estes fizeram, de resto, investigações sobre a maçonaria, pondo em evidência que, na perspectiva do «compromisso histórico» entre a democracia cristã e o PCI, teria havido, uma áspera luta de poder no seio da grande loja italiana, «alimentada por forças internas e internacionais». Na altura, o SISMI (um dos serviços secretos italianos) era dirigido por membros da P2.

Àcerca dos elos de Gelli com os serviços secretos, a senhora Anselmi escreve: «Podemos afirmar a existência de uma espécie de cordão sanitário de informação colocada pelos serviços secretos a fim de servir de tutela e de protecção a Gelli, e isto de um modo contínuo, não só durante o período de apogeu da sua carreira — o que seria explicável tendo em vista a sua influência no seio dos serviços e no exterior — mas que vem, na verdade, dos anos 50, quando Gelli era uma personagem de menor estatura, incapaz de exercer pressões nos serviços secretos... Entre as explicações possíveis de uma atenção tão constante, à excepção, naturalmente, da explicação insustentável da ineficácia dos serviços, não resta outra conclusão se não a de reconhecer que o próprio Gelli foi um membro dos serviços secretos. É esta a única hipótese lógica que explica a cobertura de que Gelli beneficiava.

Esta era, ou passiva, por ausência de inquérito, ou activa, não fornecendo informação à autoridade política que a pedia.

Outro ponto-chave do relatório é a descrição das relações entre Gelli e as altas esferas das forças armadas. Entre os documentos apreendidos encontra-se a lista dos «membros pertencentes às forças armadas», na qual figuram cinquenta e dois oficiais dos carabineiros, nove da aviação, vinte e nove da marinha, cinquenta do exército de terra, trinta e sete da guarda das finanças e seis da segurança pública.

«Ainda é mais significativo, escreve a senhora Anselmi, constatar que muitas das personagens citadas tinham funções de primeiro plano: assim, o almirante Torrisi foi chefe do Estado-Maior da marinha nos anos 1977-1980, depois da defesa nos anos 1980-1981; o general Grassini dirigiu o SISDE (serviço secreto) entre 1977 e 1981; o general Santovito dirigiu o SISMI (outro serviço secreto) em 1978», etc. «Como é fácil de constatar, desenha-se uma carta do poder militar, das mais sofisticadas, compreendendo pessoas que muitas vezes assumiram funções de primeiro plano por altura de acontecimentos que tiveram significado especial na história recente de nosso país, principalmente de carácter subversivo.» A senhora Anselmi estabeleceu detalhadamente as relações que a loja P 2 teve com a extrema-direita, o mundo da finança e da edição, e a magistratura.

Houve, de facto, duas fases na organização da P2: «A primeira é a que vai do fim dos anos 60 ao meio da década seguinte. Durante essa primeira fase, a loja ainda vive na órbita da maçonaria, que conserva sobre ela, através do grão-mestre, um certo controlo partilhado com Gelli (...). É durante essa fase que se opera a penetração maciça dos meios militares e que Gelli consagra a sua energia a recrutar o maior número possível de oficiais. O discurso que lhes faz é estreitamente conservador e equivale a uma condenação do sistema político da 'aria clericale-comunista'. Gelli não exclui então o recurso a soluções de força». «São, recorda a senhora Anselmi, os anos do putschismo crescente e dos atentados com dinamite da piazza Fontana (...).

Segunda fase: essa situação muda em meados dos anos 70 quando Gelli dá muito que falar e se torna objecto, tal como a sua loja, da atenção de certos organismos, não ligados aos serviços secretos — como a guarda nas finanças — e de juízes de instrução. É em 1975 que, ao que parece, será redigido o «plano de renascimento democrático», que marca uma mudança de orientação e se liga a uma estratégica de ocupação do poder. (...) Trata-se de uma fase de proselitismo intensivo, que marca a passagem da velha P 2 para uma nova estrutura que tem a marca dde Gelli e de que fará parte um número impressionate de personagens de primeiro plano».

O que visa muito claramente Gelli, é menos o poder do que o controlo do poder. Deste ponto de vista, o projecto de «plano de renascimento democrático» á revelador:

«O estudo deste plano permite ver que ele se inspira fundamentalmente numa filosofia conservadora, que subordina o funcionamento da sociedade e das instituições ao objecto prioritário da produtividade económica. O que transparece para além de cada linha deste singular breviário político, é a imagem fechada de uma sociedade em que se trabalha muito e em que se discute pouco. A análise das instituições políticas a que este texto procede é feita detalhadamente: reforma do ministério público, intervenções sobre a imprensa, regulamentação do Parlamento, política sindical, legislação contra os monopólios, nada escapa à atenção do redactor anónimo deste documento.

É preciso sublinhar que este plano não é um texto abstracto de teoria constitucional como

«Dossier» Philippe Pons

E L O S

io Anselmi Loja P2» Gelli

rganização ular uista ia

uma infiltração massiva dos principais der

muitos o afirmam apoiando-se em analogias forçadas. Não é tanto o manifesto da loja P 2. É um programa de acção que fixa os objectivos e, para além deles, enuncia em pormenor as intervenções que permitem atingi-los...

A lógica do controlo, pedra angular da história da Loja P-2, consiste precisamente em agir sobre as forças existentes do sistema principalmente político — peças como as outras do tabuleiro de xadrez — a fim de cumprir os objectivos do plano sem assumir responsabilidades directas: os políticos serão investidos para este efeito com aquilo que o redactor desconhecido do documento qualifica, com sinistra e involuntária ironia, como a sua «carga».

Está lógica, oposta à do governo, mostra aqui a evidência de uma visão coerente e perfeitamente cínica da política, que tende a colocar o poder no seio dos aparelhos e não na comunidade dos cidadãos. O que o «plano» se propõe fazer com toda a lucidez é racionalizar estes aparelhos e os processos de produção, e não o sistema de representações da vontade popular, que os partidos exprimem. Racionalização que vem «de cima» — ou de fora? — e que não é de modo algum o fruto do processo político através do qual uma sociedade livre exprime as suas tensões vitais e põe a sua ordem institucional (...).»

Uma dimensão patológica

«É difícil recusar duas conclusões, escreve por fim a senhora Anselmi. A primeira diz respeito à amplidão de um fenómeno que toca os aspectos mais marcantes da vida nacional. A loja P 2 teve um peso decisivo nos assuntos financeiros (Calvi e Sindona), assuntos esses determinantes para o mundo económico italiano. Não se tratava somente do krach de dois institutos de crédito privados e de interesse nacional, mas de duas situações de um alcance financeiro considerável inscritos num contexto internacional que — especialmente a respeito do grupo Ambrosiano — suscitou ao Estado italiano sérias dificuldades tão políticas como económicas.

Nestes dois casos, a loja P 2 foi o local privilegiado de encontros fundados numa rede de relações, de protecções e de silêncio cúmplice (omertà) que lhe permitiram desenvolver-se e revestir uma dimensão patológica, ao fim e ao cabo irredutível. Neste contexto finaneiro, a loja P 2 tomou de facto o controlo do primeiro grupo italiano de edições, pondo em acção, no sector capital da Imprensa quotidiana, uma operação sem equivalente, de concentração de títulos. Este tipo de operação foi acompanhado por uma infiltração consertada e maciça dos principais centros do poder tanto civis como militares, e de uma pressão constante nas forças políticas.

A nossa segunda conclusão é de que essa vasta operação revela um desígnio de conjunto, incontestavelmente de ordem política de ponta a ponta.

Estas duas conclusões levam-nos a pôr uma última questão: não haverá uma desporporção entre a enormidade da operação e a personagem que nela tem o principal papel? Quadratura do círculo se se comparar este último com o fruto da actividade. Na verdade, a autêntica desproporção reside menos na comparação entre a loja P 2 e um certo Licio Gelli do que na imputação do fenómeno a um só indivíduo (...).»

As duas pirâmides

«Se quisermos recorrer a uma metáfora para descrever a situação, podemos pensar numa pirâmide de que Licio Gelli é o cimo. Para lhe conferir um sentido é forçoso admitir a existência, por cima dela, de uma segunda pirâmide invertida, encontrando-se também Licio Gelli na sua ponta. Porque o homem assegura a ligação entre a pirâmide superior que fixa os derradeiros objectivos, e a inferior, em que eles são postos em acção no plano político (...).

Que forças se agitam na estrutura superior? Não podemos sabê-lo, mesmo de um modo muito geral, para além do relatório que liga Licio Gelli aos serviços secretos. Mas é certo que a loja P 2 nos incita em ver a realidade em toda a sua variedade, por vezes incompreensível, e a não nos fixarmos no nosso horizonte doméstico, mas, pelo contrário, a ver com realismo os problemas do nosso tempo e o papel que neles desempenha o nosso país.

O que nos faz reflectir sobre a loja P 2, é uma operação política inspirada por uma concepção «pré-ideológica» do poder, um cinismo nas intenções e nos actos que faz pensar na célebre máxima do *Leopardo*, segundo a qual «é preciso que tudo mude para que tudo se mantenha». Para Gelli, para os homens que de perto ou de longe o inspiram, para aqueles que partilham das suas intenções, parece que tudo deve mover-se para que tudo fique imutável. Defender-se desse projecto político, dessa metástese das instituições, dessa negação de todo o progresso civil, exige uma atenção sem hipocrisia nem polémica, porque a gravidade do fenómeno afecta, com uma eficácia perversa, não só os elementos do sistema, mas o próprio sistema na sua razão de ser: a soberania dos cidadãos, base derradeira e definitiva do poder que governa a República. ■

sta a luz no fim do tunel

VIDEO CASSETES
BETAMAX/VHS

Gravadas c/últimos êxitos.
Com e sem legendas. Várias modalidades de cedência. Não se exige quota ou jóia. Preços sem concorrência.
NOVO CLUBE DE VIDEO. A funcionar em moldes inéditos. Visite-nos (das 10 às 24 h). Peça informações. R. Latino Coelho, 12 A — Loja 23 Centro Comercial IM.
Escritórios 546883/579534.

CONVOCATÓRIA

Instituto de Ciências Humanas-Alimentação Racional Ld.ª, sociedade comercial, convoca todos os seus sócios para a Assembleia Geral extraordinária a realizar no próximo dia cinco de Julho às quinze horas na Rua Mário Henrique Leiria n.º 2 r/c Bairro do Cobre em Cascais.

A ordem de trabalhos é a seguinte:
Dissolução e liquidação da respectiva sociedade

Lisboa, 23 de Maio de 1984
A Gerência
a) ilegível

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Junho de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados à Fábrica de Malhas Begui, Ld.ª com sede na R. Leite de Vasconcelos 81-A Lisboa, no processo executivo n.º 1484/83, instaurado por dívida a Contribuição Industrial

BENS PENHORADOS

Verba única – Duas máquinas rectas automáticas da marca Dubied – Couvet tipo DRC jogo 10 e 12, de duas cabeças com os n.ºs 431286 e 462495, em bom estado de conservação no valor de 2 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 1 de Junho de 1984

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaista Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)
D.L. — 4/6/84 — 2.ª Pub.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips
Cetra
CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Convidam-se todos os credores da sociedade CAPA-COOPERATIVA DOS ARMADORES DA PESCA DO ARRASTO, com sede na Docapesca, em Algés, para comparecerem neste Juízo Cível, instalado no 8.º piso do Palácio da Justiça, Rua Marquês da Fronteira, no dia VINTE DE JULHO próximo, às 14.30 horas, a fim de ter lugar a reunião de verificação de créditos da dita sociedade para apuramento da situação dos seus negócios e as causas do seu estado de liquidação e de se discutirem e apreciarem os seus débitos.

Os credores que não figurem na relação apresentada pela referida sociedade, junta aos autos, podem reclamar no processo os seus créditos até DEZ DIAS antes daquele designado para a reunião; e qualquer credor, nos cinco dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da devedora.

Lisboa, 29 de Maio de 1984

O Juiz de Direito
a) Manuel Luís de Sá Ferreira

O Escrivão de Direito da 2.ª Secção
a) Martinho Deica

«D.L.» – 4/6/84 – 1.º Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MONTIJO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que na execução de Sentença n.º 30/B/81, pendente na segunda secção da Secretaria Judicial desta comarca contra o executado ARMÉNIO GUERREIRO BASSO, residente na Rua da Escola Sarilhos Grandes – Montijo, foi resolvida a venda por meio de proposta em carta fechada dos seguintes móveis:

1.º – 5 barras para coiceira em alumínio de 15x4 cm com o comprimento de 6 metros; 1 barra de alumínio para coiceira de 7x3 cm com 8 metros. 15 peças de pinazios de alumínio com cerca de 6 metros cada; 30 peças de alumínio com 80 cm de comprimento de 5x2 cm; 30 peças de alumínio de 7x3 cm, com cerca de 60 cm; 20 peças de 8x4 de 1 metro e 10 centímetros; 2.º – 40 vãos de janela c/1,05x0,75 metros e uma porta também de alumínio, com 1,90 m por 0,75 m; uma janela completa de 0,50x50 cm; uma janela de 0,45x0,22 também em alumínio; 3.º – Duas chapas de alumínio de 3x1 metro; 4.º – Cerca de 50 metros de tubo de cobre, para canalização de gás e águas quentes; 5.º – 3 chapas de vidro martelado de cor 2,30x1,30 metros. 6.º – 3 chapas de vidro liso de 2,30x1,30; 7.º – Uma secretária metálica com 3 gavetas com tampo de madeira e uma cadeira; 8.º – 2 rolos de borracha vedante própria para janelas; 9.º ,Um cavalete com 4 tubos para suporte de barras metálicas; 10.º – Um cavalete em ferro próprio para suporte de peças metálicas; 11.º – 26 latas de tinta de água de litro e 17 latas de tinta de 1/4 litro marca Dirup.

São convidadas todas as pessoas com interesse na compra dos bens, a entregarem as suas propostas na secretaria judicial.

No dia 28 de Junho de 1984, pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-á à abertura das propostas até esse momento apresentadas, a cujo acto podem os proponentes assistir.

Montijo, 16 de Abril de 1984.
O Juiz de Direito
a) António Proença Fouto

A Escrivã Adjunta
a) Maria Fernanda Caeiro

«D.L.» – 4/6/84 – 1.º Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 12 de Junho de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Transgruas-Representações de Aluguer de Gruas, Ld.ª com sede na Av. Ressano Garcia, 39-7.º Lisboa, no processo executivo n.º 5021/83, instaurado por dívida à Caixa de Previdência Indústria do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

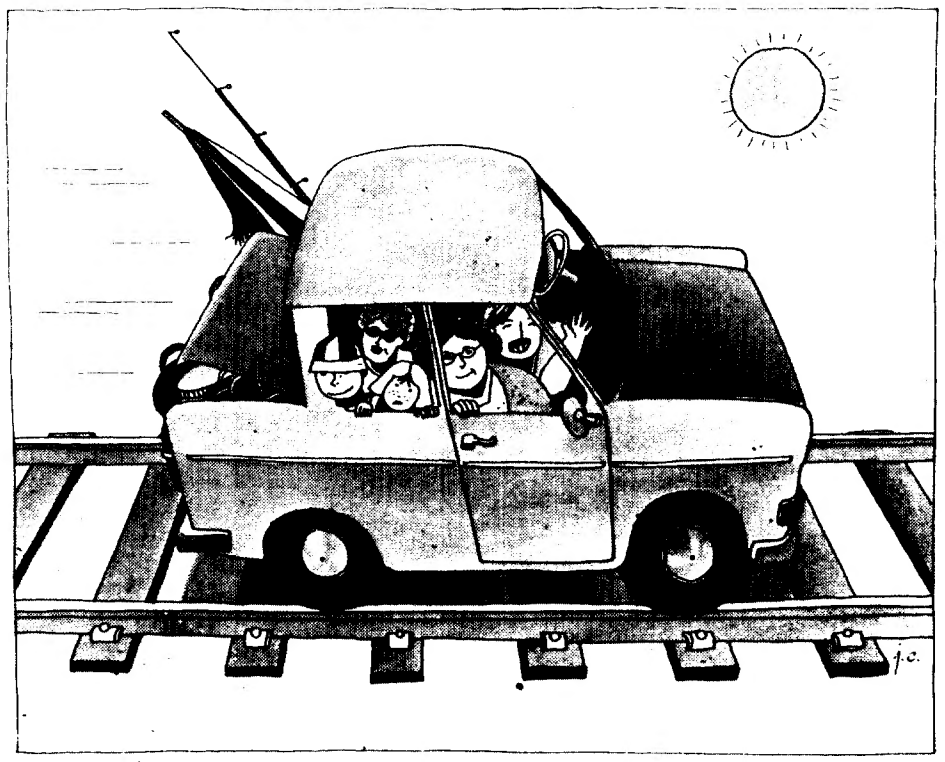
Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Av. Ressano Garcia 39-7.º Dt.º e Esq.º, e o respectivo recheio a que se atribui o valor presumível de 4 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 31 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaista Malheiros)
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)
D.L. — 4/6/84 — 2.ª Pub.

PORTO/ALGARVE



Com a tralha despachada,
carro e barco acomodados,
lá vai a família de férias,
tranquila, sem sobressaltos,
lê-se um livro, uma soneca,
pouca-terra, pouca-terra,
o Porto ficou para trás,
e eis o Algarve que chega!

Comboios directos entre o Porto e o Algarve, a partir de Junho.
Reforço de viagens em meados e finais de Julho, todos os fins-de-semana de Agosto e princípios e meados de Setembro.
Percursos diurnos e nocturnos.
Bilhetes de 1.ª e 2.ª classes.
Serviços de bar, carruagem-cama e transporte de automóveis, barcos de recreio, roulottes, furgões, motorizadas, bicicletas, etc.
Reduções substanciais nos períodos verdes.

Programe as suas férias com tempo. Sem demora.
Reserve já as suas viagens. De ida. E de regresso.
Bilhetes à venda, a partir de 15 de Maio.

C.P./Gabinete de Design

Família de 4 pessoas, com Automóvel: desde 3.280$00

Comboio, a opção inteligente.

LISBOA E ALGARVE MAIS PRÓXIMOS

Dois novos comboios directos diários!

A partir de 3 de Junho próximo, a CP põe à sua disposição novos e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.
Trata-se de 2 novos comboios directos com reserva de lugar, **ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes em 40 minutos.**
Por outro lado, os horários do comboio rápido Sotavento foram reformulados, por forma a torná-lo ainda mais funcional e acessível.

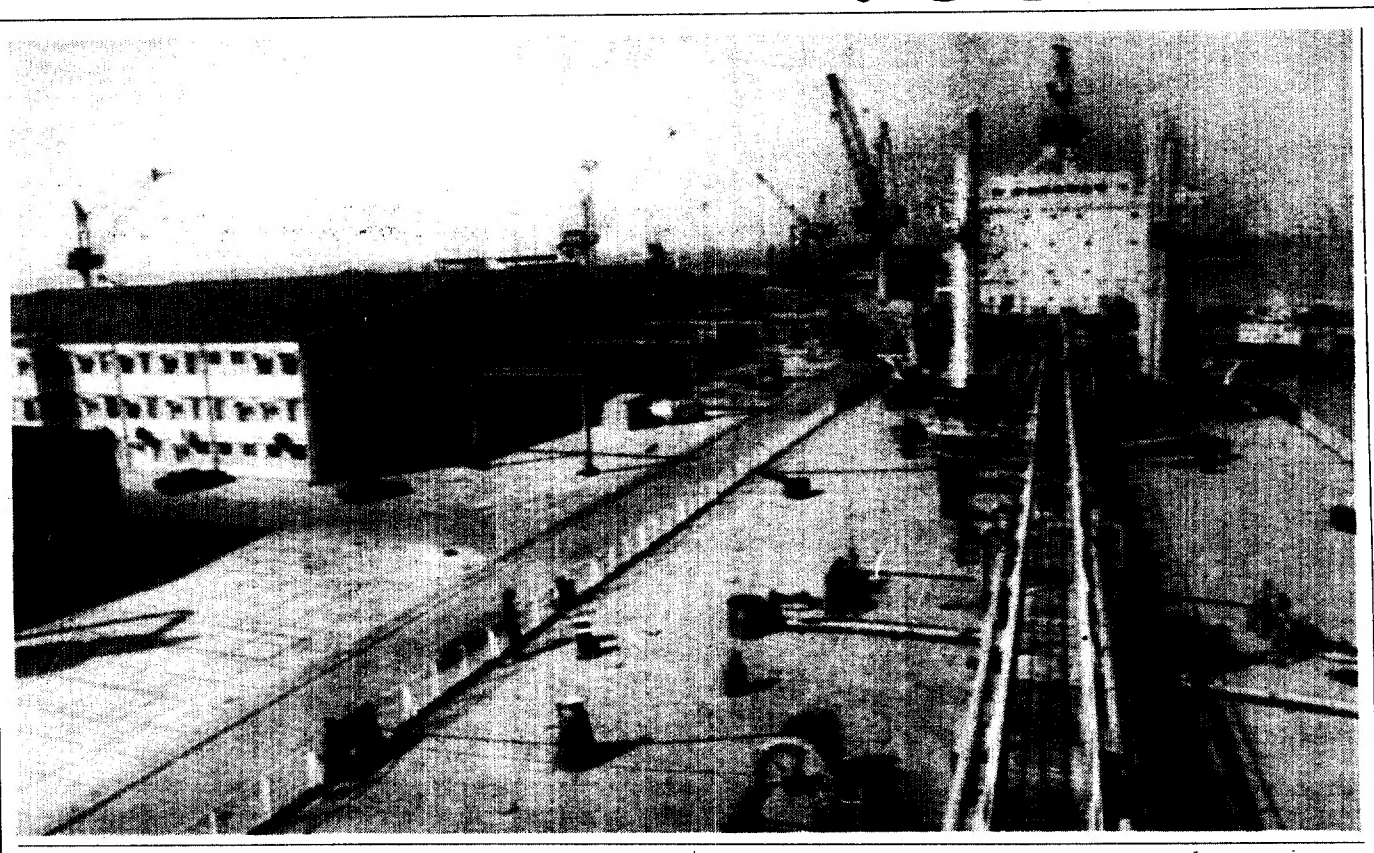
C.P./Gabinete de Design

Dê um mergulho no Algarve.
Ou venha almoçar a Lisboa.
De comboio, claro.

M U D A N Ç A S

O Golfo em perigo

Os seguradores serão os mestres do jogo petrolífero?



DEPOIS do ataque desencadeado pelo Iraque a um comboio de navios a norte do Golfo, os Lloyds de Londres anunciaram no dia 25 de Maio um forte aumento dos prémios de seguros. Receando uma extensão do conflito, Washing teria, segundo o New York Times, decidido o envio de mísseis solo-ar para a Arábia saudita.

O «**perigo escondido**» de uma escalada da guerra entre o Irão e o Iraque, seria a recusa pelos Lloyds de Londres, de assegurar os navios que se dirigem para o Golfo, afirmou o ministro saudita do petróleo. Cheikh Yamani, do dia 25 de Maio, em Genebra. «**Uma tal medida, acrescentou, traduzir-se-ia por um défice em petróleo da ordem dos 4 milhões de barris por dia e teria graves consequências no relançamento económico no ocidente**».

Se os Lloyds ainda não recusam assegurar os petroleiros com destino aos portos do norte do Golfo, eles decidiram, no dia 25 de Maio, um aumento de 150% dos prémios para os navios que se dirigem à zona de guerra, essencialmente nos portos iranianos que Kharg e Bushire.

Este novo aumento dos prémios — já tinham sido aumentos 50% no dia 17 de Maio — surgem depois do anúncio feito por Bagdad, dos estragos sofridos por seis a oito navios na região Khor Moussa, no extremo norte do Golfo. Uma notícia que não foi confirmada. Também aconteceu depois que o Safina Al Arab, um petroleiro de 360 000 toneladas, tocado por um míssil, foi declarado «**perda total**» pelos seus seguradores. A salvação, que diz respeito aos navios e não às cargas, tem o seguro de 3% a 7,5% do valor segurado, e o seguro só é válido durante o máximo de sete dias na zona de perigo. O prémio passou de 2% para 3% no dia 17 de Maio, e, fora do período de guerra, eleva-se geralmente a 0,75%.

A estratégia iraquiana de estrangulamento financeiro do Irão, começa a dar os seus frutos. As exportações petrolíferas de Teerão reduziram-se mais de metade num mês, e no dia 26 de Maio o sindicato dos marinheiros e os armadores japoneses pronunciaram-se de comum acordo contra o envio de navios para o norte do Golfo. A decisão de fretar navios carregados de petróleo bruto e de produtos químicos a norte de 27 e 30 de latitude deverá ser tomada depois de consulta do capitão do navio, do sindicato e dos armadores. A zona assim definida cobre o terço do Golfo.

O Irão, depois da visita a Teerão do vice-presidente sírio Abdel Halim Khaddam, insistiu na necessidade de «**evitar a extensão da guerra**». O presidente iraniano Ali Khomeiny, enviou a este respeito uma mensagem ao presidente Afez el Assad. «**Deixaremos a Arábia Saudita e o Koweit de lado desde que eles condenem o regime de Bagdad no que diz respeito à guerra**», disse ainda o Hodjatoleslam Arfsandjani, representante do íman Khomeiny no Conselho de segurança iraniano.

Em todo o caso, alguns responsáveis dos serviços secretos americanos acham que o Irão podia encarar a hipótese de estender o conflito utilizando «aviões-suícidas» contra as frotas ocidentais e as instalações petrolíferas sauditas. Uma tal eventualidade fora, de resto, mencionada, pelo Hodjatoleslam Arfsandjani há algumas semanas, e foi avançada pelos diplomatas americanos em Janeiro. Segundo o **New York Times,** para criar dificuldades a Washington reafirmou por outro lado que as suas reservas petrolíferas estratégicas (400 milhões de barris armazenados em minas de sal) seriam, se necessário, abertas aos países ocidentais. Os mercados petrolíferos continuam, de resto, calmos, mas o ministério italiano da indústria anunciou a criação de um plano de urgência para fazer face a eventuais carências nos abastecimentos.

Comentando a atitude americana neste conflito, a agência soviética Tass acusou, na tarde de 25 de Maio, Washington, de preparar «**uma intervenção directa**». Ela exprimiu a sua «**viva inquietação**» perante aquilo que qualificou de «**tentativas persistentes**» dos Estados Unidos explorarem a extensão desse conflito a fim de aumentar a sua presença militar no Golfo Pérsico.

Nas Nações Unidas, enfim, o conselho de segurança teve duas sessões sobre os acontecimentos do Golfo, no dia 25 de Maio, antes de adiar os seus trabalhos para 29 de Maio. Embargado por seis países moderados do Golfo — que manifestaram claramente sua oposição a toda e qualquer intervenção estrangeira na região —, o Conselho ouviu essencialmente a denúncia das agressões do Irão. A República Islâmica declarou que consideraria «nula» toda e qualquer resolução que não condenasse os ataques iraquianos no Golfo. O embaixador de Teerão na ONU atacou, entre outros a França. «**A França está em falta, mas continua a apoiar o Iraque porque receia não receber o dinheiro que emprestou**», **afirmou Khorassani.** ■

Preservar a diferença

Roland Schaer (*)

NO essencial, o discurso político sobre a Europa é o discurso do poder. Para ser franco: do poder passado, do poder ameaçado pelo dos outros, do poder ultrapassado. Quanto às culturas da Europa, teríamos muito a perder se nos deixarmos contaminar por ele: o discurso do poder é agora o oposto de um projecto cultural. Ele só se faz ouvir neste nosso templo desiludido, em fundo de desilusão, alimentado pela nostalgia das antigas glórias, pelo medo de ser batido pelos outros poderosos. Principalmente, e para além das aparências, é um discurso resignado, e a pensar, à falta de melhor, entregam-se, fatigadas, dos valores conservadores da sobrevivência, mesmo que seja num mero sobressalto. Não há razão para nos sentirmos orgulhosos.

De resto, não há identidade cultural europeia, a não ser, justamente, a que é simulada pelo discurso do poder. Não há identidade cultural da Europa: não porque ela falte mas precisamente porque nós fizemos, recentemente, a mais preciosa das descobertas, a da diferença. E que aplicamos a nós próprios como uma experiência cultural importante.

Não se pode então fugir ao sentimento de que a Europa é agora a sede de uma experiência humana inédita e decisiva, como que obrigada a inventar algo de novo. Experiência indecisa que, por isso mesmo, merece uma paixão. Experiência talvez comparável àquela que a América Livre teve de inventar há dois séculos.

Descobrimos pois a diferença, e ainda não sabemos o que fazer dela. Estamos neste ponto estranho em que a diferença já se inscreveu irremediavelmente nas nossas consciências, no campo em ruínas dos nossos imperialismos desfeitos, mas em que ainda não a sabemos gerir, como se se tratasse de um valor a imaginar. Essa situação exige, da Europa, a invensão de um pensamento.

Sabemos que a História não nos arrasta, como julgámos, num fluxo globalmente irreversível, no seio do qual as diferenças dariam simples estados transitórios, à espera do fim. Vejamos as culturas, as línguas, as regiões do saber: o que desapareceu sob os nossos olhos estupefactos foi a lei que, *a priori*, os ordenava. No estado livre as diferenças subsistem, nuas. Vejamos as curiosas e infrutíferas evoluções que se deram à volta da ideia de estrutura: por um lado a estrutura marcava a irredutível diferença daquilo que organizava; ela dava testemunho, por exemplo, de que uma língua sem referência a qualquer outra coisa, se sustentava com as suas próprias diferenças, para fazer sistema ameaçado de fechamento; por outro lado, e sem dúvida segundo a sua vocação primitiva, a noção de estrutura servia para libertar invariantes entre sistemas diferentes; mas à custa de trabalho e da perda do sentido. A pouco e pouco aprendemos a paciência perante a diferença.

Inventar novas razões

O que apaixona é o facto de ainda não termos razão positiva de querer a diferença, de termos de inventar novas razões, de querer poupar passagens entre continentes diferentes, da cultura e do saber.

Ainda não temos razão positiva de querer a diferença. Temos, e já é muito, razões negativas de a respeitar: é uma moral provisória a que resiste aos racismos, a que deixa o outro existir. Conseguimos a preciosa convicção de que é preciso preservar a paciência perante a diferença. Essa convicção é um tesouro, mesmo que não saibamos o que fazer dela.

Depois, temos um recurso antigo: o que consistiu em fingir, para além das diferenças, uma comunidade profunda, original ou futura. É a resposta que nos lega a nossa história, em volta da figura de uma essência do homem. Ela deixa-nos cépticos, devido à sua usura, e o horizonte de uma antropologia afasta-se como uma quimera. Está certo: ela serviu demasiado às conquistas, ao esmagamento das diferenças, foi o alibi de demasiados impérios.

Por fim, tivemos a inquietante solução do recuo perante a identidade. Sabemos o que é. Uma posição regressiva que traz em si a denominação do outro, quero dizer, os múltiplos racismos. Se o outro é finalmente o negativo, então fracassámos. Hoje essa ameaça é geral.

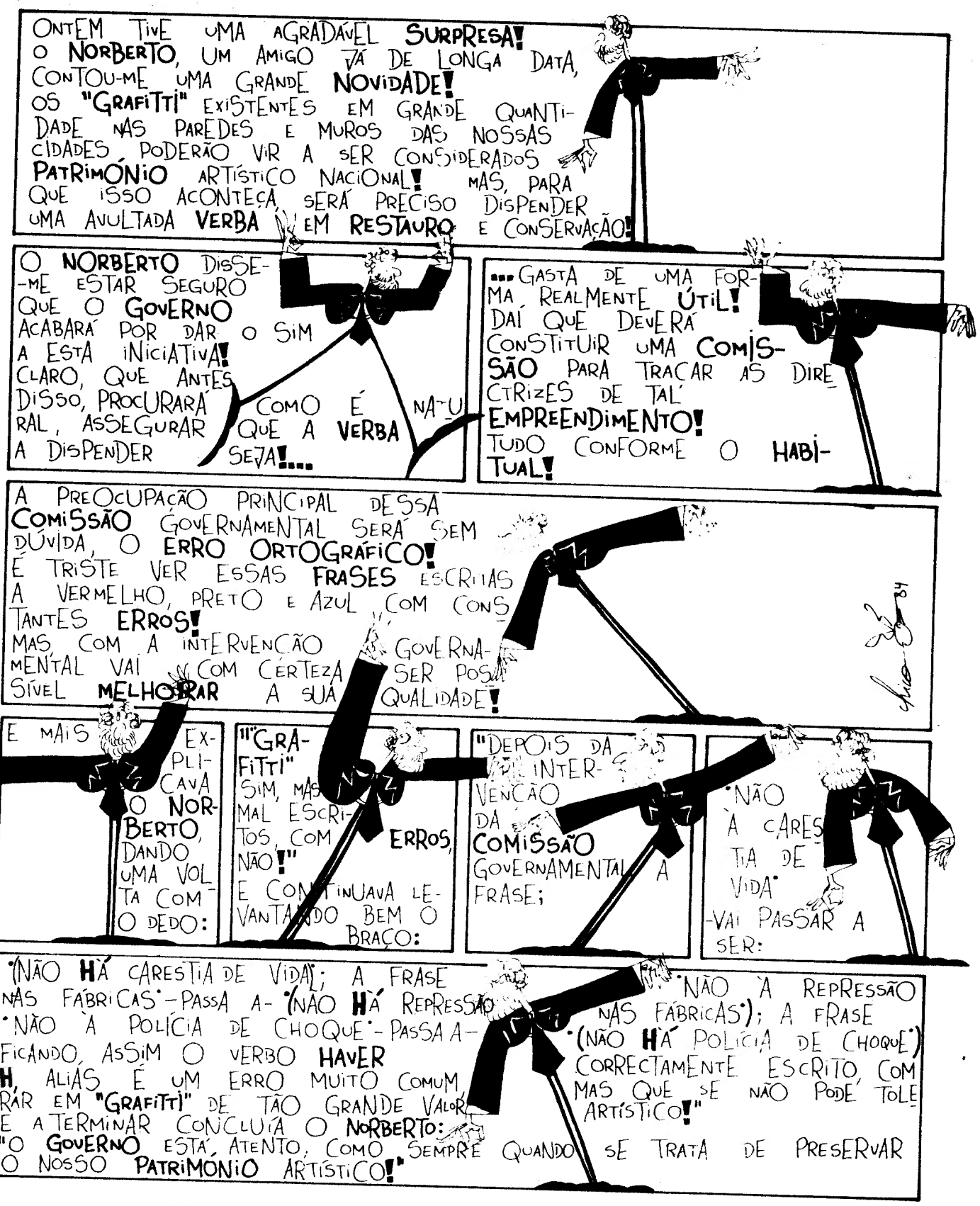
Em nome de que nos interessamos por aquilo que é radicalmente diferente? Talvez ainda tenhamos a sorte de poder fazer a pergunta, como um problema não resolvido.

Aos olhos de numerosas regiões do mundo, a Europa ainda fascina pela sua nova capacidade de preservar a diferença. É de recear, como à peste, que ela encontre uma identidade. Talvez o plano cultural ainda esteja ao abrigo do discurso da identidade que é o do poder. Mas é um desvio que espreita, porque os antropólogos, mesmo os mais bem interessados mostraram que era difícil viver com a diferença pura, como uma desordem. É uma nova dificuldade, uma dificuldade filosófica: que tenho que fazer contigo se nada temos em comum? Mesmo pensá-lo será suportável?

Alguns tentaram, há algumas décadas, reflectir neste caso, como num desafio ao pensamento e não como uma desgraça, renunciando a projectar o idêntico no quadro das origens ou no interior do futuro, tentando negociar passagens entre diferenças reconhecidas. É onde nos encontramos, tateando. Consideremos isto a nossa aventura.

(1) Professor de Filosofia, director do Instituto Francês, de Haia. ■

doces crónicas



Mensagens pessoais

Raquete Donnay/Discos Clássicos e Jazz

Raquete de ténis Donnay (capa e encordoamento c/mês de uso), 2500$00. Discos clássicos (Wagner, Chopin, Mozart, Ravel, etc) e Jazz (Jim Hall; Jan Garbarek e Milt Jackson) de 400$00 a 700$00. Telef. 2766150 (almoço ou jantar).

Bandolim

Compra-se Bandolim em bom estado. Telefone: 7588423

Publicidade

Pintam-se e executam-se: letras desenhos vários, bonecos Walt Disney em montras, toldos, viaturas, moradas em baldes de lixo CML etc, preços baixos rapidez e eficiência Orçamentos grátis. Envie dados para:
Apartado 2518
1113 Lisboa Codex

Nikon FE

Vendo corpo de máquina fotográfica Nikon FE, cromado, como nova, por 45 contos A. Simões de Melo Rua da Indústria, 14-3.º - Dt.º, 1300 Lisboa, telefone 634269 depois das 19h

Cais

● **A música brasileira volta esta semana ao Coliseu dos Recreios através de um dos seus maiores nomes: João Gilberto, o homem que, em conjunto com António Carlos Jobim e Vinicius de Morais, deu à luz a Bossa Nova. O autor de «Garota de Ipanema» e «Chega de Saudade» dará três concertos em Lisboa, acompanhado pela orquestra da RDP. Quinta, sexta e sábado, a partir das 21 e 30. Com a chuva convidando a ficar em casa, a RTP-2 oferece hoje um bom serão musical. Às 22 e 45, o concerto para piano e orquestra n.º 1, op. 15 de Brahms pela orquestra de Concertgebow. O solista é Atur Rubinstein.**

● **«As palavras dos labirintos» é o tema da conferência que amanhã, pelas 9 e 30 horas, terá lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. O professor Pierre Risenstihl, da «Maison des Sciences de l'Homme» de Paris, é o orador.**

● **«O Mistério de Oberwald», de Antonioni, é o filme da semana no que toca ao cinema «fora de horas». Pode ser visto, ou revisto, de hoje até quinta, às 23 e 30, no Quarteto. Na Cinemateca decorre um novo ciclo, desta vez dedicado a Tod Browning. Amanhã, os filmes a serem exibidos, às 18 e às 21 e 30, são «The White Tiger», «The Mystic», «Unholy Three» e «The Blackbird». Na quarta-feira, às mesmas horas, «The Road To Mandalay», «'he Show» e «The Unknown». Quarenta anos após o Dia D, a RTP-1 exibe, na quarta-feira, um filme de Raoul Walsh, cuja história decorre na Segunda Guerra Mundial. «Todos foram Valentes» é o nome do filme que conta com os actores Edmond O'Brien, Robert Stack, John Rodney e Tom D'Andrea. O cinema soviético sucede ao francês no AR.CO. «A Terra» de Vsevolod Poudovkine e «Tchapaiev» de Sergei Vassiliev são os filmes a serem exibidos, respectivamente, na quinta e sexta-feira, às 21 e 45.**

● **Se ainda não foi ver, não perca tempo e passe pela Gulbenkian onde se encontra «A Arte do Séc. XX num Museu Holandês». Picasso, Mondrian, Manzoni, Eidhoven e Miró são alguns dos muitos nomes presentes na exposição. Fotografias da autoria de Paul Den Hollander continuam a poder ser vistas no Módulo. ■**